



UM
ESCUDO
DE
ARMAS

LIVRO #8 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO

MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM ESCUDO DE ARMAS

(LIVRO #8 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série #1 e best-seller - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); da série #1 e best-seller - O ANEL DO FEITICEIRO, composta por quatorze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: Alemão, Francês, Italiano, Espanhol, Português, Japonês, Chinês, Sueco, Holandês, Turco, Húngaro, Checo e Eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com, faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter e permaneça em contato!

Crítica aclamada sobre Morgan Rice

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

--*Books and Movie Reviews, Roberto Mattos.*

"Rice faz um trabalho magnífico ao atrair você para a história desde o início, utilizando uma grande qualidade descritiva que transcende a mera imagem do cenário... Muito bem escrito e de uma leitura extremamente rápida."

--*Black Lagoon Reviews (referindo-se a Transformada)*

"Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho, dando uma interessante reviravolta na trama... Refrescante e original. As séries giram em torno de uma garota... Uma jovem extraordinária!... Fácil de ler, mas com um ritmo de leitura extremamente acelerado... Classificação 12 pelo MJ/DEJUS."

--*The Romance Reviews (referindo-se a Transformada)*

"Captou a minha atenção desde o início e eu não pude soltá-lo... Esta é uma história de aventura incrível que combina agilidade e ação desde o início. Você não encontrará nela nenhum momento maçante."

--*Paranormal Romance Guild (referindo-se a Transformada)*

"Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente."

--*Vampirebooksite.com (referindo-se a Transformada)*

"Uma ótima trama, este é especialmente o tipo de livro que lhe dará trabalho soltar à noite. O final é tão intrigante e espetacular que fará com que você queira comprar imediatamente o livro seguinte, só para ver o que acontecerá."

--*The Dallas Examiner (referindo-se a Amada)*

"Um livro que é um rival digno de CREPÚSCULO (TWILIGHT) e AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS (VAMPIRE DIARIES) e que fará com que você deseje continuar lendo sem

parar até a última página! Se você curte aventura, amor e vampiros este é o livro ideal para você!”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Transformada*)

“Morgan Rice mais uma vez mostra ser uma narradora extremamente talentosa... Esta narrativa atrairá uma grande variedade de público, incluindo os fãs mais jovens do gênero vampiro/fantasia. Terminou com uma situação de suspense tão inesperada que o deixará chocado.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Amada*)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

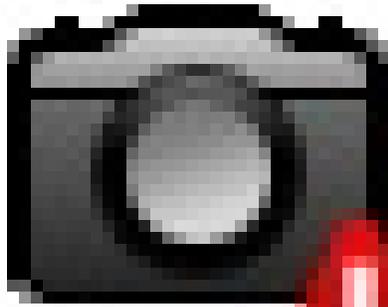
- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)
- UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)





Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!!

Agora disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Copyright © Morgan Rice 2013

Todos os direitos reservados. Exceto os permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Caso você deseje compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação da autora ou são utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem da capa é de Razzomgame, e usada sob licença da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

“Minha honra é minha vida; meu futuro de ambas dependem.
Serei homem morto se me privarem da honra.”

--William Shakespeare
Ricardo II

CAPÍTULO UM

Gwendolyn protegeu-se contra o vento frio e fustigante quando ela parou à beira do Canyon e deu seu primeiro passo sobre a ponte arqueada que se estendia sobre a Travessia do Norte. Aquela ponte precária e oscilante, coberta de gelo, estava feita de cordas e tábuas de madeira e dava a impressão de que não poderia suportar o peso deles. Gwen agachou-se ao dar seu primeiro passo.

Gwen escorregou, estendeu a mão e agarrou-se a varanda, a qual balançava e era de pouca ajuda. Seu coração ficou apertado ao constatar que aquela ponte precária era seu único caminho para cruzar para o lado Norte, entrar no Mundo Inferior e encontrar Argon. Ela olhou adiante e viu à distância o Mundo Inferior convidando-a, um lençol de neve cegante. A travessia se via cada vez mais nefasta.

Uma rajada súbita de vento golpeou a ponte e a corda balançou violentamente, Gwendolyn se encontrou agarrada à varanda com ambas as mãos e ajoelhada. Por um momento, ela duvidou que pudesse sustentar-se, ou até mesmo cruzar a ponte. Ela percebeu que a travessia era muito mais perigosa do que tinha pensado e que todos estavam arriscando suas vidas ao tentar cruzá-la.

“Majestade?” Disse uma voz.

Gwen se virou e viu Aberthol parado a uma distância curta, ao lado de Steffen, Alistair e Krohn, todos eles esperavam para segui-la. Os quatro compunham um grupo bastante peculiar, equilibrando-se ali na borda do mundo e enfrentando um futuro incerto ou uma provável morte.

“Nós realmente devemos tentar cruzar isso?” Perguntou ele.

Gwendolyn virou-se e olhou de volta para a neve e o vento fustigante diante dela; ela enrolou as peles ao redor de seus ombros mais apertadamente enquanto tremia. Secretamente, ela não desejava cruzar a ponte; ela não desejava prosseguir aquela jornada. Ela realmente preferia retirar-se para a segurança do seu lar da infância, a Corte do Rei, permanecer detrás de suas muralhas protetoras diante de um cálido fogo e não ter de contemplar

nenhum dos perigos e preocupações que a haviam absorvido desde que ela havia se tornado rainha.

No entanto, ela já não poderia fazer isso. A Corte do Rei já não existia mais; sua infância havia passado; ela era a rainha agora. Ela estava esperando um bebê, tinha um futuro esposo em algum lugar mundo afora e eles precisavam dela. Por Thorgrin, ela pisaria sobre o fogo se isso fosse preciso. Gwen estava certa de que isso seria realmente necessário. Todos eles precisavam de Argon – não apenas ela e Thor, mas o Anel inteiro. Todos eles estavam lutando, não somente contra Andronicus, mas também contra uma magia poderosa, poderosa o suficiente para prender Thor e sem Argon, Gwen não sabia se eles realmente poderiam combatê-la.

“Sim!” Ela respondeu. “Nós devemos.”

Gwen preparou-se para dar mais um passo e dessa vez Steffen se colocou apressadamente diante dela, bloqueando o seu caminho.

“Majestade, por favor, permita-me ir adiante.” Disse ele. “Nós não sabemos que coisas aterrorizantes nos esperam nesta ponte.”

Gwendolyn estava comovida com sua oferta, mas ela se aproximou e gentilmente o empurrou para um lado.

“Não.” Disse ela. Eu irei na frente.

Ela não perdeu tempo, em vez disso deu um passo à frente agarrando-se firmemente à corda da varanda.

Quando Gwen deu mais um passo, ela foi invadida pela sensação gélida em sua mão, o frio do gelo penetrou-a, sua sensação fria atingia suas mãos e braços. Ela respirava com dificuldade, sem saber se poderia sequer agarrar-se com firmeza.

Houve outra rajada de vento, ela fez com que a ponte balançasse para um lado e para outro e forçou Gwen a agarrar-se com muito mais força e suportar a dor causada pelo gelo. Ela lutou com todas as suas forças para manter o equilíbrio quando o seu pé escorregou nas tábuas cobertas de gelo, sob seus pés. A ponte pendeu bruscamente para a esquerda e por um breve instante Gwen esteve segura de que cairia pela tangente. A ponte voltou a sua posição normal e logo depois balançou para a posição contrária.

Gwen se ajoelhou novamente. Ela mal havia avançado três metros e seu coração já batia tão descompassado que ela quase não

podia respirar, suas mãos estavam tão dormentes que ela quase não podia senti-las.

Ela fechou os olhos, respirou fundo e pensou em Thor. Ela visualizou o rosto dele, cada ângulo dele. Ela aferrou-se ao amor que sentia por ele, a sua determinação de libertá-lo sem importar o que fosse necessário para isso

Sem importar o que fosse necessário para isso.

Gwendolyn abriu os olhos e forçou-se a dar vários passos para a frente, agarrando-se firmemente à varanda, dessa vez disposta a não parar diante de nada. O vento e a neve poderiam arrastá-la para as profundezas do Canyon. Porém ela já não se importava mais. Já não se tratava mais do bem-estar dela. Tratava-se do amor de sua vida. Por ele, ela faria qualquer coisa.

Gwendolyn sentiu o peso da ponte oscilando detrás dela, ela olhou para trás e viu Steffen, Aberthol, Alistair e Krohn seguindo-a. Krohn deslizava em suas patas e se apressou para passar à frente dos outros, esgueirando-se para um lado e outro até que ele chegou ao lado de Gwendolyn.

“Eu não sei se eu consigo fazer isso.” Aberthol exclamou com sua voz cansada, depois de dar uns poucos passos vacilantes.

Ele ficou ali, seus braços tremiam enquanto ele se agarrava à corda, era um homem idoso e fraco que mal podia se aguentar.

“Sim, você vai conseguir.” Disse Alistair, colocando-se ao lado dele e passando um braço ao redor de sua cintura. “Eu estou aqui. Não se preocupe.”

Alistair caminhou com ele, ajudando-o a avançar, o grupo prosseguiu sua caminhada e avançava pela ponte dando um passo de cada vez.

Gwen, mais uma vez, estava admirada com a fortaleza de Alistair diante da adversidade; admirada com sua natureza calma e sua bravura. Ela também irradiava um poder que Gwendolyn não entendia. Gwen não podia explicar porque ela se sentia tão achegada a Alistair, mas no curto tempo que fazia que elas tinham se conhecido, Gwen já a queria como a uma irmã. Ela derivava forças da presença de Alistair e também de Steffen.

Houve uma calmaria no vento e eles puderam avançar mais rapidamente. Logo eles haviam atravessado a metade da ponte e se moviam mais rápido. Gwen já estava mais prática com as tábuas de madeira escorregadias e eles já podiam avistar o outro lado do Canyon, a cerca de apenas cinquenta metros. O coração de Gwen começou a encher-se de otimismo. Eles iam conseguir chegar, depois de tudo.

Uma nova rajada de vento os golpeou, ela foi bem mais forte do que as anteriores, tão forte que forçou Gwen a ficar de joelhos e agarrar a corda com as duas mãos. Ela se agarrou com toda a sua alma quando a ponte balançou em um ângulo de quase noventa graus e logo depois balançou novamente com a mesma violência. Gwen sentiu que uma das tábuas se soltou debaixo de seus pés e gritou quando sua perna ficou metida até a coxa, no espaço vazio entre as tábuas de madeira da ponte. Ela se remexia tentando sair, mas não conseguia.

Gwen se virou e viu quando Aberthol perdeu sua força, se soltou de Alistair e começou a escorregar para a borda da ponte. Alistair reagiu rapidamente, ela estirou o braço e agarrou o pulso dele, segurando-o justo antes que ele caísse pela borda.

Alistair se inclinou sobre a borda da ponte, segurando firme o pulso de Aberthol enquanto ele balançava abaixo dela, suspenso sobre o nada, nada além do abismo do Canyon. Alistair lutava para sustentá-lo e Gwen rezava para que a corda não cedesse. Ela se sentia tão inútil, presa ali, entalada entre as duas tábuas. Seu coração batia loucamente enquanto ela tentava se soltar.

A ponte se sacudia violentamente e Alistair e Aberthol sacudiam junto com ela.

“Solte-me!” Aberthol exclamou. “Salve-se você!”

O bastão de Aberthol deslizou de sua mão e despencou pelos ares, dando voltas sobre si mesmo enquanto caía nas profundezas do Canyon. Agora tudo o que ele tinha era o bastão que estava atado às suas costas.

“O senhor vai estar bem.” Alistair disse calmamente.

Gwen ficou surpresa ao ver Alistair tão equilibrada, tão confiante.

“Olhe nos meus olhos.” Alistair instruiu firmemente.

“O quê?” Aberthol gritou em meio ao vento.

“Olhe nos meus olhos.” Alistair ordenou com mais firmeza em sua voz.

Havia algo em seu tom de voz que comandava os homens, Aberthol olhou para ela. Seus olhos se encontraram e assim que isso aconteceu, Gwendolyn observou um raio de luz emanar dos olhos de Alistair e brilhar até os olhos de Aberthol. Ela observou com incredulidade quando o brilho envolveu Aberthol, logo Alistair se inclinou para trás e com um forte puxão, ela arrastou Aberthol de volta para a ponte.

Aberthol ficou ali, atordoado, respirando com dificuldade, ele olhava para Alistair admirado; em seguida, ele virou-se e imediatamente agarrou a corda da varanda com as duas mãos, antes que outra rajada de vento viesse.

“Majestade!” Steffen exclamou.

Ele ajoelhou-se sobre ela, em seguida estendeu a mão, agarrou seus ombros e puxou com toda a sua força.

Gwen começou a desentalar-se lentamente das tábuas, mas quando ela já estava prestes a se soltar, sua mão escorregou da mão gelada de Steffen; ela caiu novamente ficou ainda mais entalada onde tinha estado. De repente, uma segunda tábua se soltou debaixo de Gwendolyn e ela gritou quando sentiu que começava a despencar.

Gwendolyn estendeu a mão e agarrou a corda com uma mão e o pulso de Steffen com a outra. Ela tinha a sensação de que seus ombros estavam sendo arrancados de suas articulações, enquanto balançava em pleno ar. Steffen agora pendia também, ele estava inclinado sobre a borda com suas pernas entrelaçadas, arriscando sua vida para impedir que Gwendolyn caísse, as cordas estavam a ponto de quebrar-se atrás dele, elas eram a única coisa que os sustentavam.

Chegou até eles o som de um rosnado, Krohn saltou para frente e afundou suas presas na pele do manto de Gwen e puxou-a para trás com todas as forças, ao mesmo tempo em que rosnava e ganhava.

Lentamente, Gwen foi içada, centímetro a centímetro, até que finalmente ela foi capaz de agarrar-se às tábuas da ponte. Ela arrastou-se para cima e ficou deitada de costas, exausta, respirando com dificuldade.

Krohn lambeu seu rosto vez após vez, Gwen recuperava o fôlego, muito grata a ele e a Steffen, quem agora estava ao lado dela. Ela estava tão feliz por estar viva, por ter sido salva de uma morte horrível.

Mas de repente, Gwendolyn ouviu um barulho e sentiu quando a ponte inteira se sacudiu. Seu sangue gelou quando ela se virou e olhou para trás: uma das cordas que sustentava a ponte do Canyon havia se partido.

Toda a ponte estremeceu, Gwen observou com horror quando a outra corda começou a se partir também, a ponte agora pendia praticamente de um fio.

Todos eles gritaram quando repentinamente a metade da ponte se desprende da parede do Canyon; a ponte balançou todos eles tão rápido que Gwen mal conseguia respirar enquanto todos voavam pelo ar com a velocidade da luz, em direção ao outro lado da parede do Canyon.

Gwen olhou para cima e viu a parede rochosa que se aproximava em um borrão; ela soube que em alguns momentos todos seriam mortos pelo impacto; seus corpos seriam esmagados e que tudo o que restasse deles despencaria para as profundezas da terra.

“Rocha, abra passo! Eu lhe ordeno!” Gritou uma voz cheia de autoridade primordial, era uma voz diferente de qualquer outra que Gwen tinha ouvido.

Ela olhou para ver Alistair segurando a corda, estendendo a palma da mão, olhando fixamente e sem medo para a falésia que estavam prestes a impactar. Da palma da mão de Alistair emanava uma luz amarela, quando eles chegaram mais perto da parede do Canyon, Gwendolyn preparou-se para o impacto, ela ficou chocada com o que aconteceu depois.

Diante de seus olhos, a face sólida da rocha do Canyon mudou para a neve. Quando todos eles impactaram, Gwendolyn não sentiu

o ruído do rompimento dos ossos que ela esperava. Em vez disso, ela sentiu seu corpo inteiro imerso em uma parede de neve leve e macia. A parede era muito fria e cobriu-a completamente, metendo-se em seus olhos, nariz e ouvidos, no entanto, não a havia machucado.

Ela estava viva.

Todos eles balançavam ali, a corda ficou pendurada no topo do Canyon, imersa na parede de neve. Gwendolyn sentiu uma mão forte agarrar-lhe o pulso, era Alistair. Sua mão estava estranhamente quente, apesar do frio. Alistair já tinha de alguma forma agarrado os outros também, logo estavam todos, incluindo Krohn, quem havia sido puxado para cima por ela, enquanto Alistair subia pela corda como se ela fosse nada.

Finalmente eles chegaram ao alto da parede e Gwen desabou no chão, na terra firme, do outro lado do Canyon. No exato segundo em que eles subiram, as cordas restantes se partiram e o que restava da ponte despencou para baixo, caindo em meio à neblina, para as profundezas do Canyon.

Gwendolyn ficou ali, respirando com dificuldade, muito grata por estar em terra firme novamente, perguntando-se o que havia acontecido. O chão era gélido, estava coberto de gelo e neve, mas mesmo assim era terra firme. Ela estava fora da ponte e, estava viva. Eles haviam conseguido cruzar, graças a Alistair.

Gwendolyn se virou e olhou para Alistair com um novo sentimento de admiração e respeito. Ela estava grata por tê-la ao seu lado, muito mais do que poderia expressar. Ela realmente sentia que Alistair era a irmã que ela nunca tinha tido. Gwen tinha a sensação de que ainda não tinha sequer começado a ver a profundidade do poder de Alistair.

Gwen não tinha ideia de como eles iriam regressar para o Anel quando todos terminassem sua missão ali — se é que eles conseguiriam realizar isso, se eles realmente poderiam encontrar Argon e levá-lo de volta. Enquanto Gwen olhava para a parede de neve ofuscante à sua frente, a entrada para o Mundo Inferior, ela teve a sensação de que os obstáculos mais difíceis ainda estavam por vir.

CAPÍTULO DOIS

Reece estava parado ali, na Travessia Oriental do Canyon, agarrando-se ao corrimão de pedra da ponte e olhando para baixo do precipício, horrorizado. Ele mal podia respirar. Ele ainda não podia acreditar no que acabava de presenciar: a Espada do Destino, incrustada em uma pedra, havia caído sobre a borda e agora estava despencando e girando sobre si mesma enquanto era engolida pela névoa.

Ele ficou ali aguardando por um bom tempo, esperando ouvir o golpe e sentir o tremor do impacto sob seus pés. Mas, para sua surpresa, o barulho nunca se ouviu. Seria o Canyon de fato sem fundo? Esses rumores seriam verdadeiros?

Finalmente Reece soltou a varanda, os nós dos seus dedos estavam brancos, ele soltou a respiração, virou-se e olhou para seus companheiros da Legião. Todos eles estavam ali: O'Connor, Elden, Conven, Indra, Serna e Krog. Todos eles também olhavam horrorizados. Os sete haviam ficado paralisados no lugar, nenhum deles podia compreender o que havia acabado de acontecer. A Espada do Destino: a lenda com a qual todos eles haviam crescido; a arma mais importante do mundo; propriedade dos reis e a única coisa que mantinha o escudo ativo.

Ela tinha simplesmente deslizado de suas mãos, e caído no vazio.

Reece sentia que tinha falhado. Ele sentia que tinha decepcionado não apenas Thor, mas o Anel inteiro. Por que eles não puderam chegar lá apenas alguns minutos mais cedo? Apenas mais alguns metros, e ele teria salvado a espada.

Reece se virou e olhou para o outro lado do Canyon, o lado do Império, ele se preparou para o pior. Com a espada perdida, ele esperava que o escudo ficasse inativo; esperava que os soldados do Império, todos alinhados no outro lado, de repente atravessassem para o lado do Anel em debandada. Mas uma coisa curiosa aconteceu: enquanto ele observava, nenhum deles entrou na ponte. Um deles tentou e logo foi esmiuçado.

De alguma forma, o escudo ainda estava ativo. Ele não podia compreender.

“Não faz sentido...” Reece disse aos demais. “A Espada deixou o Anel. Como pode o escudo ainda estar ativo?”

“A espada não saiu do Anel.” O’Connor sugeriu. “Ela ainda não cruzou até o outro lado do Anel. Ela caiu direto para baixo. Ela está presa entre dois mundos.”

“Então o que vai ser do escudo se a espada não está nem aqui, nem lá?” Elden perguntou.

Todos se entreolharam admirados. Ninguém sabia a resposta; aquele era um território inexplorado.

“Nós não podemos simplesmente ir embora.” Reece falou. “O Anel estaria seguro com a espada do nosso lado, mas não sabemos o que vai acontecer se a espada permanecer lá embaixo.”

“Enquanto ela não estiver em nosso poder, nós não saberemos se ela poderá acabar do outro lado.” Elden acrescentou, concordando.

“Esse é um risco que nós não podemos correr.” Disse Reece. “O destino do Anel repousa sobre ela. Nós não podemos voltar de mãos vazias, como uns fracassados.”

Reece se virou e olhou para os outros, decidido.

“Nós devemos recuperá-la.” Ele concluiu. “Antes que alguém mais faça isso.”

“Recuperá-la?” Krog perguntou, horrorizado. “Você é um tolo? Como exatamente, pretende fazer isso?”

Reece se virou e olhou fixamente para Krog, quem o olhou de volta, desafiador como sempre. Krog tinha se transformado em uma verdadeira pedra no sapato de Reece, desafiando seu comando em cada oportunidade, desafiando seu poder em cada canto. Reece estava perdendo a paciência com ele.

“Nós a recuperaremos.” Reece insistiu. “... Nós vamos descer para o fundo do Canyon.”

Os outros ficaram sem fala, Krog colocou as mãos nos quadris e fez uma careta.

“Você está louco.” Disse ele. “Ninguém jamais desceu até as profundezas do Canyon.”

“Ninguém sabe sequer *se* ele tem fundo.” Serna entrou na conversa. “Até onde sabemos, a espada despencou em uma nuvem e ainda está descendo enquanto estamos aqui falando.”

“Bobagem.” Reece retrucou. “Tudo deve ter um fundo. Até o mar.”

“Bem, mesmo que o fundo exista...” Krog retrucou. “... De que adianta, se ele está tão longe que nós não podemos ver nem ouvir? Poderia levar dias para que o alcançássemos, talvez até semanas.”

“Sem contar com fato de que não seria exatamente um passeio.” Serna disse. “Você não viu os penhascos?”

Reece se virou e examinou os penhascos, as paredes antigas e rochosas do Canyon, parcialmente escondidas nas brumas serpenteantes. Elas eram retas, verticais. Ele sabia que todos estavam certos; não seria nada fácil. No entanto, ele também sabia que eles não tinham escolha.

“É ainda pior...” Reece replicou. “Aquelas paredes também são mais lisas devido à névoa. E mesmo que possamos chegar ao fundo, é provável que não possamos voltar para cima nunca mais.”

Todos olharam fixamente para ele, perplexos.

“Então você mesmo concorda que é loucura tentar.” Disse Krog.

“Eu concordo que é uma loucura.” Reece disse com sua voz firme, cheia de autoridade e confiança. “Mas foi para loucuras como essa que nós nascemos. Não somos meros homens; Não somos meros cidadãos do Anel. Nós somos uma raça especial: nós somos soldados. Somos guerreiros. Somos homens da Legião. Fizemos um voto, um juramento. Nós juramos que nunca recuaríamos diante de uma missão só porque ela é muito difícil ou perigosa, prometemos que nunca hesitaríamos mesmo que nossos esforços pudessem causar-nos danos. Quem se acovarda e se esconde são os fracos, não nós. É isso que nos *torna* guerreiros. Essa é a verdadeira essência do valor: você embarca em uma causa maior do que si mesmo porque essa é a coisa certa a fazer, a única coisa digna a fazer, mesmo que isso chegue a ser impossível. Depois de tudo, não é a conquista que torna algo valoroso, mas sim a tentativa de conquistar. Ela é maior do que nós. Ela é o que somos.”

Um silêncio pesado se fez enquanto o vento soprava e os outros ponderavam suas palavras.

Finalmente, Indra deu um passo à frente.

“Eu estou com Reece.” Disse ela.

“Eu também.” Elden acrescentou, dando um passo à frente.

“E eu.” O’Connor acrescentou, colocando-se ao lado de Reece.

Conven colocou-se em silêncio ao lado de Reece, agarrando o cabo de sua espada, ele virou-se e olhou para os outros. “Por Thorgrin...” Disse ele. “... Eu iria até os confins da terra.”

Reece se sentiu encorajado por ter seus leais e verdadeiros membros da Legião do seu lado, eles eram pessoas que haviam se tornado muito achegadas a ele, eram como sua família. Todos haviam se aventurado juntos até os confins do Império. Os cinco estavam ali e olhavam para os dois novos membros da Legião, Krog e Serna; Reece se perguntava se eles se juntariam ao grupo. Eles poderiam usar as mãos extras; mas se eles quisessem voltar, então que assim fosse. Ele não pediria duas vezes.

Krog e Serna ficaram parados, olhando para eles, inseguros.

“Eu sou uma mulher...” Indra disse-lhes. “Vocês já zombaram de mim antes por isso. E mesmo assim, aqui estou, pronta para o desafio próprio de um guerreiro, enquanto vocês estão parados aí, com todos os seus músculos, zombando com medo.”

Serna resmungou irritado, sacudindo seus longos cabelos castanhos para trás, removendo-os de seus olhos, logo ele deu um passo à frente.

“Eu vou.” Disse ele. “Mas só por causa de Thorgrin.”

Krog foi o único que ficou ali, com o rosto vermelho e desafiador.

“Vocês são uns idiotas.” Disse ele. “Todos vocês.”

Mas ainda assim, ele deu um passo à frente e juntou-se ao grupo.

Reece, satisfeito, virou-se e levou-os até a beira do Canyon. Não havia mais tempo a perder.

Reece agarrou-se a um lado do penhasco enquanto ele avançava pelo seu caminho para baixo, os outros o seguiam e estavam a vários metros acima dele, todos eles fazendo a dolorosa descida, iniciada há horas. O coração de Reece martelava enquanto ele se esforçava para manter o equilíbrio; seus dedos estavam em carne viva e adormecidos devido ao frio, os pés dele deslizavam sobre a rocha escorregadia. Ele não esperava que fosse tão difícil. Ele havia olhado bem para baixo, estudado o terreno e a forma da rocha, e tinha notado que em alguns lugares, ela era totalmente reta, perfeitamente lisa e impossível de escalar; em outros lugares a rocha estava coberta por um musgo denso, e ainda em outros ela tinha uma inclinação serrilhada, reentrâncias, saliências, buracos e cantos nos quais era possível colocar os pés e as mãos. Ele tinha ainda descoberto um pequeno patamar onde podiam tomar um descanso ocasional.

No entanto, a escalada real tinha demonstrado ser muito mais difícil do que parecia. A névoa obscurecia continuamente o campo visual. Reece engoliu em seco e olhou para baixo, ele estava tendo muito trabalho para encontrar pontos de apoio para os pés. Sem contar que mesmo depois de todo aquele tempo de escalada, o fundo, se é que ele realmente existia, permanecia fora da vista.

Interiormente, Reece estava sentindo um medo crescente, uma segura na garganta. Uma parte dele se perguntava se ele não teria cometido um erro grave.

Mas ele não se atrevia a mostrar seu medo aos outros. Com Thor ausente, ele era o líder agora e precisava dar o exemplo. Ele também sabia que ceder aos seus medos não lhe serviria de nada. Ele precisava permanecer firme e manter o foco; ele sabia que o medo só iria prejudicar suas habilidades.

As mãos de Reece tremiam enquanto ele se sustentava. Ele disse a si mesmo que devia esquecer o que estava abaixo e concentrar-se apenas no que estava diante dele.

Apenas um passo de cada vez. Ele dizia para si mesmo. Ele sentiu-se melhor encarando as coisas dessa maneira.

Reece encontrou outro ponto de apoio deu mais um passo para baixo, e logo depois outro, finalmente ele encontrou-se aumentando

o ritmo.

“CUIDADO!” Alguém gritou.

Reece se preparou quando pequenas pedras começaram a cair ao seu redor, golpeando sua cabeça e seus ombros. Ele olhou para cima e viu uma grande rocha que vinha despencando; ele esquivou a rocha por um triz.

“Desculpe!” O’Connor gritou para baixo. “Pedras soltas!”

O coração de Reece estava martelando quando ele olhou de volta para baixo e tentou manter a calma. Ele estava morrendo de vontade de saber onde o fundo estava; ele estendeu a mão, pegou uma pequena pedra que havia caído em seu ombro, olhou para baixo e atirou-a.

Ele ficou observando, esperando para ver se a pedra fazia algum barulho.

Ela nunca fez.

Seu mau presságio se intensificou. Ainda não se tinha noção nenhuma de onde o Canyon terminava e com as mãos e os pés já tremendo, ele não sabia se eles poderiam chegar. Reece engoliu em seco, todo tipo de pensamentos dava voltas em seu cérebro enquanto ele continuava. E se Krog tivesse razão? E se realmente não houvesse fundo? E se aquela fosse uma missão imprudente e suicida?

Reece deu mais um passo, ele desceu vários metros e estava ganhando força novamente; de repente, ele ouviu o som de um corpo raspando as rochas, em seguida ele ouviu alguém gritar. Houve uma comoção ao lado dele, ele olhou e viu que Elden estava começando a cair e passou escorregando ao lado dele.

Reece instintivamente estendeu uma das mãos e conseguiu agarrar o pulso de Elden enquanto ele deslizava e caía ao lado dele. Felizmente, Reece estava apoiado firmemente na parede do penhasco com sua outra mão, então ele foi capaz de segurar Elden com força e evitar que ele caísse. No entanto, Elden pendia e era incapaz de encontrar um ponto de apoio. Elden era muito grande e pesado e Reece sentia que estava perdendo sua força.

Indra apareceu, ela desceu rapidamente, estendeu a mão e agarrou o outro pulso de Elden. Elden tentava se acomodar, mas não

conseguia encontrar nenhum ponto de apoio.

“Eu não consigo encontrar um ponto de apoio!” Elden gritou de volta, com pânico em sua voz. Elden mexia as pernas freneticamente e Reece temia que ele próprio perdesse seu equilíbrio e acabasse caindo junto com Elden. Ele pensou rápido.

Reece lembrou-se do gancho e da corda que O’Connor lhe havia mostrado antes de sua descida, as ferramentas típicas de quem costumava escalar paredes durante um cerco. *Em caso de precisão*, O’Connor tinha dito.

“O’Connor, sua corda!” Reece gritou. “Jogue-a para baixo!”

Reece olhou para cima e viu O’Connor puxar a corda da cintura, inclinar-se para trás e meter o gancho em uma reentrância na parede. Ele fincou o gancho com todas as suas forças, testou-o várias vezes e em seguida, jogou-o para baixo. A corda ficou pendurada paralelamente a Reece.

Ela não poderia ter vindo em melhor momento. A mão escorregadia de Elden estava deslizando da mão de Reece e ele começou a cair para trás, Elden estendeu a mão e agarrou a corda. Reece prendeu a respiração, rezando para que a corda o aguentasse.

A corda aguentou. Elden foi subindo por ela lentamente, até que finalmente ele encontrou um bom ponto de apoio. Ele ficou em uma espécie de patamar, respirando com dificuldade, de volta ao seu antigo equilíbrio. Ele soltou um profundo suspiro de alívio, e o mesmo fez Reece. Tinha sido por um triz.

*

Eles continuaram descendo, Reece já não sabia por quanto tempo. O céu ficou mais escuro e Reece pingava de suor apesar do frio, sentindo que qualquer momento poderia ser o último. Suas mãos e pés tremiam violentamente e o som de sua própria respiração enchia seus ouvidos. Ele se perguntava por quanto tempo eles seriam capazes de resistir. Ele sabia que se não encontrassem o fundo em breve, todos teriam de parar e descansar, especialmente

quando a noite caísse. Mas o problema era que não havia nenhum lugar para parar e descansar.

Reece não podia evitar imaginar o que seria deles se todos ficassem muito exaustos, se todos os outros simplesmente começassem a cair, um de cada vez.

Houve um grande estrondo de rochas e, em seguida, uma pequena avalanche; toneladas de pequenas pedras choveram e caíram sobre a cabeça, rosto e olhos de Reece. Seu coração parou quando ele ouviu um grito diferente, dessa vez era um grito de morte. Com o canto do olho, ele viu um corpo despencando e passando por ele, quase mais rápido do que ele poderia processar.

Reece estendeu a mão para agarrá-lo, mas tudo aconteceu muito rápido. Tudo o que ele pôde fazer foi virar-se e ver Krog, no ar, debatendo-se, gritando, caindo para trás, diretamente para baixo, direto para o nada.

CAPÍTULO TRÊS

Kendrick estava montado em seu cavalo, ao lado de Erec, Bronson e Srog, na frente de seus milhares de homens pronto para encarar Tirus e o Império. Eles tinham caminhado direto para uma armadilha. Eles haviam sido enganados por Tirus, e Kendrick percebia agora, tarde demais, que tinha sido um grande erro confiar nele.

Kendrick levantou os olhos e viu a sua direita os dez mil soldados do Império, lá na parte alta do vale, com seus arcos prontos para disparar; à sua esquerda, ele viu outra quantidade idêntica de homens. Diante deles havia ainda mais. Os poucos milhares de homens de Kendrick jamais poderiam derrotar aquele número de soldados. Eles seriam abatidos na primeira tentativa. Com todos aqueles homens do Império empunhando seus arcos, o mínimo movimento resultaria no massacre de seus homens. Sua posição geográfica, na base de um vale, tampouco o favorecia. Tirus tinha escolhido a localização perfeita para sua emboscada.

Enquanto Kendrick permanecia sentado ali, indefeso, com o rosto ardendo de raiva e indignação, ele olhava para Tirus, quem estava sentado no alto de seu cavalo com um sorriso de satisfação. Ao seu lado estavam seus quatro filhos, e ao lado deles, um comandante do Império.

“É o dinheiro tão importante assim para você?” Kendrick perguntou para Tirus, quem se encontrava a escassos três metros de distância, sua voz era tão fria como o aço. “Será que você venderia o seu próprio povo, o seu próprio sangue?”

Tirus não mostrou nenhum remorso; ele sorriu ainda mais.

“Seu povo não é o meu sangue, lembra?” Disse ele. “É por isso que eu não estou de acordo com suas leis sobre o direito ao trono de meu irmão.”

Erec limpou a garganta com raiva.

“As leis dos MacGil determinam que o trono passe de pai para o filho — não para o irmão.”

Tirus balançou a cabeça em desacordo.

“Tudo isso é irrelevante agora. Suas leis não importam mais. O poder sempre triunfa sobre a lei. São aqueles com poder quem ditam a lei. E agora, como você pode ver, eu sou o mais forte. O que significa que, a partir de agora, eu escrevo a lei. As gerações seguintes não vão se lembrar de nenhuma de suas leis. Tudo o que eles vão lembrar é que eu, Tirus, fui o Rei, e não você, e tampouco sua irmã.”

“Tronos tomados ilegitimamente nunca perduram.” Kendrick rebateu. “Você pode matar-nos; você pode até convencer Andronicus a conceder-lhe um trono. Mas você e eu sabemos que você não vai governar por muito tempo. Você vai ser traído, sofrerá a mesma traição que nos infligiu.”

Tirus permaneceu imutável.

“Então eu vou saborear os breves dias em meu trono enquanto eles durarem, e aplaudirei o homem que puder me trair com a mesma habilidade com a qual eu traí você.”

“Chega de conversa!” Exclamou o comandante do Império. “Renda-se agora ou seus homens vão morrer!”

Kendrick olhou para o comandante, furioso, sabendo que precisava se render, mas ele não desejava fazer isso.

“Baixem suas armas...” Tirus disse calmamente, sua voz era reconfortante. “... E eu vou tratá-lo adequadamente, como um guerreiro trataria outro. Vocês serão meus prisioneiros de guerra. Eu posso não compartilhar suas leis, mas eu honro o código de batalha de um guerreiro. Eu prometo a você, vocês não serão prejudicados sob minha supervisão.”

Kendrick olhou para Bronson, Srog e Erec, eles olharam de volta para ele. Todos eles permaneciam ali em silêncio, todos eram guerreiros orgulhosos, seus cavalos empinavam sob eles.

“Por que nós confiaríamos em você?” Bronson perguntou para Tirus. “Você, que já provou que sua palavra não significa nada. Eu estou disposto a morrer aqui no campo de batalha, só para limpar esse sorriso orgulhoso de sua cara.”

Tirus virou-se e fez uma careta zombeteira para Bronson.

“Você se atreve a falar e nem sequer é um MacGil. Você é um McCloud. Você não tem direito a interferir nos assuntos dos MacGil.”

Kendrick saiu em defesa de seu amigo: "Bronson é tão MacGil agora como qualquer um de nós. Ele fala por todos nossos homens."

Tirus rangeu os dentes, claramente irritado.

"A decisão é sua. Olhe ao seu redor e veja nossos milhares de arqueiros prontos para disparar. Você foi superado. Mesmo que vocês cheguem a empunhar suas espadas, seus homens cairão mortos imediatamente. Certamente, até mesmo você pode ver isso. Existe um momento para lutar e um tempo para se render. Se você quiser proteger seus homens, você fará o que qualquer bom comandante faria. Deponha suas armas."

Kendrick contraiu os maxilares várias vezes, queimando por dentro. Por mais que ele odiasse admitir, ele sabia que Tirus estava certo. Ele olhou em volta e soube em um instante, que a maioria, ou até mesmo todos os seus homens morreriam ali se eles tentassem lutar. Por mais que Reece quisesse lutar, essa seria uma opção egoísta; por mais que desprezasse Tirus, Reece sentia que ele estava dizendo a verdade e que seus homens não seriam prejudicados. Contanto que eles vivessem, eles poderiam sempre lutar outro dia, em algum outro lugar, em algum outro campo de batalha.

Kendrick olhou para Erec, um homem com quem ele tinha lutado inúmeras vezes, o campeão do Exército Prata, ele sabia que Erec estava pensando a mesma coisa. Ser um líder era bem diferente de ser um guerreiro: um guerreiro poderia lutar com entrega imprudente, mas um líder devia pensar primeiro nos outros.

"Há um tempo para as armas e um tempo para a rendição." Erec exclamou. "Nós vamos tomar sua palavra de guerreiro, a qual afirma que nossos homens não sofrerão nenhum dano e com essa condição, nós vamos depor as armas. Entretanto, se você violar sua palavra, que Deus se apiede de sua alma, porque eu voltarei do inferno para vingar todos e cada um dos meus homens."

Tirus assentiu satisfeito, então Erec estendeu a mão e deixou cair sua espada e a bainha até o chão. Elas atingiram o solo com um estrondo.

Kendrick seguiu seu exemplo, assim como Bronson e Srog, cada um deles estava relutante, mas todos sabiam que era o mais sábio a

fazer.

Ouviu-se atrás deles o som do choque de milhares de armas, todas caindo e golpeando o chão frio do inverno; todo o Exército Prata, os MacGils e os silesianos se renderam.

Tirus deu um sorriso largo.

“Agora desmontem.” Ordenou ele.

Um de cada vez, eles desmontaram e se colocaram diante de seus cavalos.

Tirus deu um sorriso de orelha a orelha, saboreando sua vitória.

“Durante todos esses anos em que eu estava exilado na Ilhas Superiores, eu invejava a Corte do Rei, o meu irmão mais velho e todo o seu poder. Mas agora qual dos MacGil detém todo o poder?”

“O poder da traição não é poder nenhum.” Retrucou Bronson.

Tirus fez um gesto zombeteiro e logo fez um sinal com a cabeça para os seus homens.

Eles correram para a frente e ataram os pulsos de cada um dos homens com cordas grossas. Todos eles começaram a ser arrastados para longe, eram milhares de cativos.

Enquanto Kendrick estava sendo puxado, de repente ele se lembrou de seu irmão, Godfrey. Todos eles tinham partido juntos, porém ele ainda não tinha visto nem Godfrey ou seus homens em lugar nenhum, desde então. Kendrick se perguntava se de alguma forma, ele teria conseguido escapar. Ele rezava para que Godfrey tivesse um destino melhor do que o deles. De alguma forma, ele estava otimista.

Com Godfrey, ninguém podia saber ao certo.

CAPÍTULO QUATRO

Godfrey cavalgava liderando seus homens, flanqueado por Akorth, Fulton, seu general silesiano e o comandante do Império a quem ele tinha subornado generosamente. Godfrey cavalgava com um largo sorriso no rosto, ele sentiu-se mais do que satisfeito quando ele olhou e viu a divisão do Império, ela estava formada por milhares de homens fortes, os quais cavalgavam ao lado deles, juntando-se a sua causa.

Ele lembrava com satisfação a recompensa que ele lhes tinha dado, as bolsas intermináveis de ouro, e lembrou-se ainda dos olhares em seus rostos. Godfrey estava exultante ao ver que seu plano havia funcionado. Ele não tinha tido certeza disso até o último momento, e agora, pela primeira vez, ele respirava calmamente. Depois de tudo, havia muitas maneiras de ganhar uma batalha e ele tinha acabado de ganhar uma sem derramar uma gota de sangue. Talvez isso não fizesse dele alguém cavalheiresco ou ousado como os outros guerreiros. Mas ainda assim, ele era exitoso. E afinal de contas, não era esse o objetivo? Ele preferia manter todos os seus homens vivos com um pouco de suborno, a ter de ver metade deles morrer em algum ato imprudente de cavalheirismo. Era assim que ele era.

Godfrey havia trabalhado duro para conseguir o que ele tinha. Ele usou todas as suas conexões no mercado negro através dos bordéis, becos e tavernas, a fim de descobrir quem estava dormindo com quem, quais bordéis os comandantes do Império frequentavam no Anel e que comandante do Império estava aberto ao suborno. Godfrey tinha mais contatos no baixo mundo do que a maioria, de fato, ele tinha passado toda a sua vida acumulando esses contatos e agora eles tinham vindo a calhar. Ele também não tinha machucado ninguém e tinha pagado cada um de seus contatos muito bem. Finalmente, ele tinha utilizado bem o ouro de seu pai.

Ainda assim, Godfrey não tinha certeza de que eles eram de confiança, não até o último momento. Não havia ninguém melhor para trair alguém do que um ladrão e, no entanto, Godfrey tinha de

aproveitar a chance que ele estava tendo. Ele sabia que era uma espécie de loteria, que aquelas pessoas se vendiam ao melhor comprador. Mas ele pagou-lhes com muito ouro, ouro da melhor qualidade e eles acabaram por ser mais confiáveis do que ele pensava.

É claro que ele não tinha ideia de quanto tempo aquela divisão das tropas do Império permaneceria leal. Mas pelo menos, ele os tinha desviado de sua batalha original e por enquanto, ele tinha a todos de seu lado.

“Eu estava errado sobre você.” Disse uma voz.

Godfrey virou-se para ver o general silesiano chegando ao lado dele com um olhar de admiração.

“Eu duvidei de você, tenho de admitir...” Ele continuou. “Eu peço desculpas. Eu não poderia ter imaginado o plano que você tinha debaixo da manga. Foi genial. Eu não vou questioná-lo novamente.”

Godfrey sorriu de volta, sentindo-se vindicado. Todos os generais, todos os tipos militares, haviam duvidado dele durante toda a sua vida. Na corte de seu pai, uma corte de guerreiros, ele sempre havia sido olhado com desdém. Agora, finalmente eles estavam vendo que ele, a sua maneira, poderia ser tão competente quanto eles.

“Não se preocupe.” Disse Godfrey. “Eu também me questiono todo o tempo. Estou aprendendo enquanto eu sigo. Eu não sou um comandante e eu não tenho nenhum plano mestre, a não ser sobreviver de qualquer maneira que eu puder.”

“E para onde vamos agora?” Perguntou o general.

“Vamos nos juntar a Kendrick, Erec e aos outros e fazer o que pudermos para apoiar a sua causa.”

Eles cavalgavam, milhares deles, formando uma aliança estranha e desconfortável entre os homens do Império e os de Godfrey. Eles avançavam enquanto subiam e desciam colinas e atravessavam as longas planícies áridas e empoeiradas, dirigindo-se ao vale onde Kendrick tinha lhes dito que se encontrariam.

Enquanto cavalgavam, um milhão de pensamentos dava voltas na cabeça de Godfrey. Ele se perguntava como Kendrick e Erec tinham se saído e qual seria a sua desvantagem numérica; ele se

perguntava também, como ele próprio se sairia na próxima batalha, uma batalha *real*. Não haveria mais como evitá-la; ele não tinha mais truques na manga, nem mais ouro.

Ele engoliu em seco, nervoso. Ele achava que não tinha o mesmo nível de coragem que todos os outros pareciam ter; o mesmo nível com o qual todos eles pareciam ter nascido. Todos pareciam tão destemidos na batalha e até mesmo na vida. Mas Godfrey tinha de admitir que ele estava com medo. Quando chegasse a ocasião, ele sabia que não iria fugir no meio da batalha. Mas ele era tão atrapalhado e desajeitado; ele não tinha as habilidades dos outros e ele simplesmente não sabia quantas vezes ele seria salvo pelos deuses da sorte.

Os outros não pareciam se importar se eles morreriam, todos eles pareciam muito dispostos a dar suas vidas pela glória. Godfrey apreciava a glória. Mas ele amava mais a vida. Ele amava sua cerveja e adorava sua comida, mesmo naquele momento, ele sentia seu estômago roncar e uma vontade enorme de estar de volta na segurança de uma taverna, em algum lugar. Ele simplesmente não estava feito para uma vida de batalha.

Mas Godfrey pensou em Thor, lá fora em algum lugar, no cativo; ele pensou em todos os seus parentes lutando pela causa, ele sabia que aquele era o lugar onde sua honra — por mais manchada que pudesse estar — o obrigava a estar.

Eles cavalgaram por um bom tempo e finalmente, todos alcançaram uma encosta que lhes proporcionava uma vista deslumbrante do vale que se espalhava abaixo. Eles fizeram uma pausa e Godfrey olhou para o sol ofuscante, tentando se adaptar para captar a visão diante dele. Ele levantou a mão para proteger os olhos e olhou ao redor, confuso.

Então, para seu horror, tudo ficou claro. O coração de Godfrey parou: lá embaixo, milhares de homens de Srog Kendrick e Erec estavam sendo arrastados, preso como cativos. Aquela era a força de combate com a qual se supunha que ele deveria se encontrar. Eles estavam completamente cercados, por dez vezes o número de soldados do Império. Eles estavam a pé, com seus punhos amarrados, todos feitos prisioneiros, todos sendo levados. Godfrey

sabia que Kendrick e Erec nunca se renderiam a menos que houvesse um bom motivo. Parecia que eles tinham sido vítimas de uma armadilha.

Godfrey ficou paralisado, golpeado pelo pânico. Ele se perguntava como isso poderia ter acontecido. Ele estava esperando encontrar todos no calor de uma batalha bem instrumentada; ele esperava poder avançar e juntar forças com eles. Mas agora, em vez disso, eles estavam desaparecendo no horizonte, já estavam a cerca de meio-dia de viagem.

O general do Império cavalgou ao lado de Godfrey e zombou.

“Parece que os seus homens perderam.” Disse o general do Império. “Isso não fazia parte do nosso acordo.”

Godfrey se virou para o general e viu que ele parecia estar bastante nervoso.

“Eu paguei-lhe bem...” Disse Godfrey nervoso, porém ele tentou fazer com que sua voz soasse mais confiante enquanto sentia que seu acordo estava se desmanchando. “... E você prometeu se juntar a mim, a minha causa.”

No entanto, o general do Império balançou a cabeça em desacordo.

“Eu prometi que me juntaria a você em uma batalha, não em uma missão suicida. Meus poucos milhares de homens não subirão contra um batalhão inteiro de Andronicus. Nosso trato mudou. Você pode lutar contra eles em seu próprio país — e a propósito, eu vou ficar com o seu ouro.”

O general se virou e gritou enquanto esporava seu cavalo e partia em outra direção, seguido por todos os seus homens. Eles logo desapareceram no outro lado do vale.

“Ele tem nosso ouro!” Disse Akorth. “Nós deveríamos persegui-lo?”

Godfrey balançou a cabeça enquanto ele os via cavalgar para longe.

“E de que adiantaria? O ouro é apenas ouro. Eu não vou arriscar a vida por isso. Deixe-o ir. Há sempre mais no lugar de onde esse veio.”

Godfrey virou-se e olhou o horizonte, ele viu o grupo dos homens de Kendrick e Erec, perdendo-se de vista, aqueles com quem ele mais se importava. Agora ele estava sem um respaldo e se encontrava ainda mais isolado do que antes. Ele sentiu que seus planos estavam indo por água abaixo.

“E agora?” Perguntou Fulton.

Godfrey deu de ombros.

“Não tenho ideia.” Disse ele.

“Essa não é a resposta que eu esperava ouvir.” Disse Fulton. “Você é um comandante agora.”

Mas Godfrey simplesmente deu de ombros novamente. “Eu disse a verdade.”

“Esse negócio de ser guerreiro é muito difícil.” Disse Akorth coçando a barriga enquanto tirava o capacete. “Ele não parece funcionar muito bem como você esperaria, não é?”

Godfrey ficou ali, montado em seu cavalo, balançando a cabeça, pensando no que fazer. A mesa havia virado sem que ele esperasse e ele não tinha um plano de contingência.

“Será que nós deveríamos voltar?” Perguntou Fulton.

“Não.” Godfrey se ouviu dizendo, surpreendendo a si mesmo.

Os outros se viraram e olharam para ele, chocados. Outros se aproximaram e se amontoaram por perto para ouvir suas ordens.

“Posso não ser um grande guerreiro...” Godfrey disse. “... Mas aqueles ali são meus irmãos. Eles estão sendo levados cativos. Nós não podemos voltar atrás. Mesmo que isso signifique nossas mortes.”

“Você está louco?” Perguntou o general silesiano. “*Todos* eles são excelentes guerreiros do Exército Prata, dos MacGils e dos silesianos, mesmo assim eles não puderam lutar contra os homens do Império. Como você acha que apenas alguns milhares de nossos homens, sob o *seu* comando, conseguirão fazer isso?”

Godfrey virou-se para ele, irritado. Ele estava cansado de que duvidassem dele.

“Eu nunca disse que iria ganhar.” Ele respondeu. “Eu digo apenas que essa é a coisa certa a fazer. Eu não vou abandoná-los.”

Agora, se você quiser dar a volta e ir para casa, fique à vontade. Eu mesmo vou atacá-los.”

“Você é um comandante inexperiente.” Disse ele, de cara feia. “Você não tem ideia do que está dizendo. Você vai levar todos esses homens a uma morte certa.”

“Eu sou.” Disse Godfrey. “É verdade. Mas você prometeu não duvidar de mim novamente. E eu não vou mudar de opinião.”

Godfrey cavalcou vários metros à frente, até uma elevação, de modo que ele pudesse ser visto por todos os seus homens.

“HOMENS!” Ele gritou, levantando a voz. “Eu sei que vocês não me conhecem como um comandante real e experiente como Kendrick, Erec ou Srog. E isso é verdade, eu não tenho a competência deles. Mas eu posso ser valente, pelo menos de vez em quando. E vocês também. O que eu sei é que aqueles que estão lá fora, capturados, são nossos irmãos. E eu mesmo preferiria morrer a viver para vê-los sendo levados diante de nossos olhos; preferiria morrer a voltar para casa como um cachorro escorraçado; a voltar para nossa cidade e aguardar que o Império venha e nos mate, também. Estejam certos disto: eles vão nos matar um dia. Todos nós podemos morrer agora, lutando de pé, perseguindo o inimigo como homens livres, ou podemos morrer com vergonha e desonra. A decisão é de vocês. Cavalguem comigo, e vivendo ou não, vocês vão cavalgar para a glória!”

Ouviram-se um grito entusiasta entre seus homens, um grito tão entusiasmado que surpreendeu Godfrey. Todos eles levantaram suas espadas para o alto, e isso lhe deu coragem.

Isso também fez Godfrey perceber a realidade do que ele tinha dito. Ele realmente não tinha pensado profundamente em suas palavras antes de dizê-las; ele tinha acabado de se deixar levar pelo momento. Agora, ele percebia que estava comprometido com isso e estava um pouco chocado com suas próprias palavras. Sua própria bravura era assustadora até mesmo para ele.

Os cavalos empinavam enquanto os homens preparavam suas armas e se aprontavam para o ataque final. Akorth e Fulton surgiram ao lado de Godfrey.

“Bebida?” Ofereceu Akorth.

Godfrey olhou para baixo e viu que ele lhe estendia um odre de vinho, ele arrancou o odre das mãos de Akorth, jogou a cabeça para trás e bebeu sofregamente, até quase acabar todo o conteúdo, mal parando para recuperar o fôlego. Finalmente, Godfrey limpou a boca e entregou-lhe o odre de volta.

O que foi que eu fiz? Ele refletiu. Ele havia comprometido a si mesmo e os outros, a lutar em uma batalha que não podiam ganhar. Ele estava pensando claramente?

“Eu não conhecia essas suas habilidades.” Disse Akorth, batendo com força nas costas dele depois que ele arrotou. “Que discurso! Muito melhor do que o teatro!”

“Nós deveríamos ter vendido entradas!” Disse Fulton metendo-se na conversa.

“Eu creio que você não está totalmente errado.” Disse Akorth. “É melhor morrer de pé, lutando, do que rendidos sobre nossas costas.”

“Embora sobre nossas costas possa não ser tão ruim, contanto que seja na cama de um bordel.” Acrescentou Fulton.

“Apoiado, apoiado!” Disse Fulton. “Ou então, que tal morrer com uma caneca de cerveja em nossas mãos e nossas cabeças inclinadas para trás!”

“Isso seria muito bom mesmo.” Akorth disse enquanto tomava um gole.

“Mas eu acho que depois de muito tempo, tudo isso seria entediante.” Disse Fulton. “Quantas canecas alguém pode beber, quantas mulheres um homem pode levar para a cama?”

“Bem, muitas, se você pensar bem.” Disse Akorth.

“Mesmo assim, acho que seria divertido morrer de uma maneira diferente. Não seria tão chato.”

Akorth suspirou.

“Bem, se nós sobrevivermos a tudo isso, pelo menos nós teríamos *realmente* uma razão válida para beber. Pela primeira vez em nossas vidas, nós seríamos merecedores!”

Godfrey se virou, tentando desviar a atenção de Akorth e Fulton com sua tagarelice perpétua. Ele precisava se concentrar. Era chegado o momento de que ele se tornasse um homem e deixasse

as brincadeiras e piadas de taverna para trás; o momento de tomar decisões reais que afetassem os homens reais do mundo real. Ele sentia um peso enorme sobre ele; ele não podia evitar imaginar que era assim que o seu pai havia se sentido. De algum modo estranho, por mais que ele o tivesse odiado, Godfrey estava começando a simpatizar com seu pai, e talvez até mesmo, para o seu próprio horror, estava tornando-se igual a ele.

Godfrey foi invadido por uma onda de confiança, e esquecendo o perigo diante dele, de repente ele esporou seu cavalo e com um grito de guerra, correu em frente, para o vale abaixo.

Atrás dele ouviu-se o grito de guerra imediato de milhares de homens e o galope dos seus cavalos encheu seus ouvidos, enquanto eles avançavam logo atrás dele.

Godfrey já se sentia tonto, o vento soprava seu cabelo e o vinho subia-lhe à cabeça, enquanto ele corria em direção a uma morte certa e se perguntava em que raios ele havia se metido.

CAPÍTULO CINCO

Thor estava montado em seu cavalo, de um lado estava seu pai e do outro, McCloud, Rafi se encontrava perto. Atrás deles havia dezenas de milhares de soldados do Império, era a principal divisão do exército de Andronicus, bem disciplinada e aguardando pacientemente as ordens de Andronicus. Todos permaneciam ali, no topo de uma colina, olhando para as Highlands e seus picos cobertos de neve. No topo das Highlands estava situada a cidade McCloud, Highlândia. Thor ficou tenso quando ele observou que milhares de soldados saíam da cidade e cavalgavam em direção a eles, preparando-se para a batalha.

Aqueles não eram homens MacGil; nem soldados do Império. Eles usavam uma armadura que Thor reconhecia vagamente; mas quando ele apertou ainda mais o punho de sua nova espada, ele não tinha certeza de quem eles eram exatamente, ou por que eles estavam atacando.

“Soldados McCloud. Meus ex-guerreiros.” McCloud explicou a Andronicus. “Todos bons soldados. Todos são homens que eu treinei e que lutaram comigo.”

“Mas agora eles se viraram contra você.” Andronicus observou. “Eles marcham para batalhar contra você.”

McCloud fez uma careta, sua aparência era grotesca, lhe faltava um olho e a metade de seu rosto estava marcada com o brasão do Império.

“Me desculpe, meu senhor.” Ele disse. “Não é minha culpa. Isso é obra de meu filho, Bronson. Ele virou meu próprio povo contra mim. Se não fosse por ele, todos eles se juntariam a mim agora para defender sua grande causa.”

“Não é por causa de seu filho.” Andronicus corrigiu, sua voz era fria como o aço, voltando-se para McCloud. “É porque você é um comandante fraco e um pai ainda mais fraco. A falha em seu filho é uma falha em você. Eu deveria saber que você seria incapaz de controlar seus próprios homens. Eu devia ter lhe matado há muito tempo.”

McCloud engoliu em seco, nervoso.

“Meu senhor, por favor, considere também que eles não estão apenas lutando contra mim, mas contra o senhor. Eles querem livrar o Anel do Império.”

Andronicus abanou a cabeça e dedilhou seu colar de cabeças encolhidas.

“Mas você está do meu lado agora.” Disse ele. “Então lutar contra mim é lutar contra você, também.”

McCloud, carrancudo, desembainhou a espada para enfrentar o exército que se aproximava.

“Eu vou lutar e matar todos e cada um dos meus homens.” Declarou ele.

“Eu sei que você fará isso.” Andronicus disse. “Se você não fizer, eu mesmo o matarei. Não é que eu precise de sua ajuda. Meus homens podem causar muitíssimo mais dano do que você poderia sonhar — especialmente quando liderados por meu próprio filho, Thornicus.”

Thor estava montado no cavalo, ouvindo vagamente todas as conversas, mas ao mesmo tempo era como se ele não estivesse ouvindo nada daquilo. Ele estava atordoado. Sua mente fervilhava com pensamentos estranhos que ele não reconhecia, pensamentos que pulsavam através de seu cérebro e continuamente o lembravam da lealdade que ele devia ao seu pai; do seu dever de lutar pelo Império; de seu destino como o filho de Andronicus. Os pensamentos davam voltas em sua mente implacavelmente e por mais que Thor tentasse, ele era incapaz de limpar sua mente e concentrar-se em seus próprios pensamentos. Era como se ele tivesse sido tomado como refém dentro de seu próprio corpo.

Quando Andronicus falava, cada uma de suas palavras transformava-se em uma sugestão e logo depois em uma ordem na mente de Thor. Então, de alguma forma, elas se convertiam em seus próprios pensamentos. Thor lutava, uma pequena parte dele tentava livrar sua mente daqueles sentimentos invasivos, para poder alcançar algum nível de clareza. Mas quanto mais ele lutava, mais difícil se tornava.

Enquanto Thor estava ali montado em seu cavalo, olhando o exército entrante galopando pelas planícies, ele sentia o sangue em suas veias fluindo e tudo no que ele conseguia pensar era em sua lealdade ao seu pai; sua necessidade de esmagar qualquer um que estivesse no caminho de seu pai e em seu destino de governar o Império.

“Thornicus, você está me ouvindo?” Andronicus espetou. “Você está preparado para testar a si mesmo numa batalha por seu pai?”

“Sim, meu pai.” Thor respondeu, olhando para a frente. “Eu combaterei qualquer um que lute contra ti.”

Andronicus sorriu largamente. Ele se virou e olhou para seus homens.

“HOMENS!” Ele exclamou. “Chegou a hora de enfrentar o inimigo para livrar o Anel de seus sobreviventes rebeldes de uma vez por todas. Vamos começar com esses homens McCloud que ousam nos desafiar. Thornicus, meu filho, vai liderá-los na batalha. Vocês vão segui-lo como seguem a mim. Vocês vão dar suas vidas por ele como dariam por mim. Trair meu filho será como traír a mim!”

“THORNICUS!” Andronicus gritou.

“THORNICUS!” Entoaram em coro dez mil soldados do Império, atrás deles.

Thor, encorajado, levantou a nova espada para o alto, a espada do Império que o seu amado pai lhe dera. Ele sentiu um poder que fluía através dela, o poder de sua linhagem, de seu povo, de tudo o que ele estava destinado a ser. Por fim, ele estava de volta para casa, de volta com o seu pai, mais uma vez. Por seu pai, Thor faria qualquer coisa. Até mesmo lançar-se para a morte.

Thor soltou um grande grito de guerra enquanto esporava seu cavalo e ia avançando para o vale, ele seria o primeiro a batalhar. Atrás dele ouviu-se um grande grito de guerra, dezenas de milhares de homens o seguiram, todos eles estavam preparados para seguir Thornicus até a morte.

CAPÍTULO SEIS

Mycoples estava encolhida, enrolada dentro da imensa rede de Akron, incapaz de esticar seu corpo, ou bater suas asas. Ela encontrava-se no navio do Império e por mais que lutasse, ela não conseguia levantar o queixo, mover os braços nem expandir suas garras. Ela nunca tinha se sentido tão mal em sua vida, nunca havia sentido tanta falta de liberdade e de força. Ela estava enrolada em uma bola, seus olhos piscavam lentamente e ela estava muito desanimada, mais devido a Thor do que a si mesma.

Mycoples podia sentir a energia de Thor, mesmo daquela grande distância, mesmo que seu navio navegasse através do mar, subindo e descendo as ondas monstruosas. O corpo dela subia e descia enquanto as ondas golpeavam o convés. Mycoples podia sentir que Thor estava mudando, tornando-se outra pessoa, deixando de ser o homem que ela havia conhecido. Seu coração estava partido. Ela não podia evitar sentir que de alguma maneira o havia desapontado. Ela tentou lutar mais uma vez, desejando muito ir até Thor para salvá-lo. Mas ela simplesmente não conseguia se libertar.

Uma enorme onda golpeou o convés e as águas espumantes do Tartuvian deslizaram debaixo de sua rede, fazendo-a deslizar e bater com a cabeça no casco de madeira. Mycoples se encolheu e rosnou, ela já não tinha o espírito ou a força que costumava ter. Ela estava resignada com seu novo destino, sabendo que estava sendo levada para ser morta, ou pior ainda, para viver uma vida em cativeiro. Ela não se importava com o que acontecesse com ela. Ela só queria que Thor estivesse bem e que ela pudesse ter uma chance, apenas uma última chance, de poder vingar-se de seus agressores.

“Aqui está ela! Ela deslizou pela metade do deck!” Gritou um dos soldados do Império.

Mycoples sentiu uma pontada súbita e dolorosa nas escamas sensíveis de seu rosto, ela viu dois soldados do Império com lanças de nove metros de comprimento, cutucando-a a uma distância segura através da rede. Ela tentou investir contra eles, mas suas

amarras a impediram. Ela rosnava enquanto eles a cutucavam uma e outra vez e riam, claramente divertidos.

“Ela não é tão assustadora agora, não é?” Um deles perguntou ao outro.

O outro riu, apontando sua lança perto de seu olho. Mycoples se afastou no último segundo, evitando que a cegassem.

“Ela não é capaz de fazer mal a uma mosca.” Disse outro.

“Ouvi dizer que vão colocá-la em exibição no Capitólio do novo Império.”

“Isso não foi o que eu ouvi.” Disse outro. “Ouvi dizer que eles vão pendurá-la pelas asas e torturá-la por todo o mal que ela fez aos nossos homens.”

“Eu gostaria muito de estar lá para ver isso.”

“Realmente precisamos entregá-la intacta?” Perguntou um soldado.

“Ordens são ordens.”

“Mas eu não vejo por que não possamos, pelo menos, mutilá-la um pouco. Afinal, ela realmente não precisa de ambos os olhos, não é?”

O outro riu.

“Bem, já que você diz, eu acho que não.” Ele respondeu. “Vá em frente. Divirta-se.”

Um dos homens se aproximou e levantou uma lança bem alto.

“Fique quieta, garota.” Disse o soldado.

Mycoples recuou indefesa quando o soldado veio avançando na sua frente e preparou-se para perfurar o olho dela com sua longa lança.

De repente, outra onda golpeou a proa; a água impactou com força nas pernas do soldado e ele caiu e saiu escorregando direto para o rosto de Mycoples com os olhos arregalados de terror. Em uma enorme explosão de esforço, Mycoples conseguiu levantar uma garra apenas o suficiente para permitir que o soldado escorregasse debaixo dela; assim que ele fez isso, Mycoples desceu sua garra sobre ele e prendeu-o pela garganta.

O soldado gritou e seu sangue jorrou por todos os lugares, misturando-se com a água, enquanto ele morria embaixo de

Mycoples. Ela sentiu alguma pequena satisfação.

O outro soldado virou-se e correu, gritando por socorro. Dentro de instantes, uma dúzia de soldados do Império se aproximou, todos com longas lanças.

“Matem a fera!” Gritou um deles.

Todos eles se aproximaram para matá-la e Mycoples estava certa de que eles o fariam.

Mycoples sentiu uma fúria súbita arder dentro dela, diferente de tudo o que ela já havia sentido. Ela fechou os olhos e orou a Deus para que ele lhe desse uma reserva final de força.

Ela sentiu um grande calor aumentar lentamente dentro de sua barriga e subir por sua garganta. Ela levantou a boca e soltou um rugido. Para sua surpresa, ela lançou uma enorme quantidade de chamas.

As chamas traspassaram a rede e apesar de não destruir a Akron, uma parede de fogo engolfou uma dúzia de homens que vinham por ela.

Todos eles gritaram enquanto seus corpos pegavam fogo; a maioria desabou no convés e aqueles que não morreram instantaneamente correram e pularam no mar. Mycoples sorriu.

Dezenas de soldados apareceram, eles estavam armados com clavas. Mycoples tentou convocar o fogo novamente.

Mas dessa vez não funcionou. Deus havia respondido suas orações e tinha lhe concedido uma graça por única vez. Mas agora, não havia mais nada que ela pudesse fazer. Ela estava agradecida, pelo menos, pelo que ela tinha tido.

Dezenas de soldados desceram sobre ela, golpeando-a com porretes, e lentamente, Mycoples sentiu-se afundando mais e mais e foi fechando os olhos. Ela enrolou-se e encolheu-se, resignada, se perguntando se o seu tempo nesse mundo havia chegado ao fim.

Em pouco tempo, seu mundo ficou cheio de escuridão.

CAPÍTULO SETE

Romulus estava ao leme de seu navio enorme, cujo casco estava pintado de dourado e de preto. A bandeira do Império com o seu emblema, um leão com uma águia em sua boca, ondulava no mastro, agitando-se corajosamente ao vento. Romulus estava ali com as mãos nos quadris, sua estrutura muscular ainda mais robusta, parecia estar enraizada no deck, ele olhava para o movimento das ondas luminescentes do Ambrek. A costa do Anel começou a ficar visível, à distância.

Finalmente.

O coração de Romulus se encheu de emoção quando ele pôs os olhos no Anel pela primeira vez. Os homens que navegavam com ele no navio eram os melhores e haviam sido escolhidos a dedo, dezenas deles. Atrás dele navegavam milhares dos mais belos navios do Império. Era uma vasta armada, enchendo o mar, todos os seus navios hasteavam a bandeira do Império. Eles haviam navegado por uma longa rota, circulando o Anel, determinados a desembarcar no lado dos McCloud. Romulus planejava entrar no Anel sozinho, chegar incógnito até Andronicus, o seu antigo chefe, e assassiná-lo quando ele menos esperasse.

Ele sorriu com esse pensamento. Andronicus não tinha ideia do poder ou astúcia de seu número dois no comando e ele estava prestes a descobrir isso da maneira mais dura. Ele nunca deveria ter subestimado Romulus.

Ondas enormes rolavam ao seu lado e Romulus se deleitava com os salpicos frios no rosto. Em seu braço ele segurava o manto mágico que tinha obtido na floresta, Romulus sentia que o manto iria funcionar, ele iria fazer com que ele pudesse passar para o outro lado do Canyon. Ele sabia que quando pusesse o manto, ele ficaria invisível, seria capaz de penetrar o escudo e atravessar para o outro lado do Anel, sozinho. Sua missão exigiria cautela, astúcia e surpresa. Seus homens não poderiam segui-lo, é claro, mas ele não precisava de nenhum deles: uma vez que ele estivesse no Anel, ele iria encontrar os homens de Andronicus — os homens do Império —

e convocá-los para apoiar sua causa. Ele iria dividi-los e criar o seu próprio exército, sua própria guerra civil. Afinal de contas, os soldados do Império amavam Romulus tanto quanto amavam Andronicus. Ele usaria os próprios homens de Andronicus contra ele.

Então Romulus encontraria um MacGil, o levaria consigo de volta através do Canyon, tal como o manto exigia e se a lenda fosse verdade, o escudo seria destruído. Com o escudo desativado, ele convocaria todos os seus homens e toda a sua frota iria invadir o Anel como uma enxurrada e logo todos iriam esmagá-lo de uma vez por todas. Então, finalmente Romulus seria o único governante do universo.

Ele respirou fundo. Ele quase podia saborear tudo isso agora. Ele havia lutado toda a sua vida por esse momento.

Romulus olhou para o céu vermelho-sangue, para o segundo pôr-do-sol, uma enorme bola no horizonte, irradiando uma luz azul àquela hora do dia. Era a hora do dia em que Romulus orava aos seus deuses: o deus da terra; o deus do mar; o deus do céu; o deus do vento e, acima de tudo, o deus da guerra. Ele sabia que precisava apaziguar todos eles. Romulus estava preparado: ele tinha trazido muitos escravos para o sacrifício, sabendo que o seu sangue derramado iria proporcionar-lhe poder.

As ondas quebravam ao redor do navio enquanto ele se aproximava da costa. Romulus não esperou que os outros baixassem as cordas, em vez disso, assim que a proa tocou a areia, ele pulou do casco, de uma altura de cerca de seis metros e caiu de pé, com água até a cintura. Ele nem sequer pestanejou.

Romulus passeava pela costa como se ele fosse o seu dono, suas pegadas ficavam marcadas com força na areia. Seus homens vinham logo atrás dele, eles baixaram as cordas e todos começaram a deixar o navio, à medida que um barco após o outro desembarcava.

Romulus supervisou toda a sua obra, ele sorria. O céu estava ficando escuro e ele tinha chegado à costa no momento perfeito para apresentar um sacrifício. Ele sabia que devia agradecer aos deuses por tudo.

Ele se virou e encarou seus homens.

“FAÇAM A FOGUEIRA!” Romulus ordenou.

Seus homens correram para construir uma enorme fogueira, ela tinha quase cinco metros de altura; era uma enorme pilha de madeira esperando para ser acesa, ela se espalhava e dava forma a uma estrela de três pontas.

Romulus fez um sinal com a cabeça e os seus homens arrastaram uma dúzia de escravos, todos amarrados uns aos outros. Eles foram amarrados aos postes de madeira da fogueira. Eles olhavam para tudo com os olhos arregalados de pânico, gritavam e se debatiam aterrorizados ao ver as tochas já prontas e perceber que eles estavam prestes a serem queimados vivos.

“NÃO!” Gritou um deles. “Por favor! Eu imploro! Isso não. Qualquer coisa menos isso!”

Romulus os ignorou. Em vez disso, ele virou as costas para todos, deu alguns passos para a frente, abriu os braços e esticou o pescoço para o céu.

“OMARUS!” Ele exclamou. “Dê-nos a luz para ver! Aceite o meu sacrifício esta noite. Esteja comigo na minha viagem para o Anel. Dê-me um sinal. Faça com que eu saiba se vou conseguir!”

Romulus baixou as mãos e assim que ele fez isso, seus homens correram para a frente, jogaram suas tochas na lenha e acenderam a fogueira.

Ouviam-se os gritos horríveis enquanto todos os escravos eram queimados vivos. As faíscas voavam por toda parte, Romulus ficou parado ali, seu rosto brilhava enquanto ele observava o espetáculo.

Romulus fez um gesto e em seguida seus homens trouxeram uma mulher velha e sem olhos até ele, o rosto dela era enrugado e seu corpo curvado. Vários homens a traziam em uma espécie de liteira. Ela se inclinou para frente em direção às chamas. Romulus a observava, paciente, esperando sua profecia.

“Você terá êxito.” Disse ela. “A menos que os sóis convirjam.”

Romulus deu um sorriso largo. Os sóis convirjam? Isso não tem acontecido há mil anos.

Ele estava exultante, uma sensação de calor inundou seu peito. Isso era tudo o que ele precisava ouvir. Os deuses estavam com ele.

Romulus pegou seu manto, montou em seu cavalo e o esporou com força, começando a galopar sozinho, através da areia, para o caminho que levaria à Travessia do Leste, através do Canyon e em breve, até o próprio coração do Anel.

CAPÍTULO OITO

Selese atravessava os restos do campo de batalha ao lado de Illepra, cada uma delas ia de um corpo a outro, procurando sinais de vida. Tinha sido uma caminhada longa e difícil desde Silésia, as duas haviam permanecido juntas, seguindo o corpo principal do exército, cuidando dos feridos e dos mortos. Elas se separaram dos outros curandeiros e tornaram-se amigas íntimas, unidas pela adversidade. Elas gravitavam naturalmente uma em torno da outra, ambas tinham quase a mesma idade e muita coisa em comum; talvez a mais importante fosse o fato de que cada uma delas amava um jovem MacGil. Selese amava Reece, e Illepra, apesar de relutar em admitir isso, amava Godfrey.

Elas tinham feito o seu melhor para acompanhar o corpo principal do exército, entrando e saindo dos campos e florestas e das estradas lamacentas, constantemente buscando os MacGil feridos. Infelizmente, encontrá-los não era muito difícil; eles enchiam a paisagem em abundância. Em alguns casos, Selese era capaz de curá-los; mas em muitos casos, o melhor que ela e Illepra podiam fazer era vendar suas feridas, aliviar suas dores com seus elixires e ajudá-los a ter uma morte serena.

Era doloroso para Selese. Tendo sido uma curandeira em uma pequena cidade toda a sua vida, ela nunca tinha lidado com nada dessa dimensão ou gravidade. Ela estava acostumada a lidar com pequenos arranhões, cortes e feridas, ou talvez com a picada ocasional de uma aranha Forsyth. Mas ela não estava acostumada ao derramamento de sangue maciço, à morte, nem à tamanha gravidade dos ferimentos e feridos. Isso a entristecia profundamente.

Em sua profissão, Selese ansiava por curar as pessoas e vê-las bem; ainda assim, desde que ela tinha partido de Silésia, ela não tinha visto nada além de uma trilha interminável de sangue. Como os homens poderiam fazer isso uns aos outros? Aqueles feridos eram todos filhos de alguém; pais irmãos ou maridos. Como a humanidade podia ser tão cruel?

O que partia ainda mais o coração de Selese era sua incapacidade de ajudar cada pessoa que ela encontrava. Seus suprimentos eram limitados ao que elas podiam transportar, e dada a sua longa caminhada, isso não era muito. Os outros curandeiros do reino estavam espalhados por todo o Anel; eles eram um exército em si mesmos, mas havia muito mais a fazer do que estava ao seu alcance e os suprimentos eram demasiado escassos. Sem vagões adequados, cavalos e uma equipe de ajudantes, era muito pouco o que ela poderia transportar.

Selese fechou os olhos e respirou fundo enquanto caminhava e via as imagens dos rostos dos feridos desfilarem diante dela. Foram muitas as vezes em que ela cuidou de um soldado mortalmente ferido, vendo seus olhos vidrados enquanto ele gritava de dor, nessas ocasiões, ela lhe dava Blatox. Era um analgésico e um tranquilizante eficaz. Mas ele não iria curar uma ferida purulenta, nem parar uma infecção. Sem todos os seus suprimentos, isso era o melhor que ela podia fazer. Isso fazia com que ela quisesse chorar e gritar ao mesmo tempo.

Selese e Illepra se encontravam ajoelhadas, cada uma ao lado de um soldado ferido, a poucos metros de distância uma da outra, ambas estavam ocupadas suturando uma ferida com agulha e linha. Selese tinha sido forçada a usar aquela agulha muitas vezes e ela desejava ter uma que estivesse limpa. Mas ela não tinha escolha. O soldado gritava de dor enquanto ela dava pontos numa longa ferida vertical em seu bíceps, a qual parecia não querer fechar-se e supurava continuamente. Selese pressionava a ferida com a palma da mão, tentando estancar o fluxo de secreção.

Mas era uma batalha perdida. Se ao menos ela tivesse chegado a esse soldado um dia antes, tudo teria estado bem. Mas agora o braço dele estava verde. Ela estava protelando o inevitável.

“Você vai estar bem.” Selese disse para ele.

“Não, eu não vou.” Disse ele, olhando para ela com um olhar de morte. Selese já tinha visto aquele olhar muitas vezes. “Diga-me, eu vou morrer?”

Selese respirou fundo e se conteve. Ela não sabia o que responder. Ela odiava a ser desonesta. Mas ela não podia suportar a

dizer a verdade a ele.

“Nossos destinos estão nas mãos do nosso criador.” Disse Ela. “Nunca é tarde demais para qualquer um de nós. Beba, disse ela, tomando um pequeno frasco de Blatox da sacola de poções em sua cintura, colocando-o nos lábios do soldado e acariciando sua testa.

Ele revirou os olhos e suspirou, em paz pela primeira vez.

“Eu me sinto bem.” Disse ele.

Logo depois ele fechou seus olhos.

Selese sentiu uma lágrima rolar pelo seu rosto e rapidamente a enxugou.

Illepra terminou de cuidar de outro ferido e cada uma delas se levantou, cansada, elas continuaram andando juntas pela trilha sem fim, passando por um cadáver após outro. Elas dirigiram-se inevitavelmente para o Leste, seguindo o corpo principal do exército.

“Será que estamos realmente fazendo algo de proveito aqui?”

Selese finalmente perguntou, depois de um longo silêncio.

“É claro.” Respondeu Illepra.

“Não me parece que seja assim.” Disse Selese. “Nós salvamos tão poucos soldados, e perdemos tantos.”

“E quanto aos que salvamos?” Illepra retrucou. “Por acaso eles não contam?”

Selese ficou pensando.

“É claro que eles contam.” Disse ela. “Mas e quanto aos outros?”

Selese fechou os olhos e tentou recordá-los; mas eles eram apenas um borrão agora.

Illepra balançou a cabeça.

“Você não está pensando com clareza. Você é uma sonhadora, e muito ingênua. Você não pode salvar todos. Nós não começamos essa guerra. Nós simplesmente fomos apanhadas por ela.”

Elas continuaram a andar em silêncio, caminhando para cada vez mais longe, em direção ao Leste, enquanto passavam por campos cheios de corpos. Selese estava feliz por ter pelo menos a companhia de Illepra. Elas tinham brindado companhia e consolo uma à outra e tinham compartilhado conhecimentos e remédios ao longo do caminho. Selese estava admirada com a grande variedade

de ervas que Illepra conhecia, algumas eram totalmente desconhecidas para ela; Illepra, por sua vez, se surpreendia constantemente com as seivas únicas que Selese havia descoberto em sua pequena aldeia. Elas complementavam-se muito bem.

Enquanto marchavam supervisionando os mortos, uma vez mais os pensamentos de Selese voltaram-se para Reece. Apesar de tudo o que via ao seu redor, ela não conseguia tirá-lo de sua mente. Ela tinha viajado por todo o caminho de Silésia apenas para encontrá-lo e estar com ele. Mas o destino lhes havia separado muito cedo, aquela guerra estúpida os havia arrastado em duas direções diferentes. Ela se perguntava a cada momento se Reece estaria seguro e também em que campo de batalha ele estaria. Ao passar por cada cadáver, ela olhava rapidamente para o seu rosto com uma sensação de medo, esperando e rezando para que não fosse Reece. Seu estômago se apertava ao aproximar-se de cada corpo, quando ela dava volta ao cadáver e não via o rosto de Reece, ela suspirava de alívio.

No entanto, Selese se sentia nervosa a cada passo que dava, ela sempre temia encontrar Reece entre os feridos, ou pior ainda, entre os mortos. Ela não sabia se poderia continuar caso isso acontecesse.

Ela estava determinada a encontrá-lo, vivo ou morto. Ela tinha viajado até ali e não iria voltar atrás até que ela soubesse o que havia sido dele.

“Eu não vi nenhum sinal de Godfrey.” Disse Illepra chutando pedrinhas enquanto andavam.

Illepra tinha falado de Godfrey constantemente desde que tinha partido e era óbvio que ela também estava apaixonada por ele.

“Nem eu.” Disse Selese.

Era o diálogo constante entre as duas, cada uma estava apaixonada por um dos dois irmãos, Reece e Godfrey, dois irmãos que não poderiam ser mais diferentes um do outro. Selese não conseguia entender o que Illepra via em Godfrey. Para ela, ele parecia ser apenas um bêbado, um homem tolo que não devia ser levado a sério. Ele era divertido e engraçado, e certamente, inteligente. Mas ele não era o tipo de homem que Selese queria.

Selese queria um homem que fosse sincero, sério, intenso. Ela ansiava por um homem que demonstrasse ter cavalheirismo, honra. Reece era o homem perfeito para ela.

“Eu simplesmente não sei como ele poderia sobreviver a tudo isso.” Disse Illepra com tristeza.

“Você o ama, não é mesmo?” Perguntou Selese.

Illepra ficou vermelha e se afastou.

“Eu nunca disse nada sobre amor.” Disse ela à defensiva. “Eu só estou preocupada com ele. Ele é apenas um amigo.”

Selese sorriu.

“É mesmo? Então por que você não pára de falar nele?”

“Eu falo nele?” Illepra perguntou surpresa. “Eu não tinha percebido isso.”

“Sim, constantemente.”

Illepra deu de ombros e ficou em silêncio.

“Eu acho que estou muito achegada a ele, de alguma forma. Às vezes ele me deixa louca. Eu estou constantemente arrastando-o para fora das tavernas. Cada vez que isso acontece, ele promete que nunca mais vai voltar. Mas ele sempre volta. É enlouquecedor, realmente. Eu bateria nele, se eu pudesse.”

“É por isso que você está tão ansiosa para encontrá-lo?” Perguntou Selese. “Para bater nele?”

Então foi a vez de Illepra sorrir.

“Talvez não.” Disse ela. “Talvez eu queira dar-lhe um abraço também.”

Elas contornaram uma colina e encontraram um soldado, um silesiano. Ele estava deitado debaixo de uma árvore, gemendo, era óbvio que sua perna estava quebrada. Selese podia ver isso desde onde ela estava, com seu olhar de especialista. Perto dali, amarrados à árvore, havia dois cavalos.

Ela correu para o lado do soldado.

Selese pôs-se a cuidar de suas feridas, o soldado tinha um corte profundo na coxa. Selese não podia deixar de fazer a mesma pergunta a cada soldado que ela encontrava:

“Você tem visto alguém da família real?” Perguntou ela. “Tem visto Reece?”

Todos os outros soldados tinham se virado, balançado a cabeça e olhado para o lado. Selese estava tão acostumada à decepção que ela agora esperava uma resposta negativa.

Mas, para sua surpresa, o soldado assentiu com a cabeça afirmativamente.

“Eu não cavalguei com ele, mas eu o vi sim, minha senhora.”

Os olhos do Selese se arregalaram com entusiasmo e esperança.

“Ele está vivo? Ele está ferido? Você sabe onde ele está?” Ela perguntou com o seu coração já acelerado, enquanto ela agarrava o pulso o homem.

Ele assentiu com a cabeça.

“Sim, eu sei. Ele está em uma missão especial para recuperar a espada.”

“Que espada?”

“A Espada do Destino.”

Ela olhou para ele admirada. A Espada do Destino. A espada da lenda.

“Onde?” Ela perguntou desesperada. “Onde está ele?”

“Ele foi para a Travessia Oriental.”

A Travessia Oriental, Selese pensava. Isso era longe, muito longe. Não havia nenhuma maneira de poder chegar lá a pé. Não a esse ritmo. Se Reece estivesse lá, com certeza ele estaria em perigo. Certamente, ele precisava dela.

Quando terminou de cuidar do soldado, Selese olhou ao redor e notou os dois cavalos amarrados à árvore. Já que aquele homem estava com a perna quebrada, não havia nenhuma maneira que ele pudesse montá-los. Os dois cavalos não eram mais úteis para ele. Em breve eles morreriam se não fossem cuidados.

O soldado percebeu que ela estava olhando para os cavalos.

“Leve-os senhora.” Ofereceu ele. “Eu não vou precisar deles.”

“Mas eles são seus.” Disse ela.

“Eu não posso montá-los. Não assim. A senhora pode dar uso a eles. Pegue-os e encontre Reece. É uma longa viagem desde aqui e a senhora não pode fazer isso a pé. A senhora me ajudou muito. Eu não vou morrer aqui. Eu tenho comida e água por três dias. Os

homens virão por mim. As patrulhas passam por aqui o tempo todo. Pegue-os e vá.”

Selese segurou o pulso do soldado, transbordando de gratidão. Ela se virou para Illepra, determinada.

“Eu devo ir e encontrar Reece. Sinto muito. Há dois cavalos aqui. Você pode levar o outro para qualquer lugar que você precisar ir. Eu preciso atravessar o Anel e ir para a travessia do Leste. Eu sinto muito, mas eu devo deixar você.”

Selese montou seu cavalo e ficou surpresa quando Illepra correu e montou o outro cavalo que estava ao seu lado. Illepra pegou sua espada curta e cortou a corda que atava os cavalos à árvore.

Ela virou-se para Selese e sorriu.

“Você realmente acha que depois de tudo o que passamos, eu deixaria que você fosse sozinha?” Perguntou ela.

Selese sorriu. “Eu acho que não.” Respondeu ela.

As duas esporaram seus cavalos e partiram, elas seguiram descendo a estrada, indo cada vez mais para o Leste, para algum lugar, Selese orava, onde Reece estivesse.

CAPÍTULO NOVE

Gwendolyn se encolheu e baixou sua cabeça, tentando proteger-se do vento e da neve enquanto prosseguia pelo campo branco e infinito, Alistair, Steffen e Aberthol iam ao lado dela e Krohn a seguia de perto. Os cinco haviam estado caminhando por horas, desde que haviam cruzado o Canyon e entrado no Mundo Inferior. Gwen já estava exausta; seus músculos e seu ventre doíam, eram dores agudas que a assolavam cada vez que o bebê se movia. Ela estava em um mundo de branco, de neve que caía incessantemente, chicoteando seus olhos. O horizonte não oferecia nenhum alívio. Não havia nada para quebrar a monotonia da paisagem; Gwen se sentia como se estivesse andando até os confins da terra.

O tempo tinha-se tornado ainda mais frio e apesar de suas peles, Gwendolyn sentia o frio penetrando em seus ossos. Suas mãos já estavam dormentes.

Ela olhou e viu que os outros também estavam tremendo, todos estavam lutando contra o frio; Gwen começou a se perguntar se ela não teria cometido um grave erro ao ir ali. Mesmo que Argon estivesse ali, como eles poderiam realmente encontrá-lo, já que não contavam com nenhum tipo de ponto de referência no horizonte? Não havia nenhuma trilha, nenhum caminho. Gwen sentia uma sensação de desânimo, de desespero, visto que ela não tinha ideia de para onde todos eles estavam indo. Tudo o que ela sabia era que eles estavam indo para longe do Canyon, para o Norte longínquo. Mesmo que eles encontrassem Argon, como eles poderiam realmente libertá-lo? Será que ele poderia realmente ser libertado?

Gwen sentia que estava viajando para um lugar que não estava destinado aos seres humanos, um lugar sobrenatural destinado aos feiticeiros e druidas e às misteriosas forças da magia que ela não compreendia. Ela sentia que estava invadindo-o.

Gwen sentiu outra dor aguda na barriga, ela sentiu o bebê dando voltas, uma vez após outra. Dessa vez a dor foi tão intensa que ela quase perdeu o fôlego, ela cambaleou por um momento.

Logo depois ela sentiu uma mão reconfortante agarrar seu pulso e estabilizá-la.

“Majestade, se encontra bem?” Steffen perguntou, chegando rapidamente ao lado dela.

Gwen fechou os olhos e respirou fundo, seus olhos lacrimejavam devido à dor, ela acenou com a cabeça. Ela parou por um momento, colocou a mão em seu ventre e esperou. Era evidente que seu bebê não estava feliz de estar ali. Ela tampouco estava.

Gwen ficou ali por alguns momentos, respirando profundamente, até que finalmente a dor passou. Ela se perguntou mais uma vez se aventurar-se ali não teria sido um erro; mas ela logo pensou em Thor, e seu desejo de salvá-lo superou tudo.

Eles começaram a andar novamente e a dor diminuiu, Gwendolyn temia não só pelo seu bebê, mas pelos outros também. Ela não sabia quanto tempo eles poderiam sobreviver naquelas condições; àquelas alturas, ela nem sequer sabia se eles poderiam voltar. Eles estavam estancados. Aquele era território totalmente desconhecido, sem mapa e sem fim à vista.

O céu estava tingido com uma luz roxa, tudo estava manchado de âmbar e violeta, fazendo-a sentir-se ainda mais desorientada. Não havia nenhuma sensação do dia ou da noite ali. Tudo era apenas uma marcha sem fim, para o nada.

Aberthol tinha estado com a razão: aquele era verdadeiramente outro mundo, um abismo de neve e vazio. Era o lugar mais desolado que ela já tinha visto.

Gwendolyn parou por um momento para recuperar o fôlego e quando ela fez isso sentiu uma mão quente e reconfortante em seu ventre, ela se surpreendeu com a calidez dela.

Ela se virou e viu Alistair de pé ao lado dela, colocando a mão em seu ventre e olhando para ela com preocupação.

“Você está esperando um bebê.” Disse ela. Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

Gwendolyn olhou para Alistair chocada por ver que ela sabia, especialmente porque seu ventre ainda estava chato. Ela já não tinha forças para manter isso em segredo, ela balançou a cabeça afirmativamente.

Alistair assentiu de volta demonstrando compreensão.

“Como foi que você soube?” Gwen perguntou.

Mas Alistair simplesmente fechou os olhos e respirou fundo enquanto mantinha a palma da mão na barriga de Gwen. Gwen foi confortada pela sensação e sentiu um calor curativo percorrer seu corpo.

“Uma criança muito poderosa.” Disse Alistair, com os olhos fechados. “Ele está assustado. Mas não está doente. Ele vai estar bem. Eu estou fazendo com que seus temores desapareçam.”

Gwendolyn sentiu ondas de luz e calor percorrendo-a. Logo ela sentiu-se totalmente revigorada.

Gwen estava cheia de gratidão e amor por Alistair e sentia-se inexplicavelmente achegada a ela.

“Eu não sei como lhe agradecer.” Gwendolyn disse ao levantar-se, sentindo-se quase normal novamente, depois que Alistair retirou sua mão.

Alistair baixou a cabeça humildemente.

“Não há nada pelo qual me agradecer.” Respondeu ela.

“Esse é o meu trabalho.”

“Minha senhora, eu deveria ter sido informado de que estava grávida.” Aberthol disse severamente. “Se eu soubesse, eu nunca teria aconselhado essa viagem.”

“Majestade, eu não tinha ideia.” Disse Steffen. Gwendolyn deu de ombros, supersticiosa, ela não queria toda aquela atenção para seu bebê.

“E quem é o pai?” Perguntou Aberthol.

Gwen sentiu um profundo sentimento de ambivalência quando pronunciou a palavra:

“Thorgrin.”

Gwen se sentia dividida. Ela sentia ondas de culpa pelo que tinha feito a Thor, pela maneira como eles tinham dito adeus; ela também abrigava sentimentos mistos sobre a linhagem da criança. Ela imaginou o rosto de Andronicus e estremeceu.

Aberthol acenou com a cabeça.

“A mais nobre linhagem.” Disse ele. “A senhora carrega um guerreiro dentro de si.”

“Majestade, eu daria minha vida para proteger seu filho.” Disse Steffen.

Krohn caminhou até Gwen, apoiou sua cabeça na barriga dela e lambeu-a várias vezes, ronronando.

Gwen estava comovida com a bondade de todos e se sentia amparada.

De repente, Krohn virou-se e surpreendeu a todos quando começou a rosnar ferozmente. Ele deu vários passos para a frente na neve ofuscante, seu pêlo estava arrepiado, ele olhava fixamente para a neve e ignorava todos eles.

Gwen e os outros se entreolharam, intrigados.

Gwen olhava para a neve, mas não conseguia ver nada.

Ela nunca tinha ouvido Krohn rosnar assim.

“O que foi Krohn?” Perguntou ela, nervosa.

Krohn continuou a rosnar enquanto avançava para a frente e Gwen, nervosa, levou a mão para o punhal em sua cintura, os demais puseram as mãos sobre suas armas também.

Eles esperaram e ficaram observando.

Finalmente, surgiu no meio da neve ofuscante, uma dúzia de criaturas. Elas eram aterrorizantes, inteiramente brancas, tinham enormes olhos amarelos e quatro longas presas, as quais eram maiores do que as de um lobo. As criaturas eram maiores que Krohn e cada uma tinha duas cabeças; suas longas presas eram amarelas e tinham quase trinta centímetros. Elas emitiam um som feroz e constante enquanto se aproximavam do grupo, logo elas se espalharam e formaram um largo semicírculo.

“Lorks.” Aberthol disse com medo, recuando.

Gwendolyn ouviu o som característico do metal quando Steffen desembainhou sua espada. Aberthol agarrou seu cajado com as duas mãos e o estendeu diante dele enquanto Alistair simplesmente ficou ali, olhando com intensidade. Gwendolyn agarrou seu punhal e segurou-o firmemente, preparada sacrificar sua vida e defender seu bebê.

Krohn não perdeu tempo: ele investiu com um grunhido e deu início ao ataque. Ele saltou no ar e afundou suas presas na garganta de um lork. Apesar de que o lork era bem maior, Krohn estava

determinado, ele rosnava e lutava no chão em igualdade de condições. Os sons que ambos emitiam enquanto rolavam pela neve eram ferozes. Logo a neve ficou manchada de vermelho e Gwen ficou aliviada ao ver que era o sangue do lork. Krohn o sujeitava, vitorioso.

Os outros lorks entraram em ação. Dois deles se lançaram sobre Krohn, enquanto os outros avançaram direto para Gwendolyn e os demais. Steffen correu para a frente, balançou sua espada e golpeou um Lork enquanto ele investia contra Gwendolyn. Steffen conseguiu cortar uma das duas cabeças da criatura. Mas isso o deixou exposto, então outro lork se lançou sobre ele e afundou suas longas presas no seu braço. Steffen gritou, seu sangue esguichou por todas as partes quando a criatura o sujeitou contra o chão.

Gwendolyn deu um passo adiante com seu punhal e apunhalou o lork nas costas; ele arqueou as costas e gritou. O lork mantinha suas presas metidas no braço de Steffen, logo ele girou sua outra cabeça e virou-se para Gwen. Ao fazer isso, ele arqueou para trás justo o suficiente para que Steffen pudesse se libertar; Gwen recuou, segurando seu punhal diante dela com as mãos trêmulas. Steffen conseguiu recuperar sua espada e com ela decepou as duas cabeças da criatura.

O lork voltou sua atenção para Alistair e atacou; ele saltou no ar, com o objetivo de afundar suas presas na garganta dela. Alistair permaneceu calmamente no lugar, sem se incomodar; ela estendeu a mão e uma luz amarela emanou de sua palma e atravessou o ar atingindo o lork no peito. Ele ficou pairando ali, congelado no ar, enquanto Alistair mantinha o braço estendido.

Finalmente, depois de flutuar por alguns segundos no ar, a criatura caiu inofensivamente aos pés de Alistair, já morta.

Outro lork avançou para Aberthol, ele levantou seu bastão, golpeou a criatura no ar e ao mesmo tempo se esquivou dela. Porém o lork levantou-se imediatamente e pulou nas costas de Aberthol.

Aberthol gritou quando o lork afundou as presas em seu ombro e prendeu-o contra o chão, de cara contra a neve.

Gwendolyn virou-se para ajudar, mas Steffen adiantou-se a ela; ele puxou seu arco, disparou uma flecha e atingiu as mandíbulas da

criatura antes que ela conseguisse dar um golpe fatal na nuca exposta de Aberthol.

Em seguida, Steffen virou-se para disparar contra os dois lorks que prendiam Krohn ao chão, mas uma rajada de neve repentina o impediu de apontar para o alvo com precisão.

Gwendolyn correu para Krohn. Ela puxou o punhal e apunhalou um lork nas costas, enquanto Krohn saltava e afundava suas presas na garganta do outro lork. Steffen correu e apunhalou mais um lork em sua face antes que ele pudesse matar Krohn.

Krohn, coberto de feridas, levantou-se e mancou até Gwendolyn. Ele lambeu-lhe a mão e em seguida o seu ventre.

Gwendolyn chorava ao ver Krohn ferido, ela estava muito comovida com sua lealdade. Ela ajoelhou-se ao seu lado e acariciou a pele dele, sentindo todas as suas feridas e vendo todo o sangue manchar suas mãos. Seu coração ficou destroçado. Alistair se ajoelhou ao lado de Krohn, colocou as mãos sobre ele, então um suave brilho amarelo cobriu seu corpo, ele olhou para ela e lambeu seu rosto. Seus ferimentos estavam curados.

Alistair ajudou Aberthol a levantar-se e ele voltou a ficar de pé, trêmulo. Todos os cinco tremiam, eles se viraram, se entreolharam e olharam para a carnificina, tentando processar tudo. Tudo tinha acontecido tão rápido, Gwen mal podia compreender. Ela lembrou-se mais uma vez dos perigos daquele lugar.

“Majestade, veja!” Steffen exclamou com voz emocionada.

Gwen se virou e olhou para o horizonte, ela viu uma trégua temporária na nevasca. Lentamente, um raio de sol surgiu entre as nuvens, era um vislumbre de esperança no horizonte.

Enquanto Gwen observava, para sua surpresa, apareceu ali de repente, flutuando no horizonte, um arco-íris com todas suas cores brilhantes. Ele era diferente de qualquer arco-íris que Gwen já tinha visto: em vez de ter a forma de um arco, ele formava um círculo perfeito e vazado, flutuando no alto dos céus.

Ele também iluminava a paisagem e pela primeira vez, Gwen teve um vislumbre de seu entorno.

“Ali...” Disse Gwen. “Você vê aquele cume? A parede de neve termina lá. Temos de chegar lá.”

O grupo aumentou seu ritmo, revigorado.

Eles marcharam em harmonia, para o cume, Gwen respirava com dificuldade, cada um deles apoiava-se um no outro enquanto cuidavam de suas feridas.

Então Aberthol se deteve.

“Eu não posso continuar.” Disse ele.

“Você deve continuar.” Gwen implorou.

Ela se aproximou, passou um braço em volta dele e ajudou-o a subir a colina, Alistair também veio e ajudou-o com o outro braço. Gwendolyn pensava que se eles pudessem chegar ao topo do cume, tudo ficaria claro. Talvez eles vissem Argon em algum lugar, ou talvez, pelo menos, houvesse algum indicador, algum sinal que apontasse o caminho.

Eles continuaram subindo e finalmente chegaram ao topo, todos respiravam com dificuldade. Gwendolyn permaneceu de pé ali no pico junto aos outros e olhou para baixo. Ela ficou chocada com o que viu.

O panorama que se estendia lá embaixo, até onde a vista alcançava, proporcionava uma visão diferente de qualquer outra jamais vista em sua vida. Era um vale sem fim, o céu acima dele era de um amarelo claro e vermelho, não havia mais neve à vista. Em vez disso, sob o céu se estendia uma paisagem congelada e cintilante. Era como uma cidade congelada, mas em vez de edifícios havia montes de gelo de todas as formas e tamanhos diversos, cada um tinha uma cor diferente: violeta, azul, vermelho e rosa. Todos brilhavam ao sol, em um milhão de flashes de luz.

Era uma cidade congelada, a coisa mais linda ela já tinha visto. Ela não parecia real.

Gwen não tinha ideia do que seria, ou aonde ela levaria. Mas ela via um brilho mágico sobre o lugar e ela sentia que o tempo e espaço estavam presos ali.

E ela soube, ela simplesmente soube que em algum lugar lá embaixo, estava Argon.

CAPÍTULO DEZ

Reece se encontrava equilibrado na borda do penhasco, pressionado contra a pedra, suas mãos tremiam, ele se aferrava a sua preciosa vida e olhava para baixo, por cima do ombro em horror, enquanto observava Krog despencar no vazio, gritando e se debatendo em meio à névoa. O coração de Reece se apertou. Krog certamente estava morto. Eles já tinham perdido um dos seus membros valiosos da Legião e Reece não podia deixar de sentir que a culpa era dele; afinal de contas, ele era o único que havia liderado o restante até ali.

As mãos e pés de Reece tremiam, ele se perguntava por quanto tempo ele próprio poderia segurar-se e ainda por quanto tempo o resto deles poderia fazer isso, também. Reece não sentia que eles poderiam aguentar por muito mais tempo e ele ainda nem sequer sabia se o fundo existia. Teria sido imprudência de sua parte prosseguir com tudo isso?

Mas de repente, ele teve uma bela surpresa: os gritos de Krog terminaram abruptamente e foram substituídos pelo som do corpo de Krog impactando em alguma coisa. O impacto soou como o dos ramos, como galhos se rompendo e tudo parecia ter ocorrido mais perto do que Reece jamais poderia ter imaginado. Ele ficou surpreso: Krog teria alcançado o fundo? Ele estaria tão perto?

Reece sentiu-se encorajado quando olhou para dentro da névoa, sabendo que Krog não estava muito longe, lá embaixo. Talvez, Reece esperava, ele até mesmo tivesse sobrevivido. Talvez algo tivesse suavizado sua queda.

“KROG!?” Reece gritou para baixo.

Não houve resposta.

Reece olhou para cima e viu os outros: Elden, O’Connor, Conven, Indra e Serna, todos agarrados à lateral do penhasco, com as mãos tremendo, todos olhavam para baixo com a mesma expressão de choque e medo. Reece poderia dizer, pela postura de seus corpos e suas expressões desesperadas, que eles não

chegariam muito mais longe também. Ele sentia-se obrigado a dar o exemplo como seu líder.

“O fundo está próximo!” Reece exclamou, demonstrando confiança em seu tom. “Krog o atingiu. Ele vai estar bem e nós também! Aguentem apenas mais um pouco e logo todos estaremos em segurança. Sigam-me!”

Reece apressou a descida, suas mãos deslizavam, seus joelhos tremiam, mas ele estava determinado chegar ao fundo e dar o exemplo. Quando ele pensava apenas em si mesmo, tudo era muito mais difícil; mas quando ele pensava nos outros, ele sentia uma energia renovada.

Reece olhou para baixo e se concentrou, ele respirava com dificuldade. Ele simplesmente tinha de ir de um ponto de apoio até o seguinte; às vezes só havia espaço suficiente para os dedos dos pés. Suas botas felizmente davam-lhe estabilidade, permitindo que ele metesse os dedos dos pés em pequenos pontos e os afirmasse, dando-lhe a força necessária para suportar seu corpo. Ele desceu do penhasco com sua reserva final de energia, orando para que isso fosse o fim dele.

Por fim, a névoa serpenteante começou a levantar; ao olhar para baixo, o coração de Reece disparou ao ver a terra. Terra de verdade! A quase seis metros abaixo dele, se encontrava o fundo do Canyon.

E lá embaixo, deitado sobre o que parecia ser uma cama de suaves agulhas de pinheiro, de uma cor turquesa brilhante, estava Krog. Ele gemia e se contorcia no chão. Reece suspirou de alívio. Ele estava vivo.

Ao se aproximar, Reece ficou admirado com a paisagem lá embaixo: ela era mais exótica do que qualquer coisa que ele já tinha visto, parecia que ele tinha chegado a outro mundo. Ele captava apenas vislumbres dela entre as névoas circulantes, mas pelo que ele podia ver, o fundo do Canyon estava cheio de pinheiros cujos troncos eram de um tom laranja brilhante e sua folhagem era turquesa e brilhante; seus ramos roxos e dourados estavam carregados de frutos pequenos e exóticos que brilhavam. O solo parecia lama.

Reece percorreu seus últimos metros e pulou da parede do penhasco, suas mãos mal conseguiriam segurá-lo mais um segundo. Seus pés pousaram no solo e afundaram alguns centímetros. Ele olhou para baixo e viu uma substância pegajosa e estranha, não chegava a ser lama, mas tampouco era exatamente terra. Era tão bom ter os pés no chão novamente.

Todos os seus companheiros da Legião, ao seu redor, seguiram seu exemplo, eles pularam da parede e pousaram ao lado dele.

Reece correu para o lado de Krog. Quando ele se aproximou, um lampejo de raiva percorreu Reece: Krog tinha sido uma pedra em seu sapato o tempo todo. No entanto, Reece estava determinado a não tratar Krog da mesma maneira. Ele tinha de dar a volta por cima disso, e independentemente do que Krog merecesse, não era próprio de um líder rebaixar-se ao seu nível. A vingança estúpida poderia ser própria de garotos, não de homens. E era hora de ele deixar a infância para trás para se tornar um homem.

Reece se ajoelhou ao lado de Krog e o examinou, determinado a ajudar.

Krog gemeu e entrecerrou os olhos, contorcendo-se de dor.

“Meu joelho.” Krog disse com voz entrecortada.

Reece olhou para baixo e fez uma careta quando viu um grande galho roxo perfurando o joelho de Krog e atravessando-o de um lado a outro. O estômago de Reece ficou revirado com a visão; era algo extremamente doloroso.

“Como se vê?” Perguntou Krog.

Reece se obrigou a olhar para Krog com uma expressão constante de calma e fria confiança, não querendo que Krog entrasse em pânico.

“Eu tenho visto coisas piores.” Reece respondeu. “Você vai ficar bom.”

Krog, no entanto, não parecia acreditar nisso. Ele estava suando e olhou para Reece com pânico. Sua respiração era rápida e superficial.

“Escute-me...” Reece insistiu, agarrando o rosto dele. “... Você está me ouvindo? Seu joelho vai ficar bom, você confia em mim?”

A respiração de Krog se acalmou lentamente e ele assentiu com a cabeça.

Todos os outros surgiram ao lado de Reece, eles se detiveram e olharam para baixo. Reece tinha certeza de que eles estavam olhando para o joelho de Krog sentindo o mesmo choque que ele tinha experimentado.

“Você tem sorte de estar vivo.” Serna disse para Krog. “Eu tinha certeza de que você estava morto.”

“Os galhos amorteceram minha queda.” Disse Krog. “Eu acho que parti a metade de uma árvore.”

Reece olhou para cima e viu que, de fato, a metade dos galhos da árvore estava faltando.

Krog tentou se mover, mas fez uma careta e balançou a cabeça.

“Eu não posso dobrar a minha perna. Eu não posso caminhar.” Krog respirava agitado. “Deixem-me aqui.” Disse ele. “Eu já não sou mais útil para vocês.”

Reece balançou a cabeça em desacordo.

“Você se lembra do nosso lema?” Lembrou ele. “*Não deixamos nenhum homem para trás.* Essas não são palavras vazias. Nós nos regemos por elas. E não vamos deixar você largado em qualquer lugar.”

Reece pensou rápido e virou-se para os outros.

“Elden, O’Connor, segurem-no com força.” Ele ordenou usando de autoridade em sua voz.

Cada um deles se ajoelhou e agarrou Krog pelos ombros, sujeitando-o com firmeza.

“O que você está fazendo?” Perguntou Krog.

Reece não hesitou; ele tinha de acabar logo com aquilo. Ele estendeu a mão, pegou o galho que sobressaía do joelho de Krog, quebrou uma das pontas e em seguida, deu-lhe um puxão, arrancando o galho da perna de Krog. Ele soltou um grito terrível, O sangue jorrou e Reece o estancou com a palma da mão.

Krog se debatia e gemia. Indra precipitou-se ao lado dele, ela rasgou uma tira de pano da barra de sua blusa e envolveu a ferida dele com ela.

“Seu filho da mãe!” Krog gritou, contorcendo-se em agonia, enquanto enterrava suas mãos no antebraço de Reece.

“Você agora vai ficar bom.” Disse Reece. “Conven— traga seu vinho.”

Conven correu para a frente e trouxe o odre com o vinho que tinha sobrado de Silésia, ele tomou o rosto de Krog e esguichou um pouco do vinho em sua boca. A princípio Krog resistiu, mas Conven o segurava com firmeza, forçando-o a beber.

Em pouco tempo, os olhos de Krog começaram a revirar e seus gritos se acalmaram; Reece sabia que a bebida forte estava fazendo efeito.

“Levantem-no.” Reece ordenou-lhes enquanto se levantava.

Elden e O’Connor ajudaram-no a levantar-se, cada um passou um braço ao redor de um dos ombros de Krog.

“Eu odeio você.” Krog gemeu já meio delirante enquanto Reece olhava para ele.

Reece deu de ombros. Ele nunca esperou que Krog gostasse dele; não era por esse motivo que ele o havia ajudado.

“Odeie-me o quanto quiser.” Disse ele. “Pelo menos sua perna se salvará.”

Reece se virou e examinou seus arredores, absorvendo tudo. Ele estava surpreso e desorientado pelo fato de realmente estar ali. Tudo parecia tão estranho, tão exótico, era como se ele estivesse a mundos de distância do Anel. Eles se encontravam no meio de uma floresta de cores vivas, a névoa rodopiava ao seu redor. Grandes montes de lama se levantavam aqui e ali, eles pontilhavam a paisagem e pareciam grandes rochedos amorfos que emergiam da terra. Gêiseres subiam de vários pontos das profundezas do solo, eles sibilavam enquanto jorravam vapor pelos ares, seus jatos iniciavam e paravam abruptamente, sem nenhuma cadência ou lógica.

O ar estava cheio de ruídos estranhos: grasnados, assobios, grunhidos e gritos; parecia que eles tinham sido lançados no centro de um reino animal. Reece olhava entre a névoa, tentando obter uma vista, mas o nevoeiro persistente tornava impossível ver mais

de seis metros a sua frente, isso fazia com que os ruídos fossem ainda mais sinistros.

Ele se virou para os outros, eles olhavam para ele admirados.

“E agora, para onde vamos?” Perguntou Serna.

Todos olhavam para Reece e estava claro que eles o consideravam seu líder agora. O próprio Reece estava começando a se sentir mais como um líder também.

“Nós devemos encontrar a espada...” Respondeu Reece. “... E sair daqui.”

“Mas ela pode estar em qualquer lugar.” Disse Elden.

“Nós não podemos ver mais do que alguns metros à nossa frente.” Acrescentou O’Connor. “Não há trilhas, nenhuma marca. Como é que vamos encontrá-la?”

Reece se virou e observou a paisagem, ele percebeu que todos eles estavam com a razão. Mas isso não iria impedi-lo de tentar.

“Bem, de uma coisa eu tenho certeza...” Disse ele. “Nós não vamos encontrá-la se ficarmos parados aqui. Então movam-se.”

“Mas para onde?” Perguntou Indra.

Reece escolheu uma direção e começou a andar, ele ouviu os outros logo atrás, puxando suas espadas, todos em pânico.

Ele gostaria de poder dizer-lhes que sabia para onde estavam indo. Mas a verdade era que ele não tinha absolutamente nenhuma ideia.

CAPÍTULO ONZE

Kendrick, Erec, Bronson e Srog marchavam diante de milhares de soldados, com seus pulsos amarrados por cordas. Eles eram levados por seus captores do Império e agora todos eram prisioneiros de guerra. Kendrick fervia de raiva e humilhação, ele olhava para Tirus, quem montava presunçosamente lado a lado com o comandante do Império. Ele jurou vingança. Tirus os havia derrotado, mas ele tinha feito isso por meio de traição e deslealdade. Essa vitória, aos olhos de Kendrick, não era vitória de jeito nenhum. Ela carecia de honra e Kendrick preferia a morte a ter uma mancha em sua honra.

Ainda assim, ali estavam todos eles, os melhores guerreiros de MacGil, junto com os McClouds de Bronson, todos eles agora à mercê daquele traidor, o irmão caçula do pai de Kendrick, quem durante toda sua vida tinha desejado derrubar sua família e usurpar o trono. Tirus tinha encontrado sua oportunidade com a invasão de Andronicus. Conhecendo bem Andronicus, Kendrick sabia que Tirus simplesmente iria terminar mal. Se Tirus ao menos pudesse discernir isso, se tão somente ele pudesse ver a falta de visão de sua traição.

Kendrick odiava render-se. No entanto, na opinião dele, isso não era uma rendição, era apenas ganhar tempo. Um dia, de alguma maneira, eles iriam encontrar outro modo de derrotá-los. Tirus havia prometido tratar a todos com honra, tratá-los como prisioneiros de guerra. Kendrick confiava nele nesse ponto; ele não imaginava que Tirus fosse cair tão baixo ao ponto de manchar a pouca honra que lhe restava. Se a guerra amainasse e Andronicus realmente permitisse que Tirus controlasse uma parte do Anel, Kendrick acreditava que Tirus seria capaz de tratá-los de forma justa. Talvez ele os obrigasse a estar ao seu serviço. Então um dia, quando Tirus menos esperasse, Kendrick reuniria os seus homens, se levantaria contra ele e o derrotaria.

Mas por outro lado, se Andronicus traísse Tirus, qualquer coisa poderia acontecer com Kendrick e seus homens. Ele lembrou-se muito bem de Silésia, do tratamento cruel que havia recebido às

mãos de Andronicus. Por isso, Kendrick mantinha os olhos bem abertos, atentos a qualquer momento que possibilitasse sua fuga.

Eles haviam estado marchando por horas e Kendrick havia discutido isso discretamente, mais de uma vez, com Erec, Bronson e Srog e todos concordaram: eles iriam escapar, contanto que pudessem libertar todos os seus homens.

“Para onde vocês acham que eles estão nos levando?” Bronson perguntou colocando-se ao lado de Kendrick.

Kendrick olhou para a paisagem fria e desolada diante deles. Ele viu ao longe um acampamento enorme de homens do Império, e no centro dele havia uma vasta área vazia e cercada. Parecia uma prisão. Kendrick percebeu que eles estavam sendo levados para lá.

“Eles vão prender-nos aqui até que Andronicus decida o contrário.” Kendrick respondeu. “Nós somos seu troféu agora.”

“A menos que Andronicus decida mandar nos matar.” Acrescentou Erec.

“Mas Tirus nos deu sua palavra.” Disse Bronson.

“A palavra de Tirus não tem muito valor.” Disse Srog interferindo na conversa.

“Será que cometemos um erro ao render-nos?” Perguntou Bronson.

Kendrick pensava exatamente o mesmo.

“Lutar enquanto estávamos emboscados teria resultado em uma morte certa. Pelo menos agora temos uma chance.”

Kendrick foi puxado com força por um soldado do Império e todos eles continuaram a marchar em frente, em direção ao campo de prisioneiros à distância.

“Sua esposa vendeu todos nós.” Disse Kendrick para Bronson. “Foi ela quem enganou Thor para que ele fosse capturado pelas mãos de Andronicus.”

Bronson fez uma careta.

“Você está certo.” Disse ele. “Ela nos traiu. Mas Luanda é sua irmã também. Você conhece a sua natureza, tão bem quanto eu.”

Kendrick balançou a cabeça em desacordo.

“Minha meia-irmã.” Corrigiu ele. “Apesar disso, eu lembro bem de sua natureza excessivamente ambiciosa. O que você viu nela?”

Bronson deu de ombros.

“Nosso casamento foi arranjado por nossos pais. Pelo seu pai. No entanto, eu tenho de admitir que eu me apaixonei por ela. Apesar de tudo, ela tem um lado bom. No fundo, bem no fundo, ela é uma boa pessoa. Eu acho que apesar de tudo, eu tenho de admitir que eu ainda a amo. Eu ainda tenho esperança em sua redenção.”

“Você a ama?” Srog perguntou mortificado. “Mesmo depois que ela traiu todos nós?”

Bronson deu de ombros. Ele desejou poder responder de outra forma, mas não era assim que ele sentia.

“Eu sei que ela fez coisas terríveis.” Disse ele. “Mas, no fundo, eu também sei que há uma parte dela que é resgatável. Ela é muito ambiciosa e tornou-se uma vítima de suas próprias falhas. Mas ela pode mudar.”

Erec balançou a cabeça em desacordo.

“E até que ela mude, quantos dos nossos homens terão de morrer?”

Bronson ficou em silêncio. É claro que eles estavam certos e uma parte dele concordava com eles. Ele desejava poder odiar Luanda, desejava que ele simplesmente pudesse desprender-se de seu amor por ela. Mas ele tinha de admitir que uma parte dele ainda a amava, apesar de tudo. Ele se perguntava se alguma vez ele a veria novamente; se Luanda ainda se importava com ele. Ele olhou para baixo e examinou o seu braço, cuja mão estava faltando, examinou o coto e lembrou que ele tinha perdido sua mão ao tratar de defendê-la, de salvá-la da ira de seu pai.

Será que ele havia perdido sua mão em vão?

Finalmente, o grupo enorme parou quando os soldados do Império conduziram todos até a área cercada. O comandante do Império estava no alto de seu cavalo, Tirus estava ao lado dele, eles olharam para baixo e se defrontaram com Kendrick, Erec, Bronson e Srog. O acampamento ficou em silêncio quando todas as tropas pararam e os observaram.

Kendrick e os outros ficaram ali, olhando para cima humildemente, como prisioneiros comuns.

“Hoje à noite, você e seus homens vão ficar neste campo de prisioneiros.” O general anunciou, com sua voz potente. “Ao amanhecer, vocês serão executados.”

Um suspiro indignado espalhou-se pelo acampamento, MacGil e Kendrick se sentiram sufocados também, eles estavam chocados.

Tirus virou-se e olhou para o comandante do Império, ele parecia chocado, seus quatro filhos estavam ao seu lado, empinando em seus cavalos, eles se viam igualmente perturbados.

“Mas meu senhor, esse não foi o trato que nós fizemos.” Tirus disse para o comandante do Império. “Se supõe que esses homens são *meus* prisioneiros de guerra e eu posso fazer o que quiser com eles. O senhor prometeu que eles não sofreriam nenhum dano.”

O comandante do Império se virou e olhou para ele.

“Não há tratos desse tipo no Império. Eu falo por Andronicus. Você tem sorte de que o mantenhamos vivo. A menos que você tenha mudado de ideia e você e seus homens desejem morrer junto com eles...”

Tirus ficou vermelho e logo depois baixou o olhar para o chão, ele parecia envergonhado e pego de surpresa. Ele calou-se, percebendo claramente que o Império tinha a mão mais forte.

Kendrick fervia de raiva. Ele tinha sido tão estúpido ao confiar em Tirus novamente, ao concordar em se render. Considerando tudo em retrospectiva, ele deveria ter lutado até a morte lá atrás. Todos eles teriam morrido, mas pelo menos, eles teriam morrido com honra, como guerreiros, lutando de pé.

“Eu lhes darei a chance de escolher.” O comandante do Império exclamou olhando para Kendrick, Erec, Bronson e Srog. “Nós podemos executar vocês — os líderes — ou em vez disso, podemos deixá-los viver e executar uma centena de seus homens. Quem morre? Vocês ou seus homens?”

Sem hesitar Kendrick, Erec, Bronson e Srog disseram em uníssono, orgulhosamente:

“Nós morreremos.”

Todos eles ficaram ali orgulhosamente, em silêncio, olhando de volta de maneira desafiadora para o comandante, nem sequer uma sombra de dúvida passou por suas mentes.

O comandante do Império acenou de volta para eles com um olhar de respeito.

“Guerreiros de verdade. Eu não esperava menos. Hoje à noite, reflitam sobre sua última noite na Terra. Amanhã, estejam preparados para encontrar o seu criador.”

*

Erec, Kendrick, Bronson e Srog estavam ali na escuridão da noite em seu próprio setor da prisão, afastados dos outros prisioneiros. Cada um estava atado a um poste, com as mãos e os pés amarrados por trás das costas, a poucos metros de distância um do outro. Os quatro haviam sido separados dos demais para logo serem executados, enquanto a maioria dos prisioneiros havia sido colocada atrás de uma enorme área cercada, a cerca de cem metros de distância. Erec olhava para eles, ele encontrava consolo no fato de que pelo menos seus homens viveriam.

Antes que eles fossem separados dos demais, durante toda a noite, milhares de seus homens haviam se dirigido a eles e pedido que recusassem a oferta, assim eles não seriam executados em seu lugar. Naturalmente, Erec e os outros, apesar de estarem comovidos com suas propostas, não quiseram prestar-lhes atenção. Eles eram homens de honra e se alguém tinha de morrer, eles seriam os que se sacrificariam. Erec não lamentava isso. O único que ele lamentava era estar atado e não ter a chance de empunhar suas armas, para morrer em uma grande de batalha, tal como ele sempre havia desejado.

Mas uma série de traições o haviam levado a isso: Luanda havia traído Thor e Tirus os havia traído. Eles haviam sido todos muito ingênuos e agora pagariam o preço por isso. Erec sempre se surpreendia ao constatar que os outros não compartilhavam o mesmo senso de honra que ele tinha. Ele realmente preferia morrer a trair alguém; para ele, a honra era mais preciosa do que a vida.

Erec ficou ali, atado ao poste; Kendrick, Bronson e Srog se encontravam perto dele. Ele olhava para a noite estrelada. Erec nunca tinha estado no lado McCloud das Highlands e as estrelas

pareciam diferentes ali. Estava frio, o chão estava duro e a temperatura estava caindo, uma rajada de vento varreu a paisagem e penetrou em seus ossos. Mas ele não tremeu. Ele olhava para a noite e refletia no final do seu tempo na Terra. Ele pensava em seu único e verdadeiro amor: Alistair. Será que ele nunca mais a veria novamente?

Erec estava tão orgulhoso, Alistair tinha lhe dito que ela iria acompanhar Gwendolyn até o Mundo Inferior, para protegê-la. Era uma honra condizente com sua futura esposa e isso fez com que ele a amasse ainda mais. Mas ele também estava preocupado por ela. Será que ela conseguiria voltar do Mundo Inferior?

Sabendo que seria executado na manhã seguinte, Erec percebia que ele jamais poria os olhos sobre ela outra vez e esse pensamento lhe oprimia. Esse era seu único arrependimento; ele daria qualquer coisa para ter a chance de vê-la uma última vez.

Erec olhou em volta e viu que a área de detenção era pouco vigiada, havia apenas dois soldados do Império, de pé montando guarda. Fazia sentido: o Império não precisava de guardas, uma vez que os quatro estavam amarrados a postes, despojados de suas armas e seu exército estava em sua própria prisão, separado. De todas as maneiras, na manhã seguinte, todos estariam mortos.

Erec lutou com suas cordas novamente, tentando se libertar; porém ele não tinha espaço para mexer-se, nem sequer por uma polegada. Ao olhar para a noite, ele viu algo com o canto do olho, movendo-se rapidamente. No começo ele pensou que estava vendo coisas, mas quando ele olhou mais atentamente, ele enxergou uma figura solitária movendo-se na escuridão e esgueirando-se nas proximidades da cerca.

Erec estava confuso, tentando descobrir quem seria e o que estaria fazendo. Ele olhou para escuridão e captou um vislumbre melhor quando o vulto moveu-se por um momento sob a luz das tochas. Ele viu a armadura dos homens de Tirus, o brasão real da família de Tirus estampado no peitoral dela.

Antes que Erec pudesse compreender tudo isso, ele viu o vulto sair da escuridão, escorregar até a porta de entrada, tirar um punhal de seu cinto e cortar a garganta de dois soldados do Império que

estavam de guarda. Dois grunhidos rápidos cortaram a noite quando os soldados do Império caíram no chão, já sem vida.

O vulto cortou as cordas, afastou as varas da cerca e olhou para os lados furtivamente, certificando-se de que ninguém estava olhando, depois ele entrou e correu diretamente em direção a Erec, com seu punhal ainda ensanguentado na mão. Então Erec assobiou e Kendrick, Bronson e Srog se viraram e olharam também. Erec observava enquanto o vulto se aproximava, totalmente compenetrado em sua figura, ele se perguntava quem seria e por que estava ali. Quem havia acabado de matar os soldados do Império? Por que ele estava correndo em direção a eles? Ele estaria vindo para matá-los, também?

O vulto deslizou-se para trás dele e cortou as cordas que atavam seus pés e mãos. Erec cambaleou para a frente, agarrando seus pulsos e massageando o lugar onde as cordas havia estado roçando sua pele. Erec virou-se espantado quando o homem cortou as cordas de Kendrick, Bronson e também as de Srog.

Os quatro se viraram e olharam para ele, quando ele levantou a viseira de seu capacete.

O rapaz, dificilmente teria mais de dezesseis anos, ele olhou de volta para eles com seus penetrantes olhos castanhos, seu cabelo castanho encaracolado caía sobre suas orelhas. Ele se parecia com Tirus. Ele tinha acabado de arriscar sua vida para libertá-los e assassinar dois soldados do Império e Erec não conseguia entender por quê.

“Quem é você?” Erec perguntou.

“Eu sou Matus.” Respondeu ele. “O caçula dos quatro filhos de Tirus.”

“Por que você nos libertou?” Kendrick perguntou.

Matus balançou a cabeça com firmeza.

“Eu não estou de acordo com o que meu pai fez. Respondeu ele. “Está bem que nós MacGils tenhamos nossas diferenças, mas como guerreiros e como cavaleiros, devemos honrar a nossa palavra. A honra é tudo o que temos e apesar do que meu pai possa fazer, eu vivo e morro pela minha palavra. Meu pai deu-lhe a sua palavra e se ele não honrá-la, então eu a honrarei. Ele prometeu manter vocês

como cativos, e não mandar executá-los. Eu vou corrigir os erros dele. Vocês são livres. Levem seus homens e vão embora. Vão depressa, antes que venha a luz da aurora!”

Erec observava tudo com a boca aberta em descrença.

“Quando seu pai acordar e perceber que nós fugimos, ele vai certamente castigá-lo.” Disse Erec.

Matus deu de ombros.

“Eu quero que todos vocês vivam. Eu me lembro de você com carinho...” Ele disse para Kendrick. “... De nossos dias, de infância. Eu gostaria de ver o Império deposto e os MacGils reunidos mais uma vez, tal como eram antes. Eu gostaria de ver as Ilhas Superiores retomarem seu lugar dentro do Anel. Eu não compartilho o desejo do meu pai pelo trono. A política me dá nojo.”

Erec assentiu com grande respeito.

“Você é um guerreiro muito sábio para a sua idade.” Disse Erec. “Você fez de si mesmo alguém digno de grande honra esta noite.”

“Nós nunca vamos nos esquecer disso.” Kendrick disse.

“Vocês não me devem nada.” Matus disse. “Simplesmente levem seus homens e vão para bem longe daqui. Vão para as Ilhas Superiores. Nosso castelo está vazio agora. Vocês estarão seguros lá, fora do alcance Andronicus.”

“Você é alguém de sangue puro e nobre...” Kendrick Disse. “Eu me lembro de você, muito bem. Você era diferente dos outros, diferente do seu pai. O sangue do meu pai corre em você. No entanto, nós não podemos aceitar sua oferta.”

“Por que não?” Perguntou Matus.

“Suas ilhas podem significar segurança para nós...” Erec explicou. “... Porém não foi para isso que nós nascemos. Nós nascemos para lutar, não para esconder-nos, e nós vamos lutar.”

“Mas vocês não poderão vencer.” Disse Matus.

“Talvez não aqui...” Kendrick disse. “... E talvez não nesta noite. É verdade, nós estamos em desvantagem. Mas vamos nos reagrupar em algum outro lugar, outro dia, e então lutaremos. Venha, junte-se a nossas fileiras.”

Matus hesitou.

“Junte-se a nós.” Acrescentou Bronson. “Já não há mais nenhum porto seguro para você aqui.”

Matus balançou a cabeça.

“Eu fiz o que eu devia fazer.” Disse ele. “Eu não tenho arrependimentos. Eu vou enfrentar o meu pai e aceitarei qualquer punição que ele decidir. É assim que eu sou. Eu não fujo de nada, nem de ninguém, agora vão embora...”

Erec, muito impressionado com aquele jovem guerreiro, deu um passo à frente, olhou-o nos olhos com sinceridade e apertou seu antebraço em sinal de apreço.

Kendrick, Bronson e Srog fizeram o mesmo.

“Eu espero vê-lo novamente um dia, meu primo.” Kendrick disse.

Rapidamente, Erec, Kendrick, Bronson e Srog se viraram e fugiram durante a noite: eles recolheram as armas dos soldados caídos e correram através da escuridão para juntar-se com seus homens. Erec estava exaltado, suas orações haviam sido respondidas. Eles iriam libertar seus homens, tomar o seu exército e viver para lutar outro dia.

CAPÍTULO DOZE

Andronicus galopava através das planícies, de um lado estava Thornicus, seu filho, do outro seu feiticeiro Rafi, atrás dele ia McCloud. Dezenas de milhares de soldados leais do Império seguiam atrás deles, todos cavalgavam com entusiasmo para um destino: Highlândia, a cidade mais alta, construída no cume das Highlands. Andronicus podia vê-la diante dele, ali no horizonte, brilhando ao sol da manhãzinha, a cidade mais alta do Anel, situada entre os dois lados das Highlands e o último reduto dos McClouds. Os soldados McCloud se espalhavam fora dela, eles tinham a ousadia de enfrentá-lo. Ele mal podia esperar para esmagar a cidade.

Andronicus esperava que todos os McClouds se rendessem, tal como McCloud havia feito. Eles também teriam feito isso se não fosse por aquele agitador, Bronson. Ele tinha varrido o lado McCloud do Anel e agitado o seu povo, e agora, milhares deles estavam se reunindo para lutar contra a invasão do Império. Andronicus havia recebido inúmeros relatos sobre a matança de seus homens às mãos deles e agora ele estava determinado a tomar Highlândia e esmagar a resistência dos McCloud de uma vez por todas.

Tomar Highlândia também cumpriria outro propósito para ele: uma vez que ele conquistasse o terreno elevado, ele teria um ponto estratégico disponível na parte superior das Highlands. De lá, ele estaria a uma curta distância do outro lado, justo em frente ao Reino ocidental do Anel, ele voltaria para a Silésia, onde ele poderia acabar com qualquer um que restasse dos MacGils e esmiuçar o Anel de uma vez por todas. Ele sorria ao pensar nisso. Andronicus derivaria um grande prazer ao fazer isso — e agora mais do que nunca, já que desta vez, Thornicus, lideraria o ataque e mataria seu próprio povo. Não havia nada que Andronicus desfrutasse mais do que assistir às pessoas assassinando gente de seu próprio sangue. Era por isso que ele permitia que McCloud liderasse aquela batalha.

Por mais que Andronicus não gostasse de Rafi, ele precisava que Rafi cavalgasse à frente, junto com ele; Andronicus precisava de sua energia obscura por perto, ele precisava de Rafi para

acompanhar sua magia e para manter a mente de Thor sob controle. Andronicus também tinha prometido premiar Rafi: depois da batalha, Rafi estaria autorizado a devorar os mortos. Rafi gostava de beber o sangue dos cadáveres, e apesar de que isso deixava Andronicus doente, ele tinha de deixar que Rafi fizesse suas vontades de vez em quando.

O grupo soltou um grande grito de guerra ao se aproximar de seu alvo. Todos eles galopavam em linha reta até o monte, subindo para o céu enquanto o exército McCloud avançava para enfrentá-los. Andronicus assistia a tudo, ele ficou surpreso ao ver seu filho Thornicus, avançar ainda mais longe do que todos os outros, liderando o grupo. Ele cavalgava destemido, muito rápido, era o primeiro a batalhar, ele estava adiantado uns bons cem metros. Parecia que Thornicus ia desafiar o exército McCloud inteiro sozinho. Thornicus era algo belo de se ver, era todo um guerreiro, cem por cento bravura. Sua imagem era mítica, ele parecia um deus montado a cavalo, como se nada no mundo pudesse detê-lo.

Do lado de fora de Highlândia ouviu-se um grande clamor. Milhares de soldados McCloud se esparramavam colina abaixo, montados em seus cavalos, galopando ao encontro do exército do Império. Eles deviam saber que o número de seus soldados era menor, mas ainda assim, os McClouds ainda poderiam fazer muito danos. Dada a sua posição estratégica, eles poderiam abater milhares de homens do Império. Eles talvez estivessem contando com o fato de que Andronicus provavelmente não gostaria de arriscar-se a perder muitas vidas.

Mas eles não conheciam o Grande Andronicus. Ele não se importava com a perda de vidas. Na verdade, ele amava o derramamento de sangue e não lhe importava quantos de seus homens morreriam. Para ele, de certa forma, todos eles eram apenas peões. Thor foi o primeiro a encontrar os homens na batalha. O coração de Andronicus sentia uma sensação de calidez ao testemunhar o primeiro verdadeiro teste de lealdade de seu filho, ao ver que ele realmente iria derramar sangue em seu nome. Thor meteu-se entre o exército McCloud sozinho, brandindo a espada e desferindo golpes por todos os lados, criando um caminho de

devastação que ninguém poderia cruzar. Ele sozinho era uma verdadeira onda de destruição. McCloud estava logo atrás, enfrentando seu antigo exército em um choque de armas, matando homens a torto e à direita, algo igualmente gratificante para assistir. Ele agora era o brinquedinho de Andronicus e fazia o que Andronicus lhe mandasse, e ali estava ele, matando seu próprio povo, pessoas que ele havia governado antes. Tudo em nome do Império. Tudo em nome do Grande Andronicus.

O exército de Andronicus entrou no ritmo e o ruído do choque de armas subiu até os céus, ele foi aumentando cada vez mais. A marcha chegou a um impasse e os seus homens lutavam corpo a corpo. Era uma batalha cruel, os corpos caíam em ambos os lados; os McClouds haviam ganhado impulso para baixo e eles o usavam com sabedoria, derrubando muitos dos homens de Andronicus, os quais eram muito mais lentos ao atacar colina acima.

O próprio Andronicus partiu para a luta, ele tinha o dobro da altura de um homem comum, sua espada balançava para a esquerda e para a direita. Ele não vacilava. Cortava as cabeças com um único golpe e assistia enquanto elas rolavam pelo chão. Ele se perguntava qual delas ele escolheria para seu colar. Ele puxou a sua espada e quando um soldado se aproximou, ele furou-lhe a barriga e levantou o homem para alto, como se ele fosse um pedaço de carne em um espeto. Logo depois ele puxou novamente sua espada e perfurou o ventre de outro soldado, em seguida, ele arremessou os dois corpos no meio da multidão.

Rafi, não muito longe dali, saltou do seu cavalo e afundou suas presas amarelas na garganta de um soldado, prendendo-o ao chão; ele ficou em cima dele, sugando seu sangue. Outros soldados tentaram atacá-lo, mas Rafi lançou-lhes um feitiço, havia uma luz verde em torno dele e ninguém se atrevia a chegar perto.

O ritmo da batalha se estancou, os homens estavam apinhados e empurravam-se para trás e para frente. Por um momento Andronicus não teve certeza de qual caminho tomar — foi quando de repente, ele viu Thor rodear e atacar os McClouds por trás, sozinho. Era tal a força de destruição de Thor, tão ágil, rápida e

forte, que o flanco traseiro inteiro do exército teve de dar a volta para lutar contra ele.

Isso deixou os homens de Andronicus livres para avançar com um grande grito. Eles mataram homens pela esquerda e pela direita, rompendo finalmente as fileiras da parte de trás da batalha. Eles logo ganharam o ímpeto que precisavam e terminaram sua investida contra Highlândia.

Os homens que restavam do exército de McCloud davam a volta e fugiam, correndo por suas vidas. Thor estava no meio deles, vitorioso, matando-os por todos os lados.

Andronicus cavalgou até seu filho e encontrou-se com ele no meio do campo de batalha, ele colocou-se de frente para Thor levantou a espada com orgulho.

“Thornicus!” Andronicus exclamou.

“THORNICUS!” Gritaram seus homens logo atrás dele.

*

Andronicus desfilava lentamente pelas ruas da sua nova conquista: Highlândia. Ele deleitava-se com sua vitória. Thornicus cavalgava ao seu lado e juntos eles examinavam os danos causados. Andronicus observava com satisfação enquanto McCloud assassinava os feridos, passando de um para o outro, tal como Andronicus tinha ordenado que ele fizesse. O som do aço perfurando a carne cortava o ar, cada vez que McCloud se inclinava em seu cavalo, com sua lança erguida e apunhalava um ferido após o outro, todos eram seus ex-súditos.

Andronicus sorria, processando tudo. Não havia nada que ele amasse mais do que um campo coberto pela carnificina. McCloud estava totalmente em seu poder agora e Andronicus simplesmente adorava ver alguém torturar seu próprio povo.

O chão estava cheio de cadáveres até onde a vista alcançava, e Rafi, ladeado por seus dois capangas, saltava de um para o outro, tão rápido quanto a luz. Ele se ajoelhava e afundava suas presas em suas gargantas, bebendo até que seu sangue esgotasse. Ele estava deitado debruçado sobre um corpo naquele exato momento, seu

corpo tremia de prazer enquanto ele se empanturrava mais e mais. Ele estaria saciado naquela noite.

Finalmente, a maré tinha virado a favor de Andronicus. Nada poderia detê-lo agora.

Andronicus e Thor, pai e filho cavalgavam juntos, dezenas de generais seguiam atrás deles. Eles cavalgaram até o ponto mais alto da cidade, à beira das montanhas, e quando chegaram ali, pararam e olharam para baixo. Espalhado lá embaixo, diante deles, até onde a vista alcançava, estava o Reino Ocidental do Anel. Ele estava atravessado por uma estrada larga, a qual desaparecia no horizonte, era a estrada principal que conduzia a Silésia. Andronicus mal podia esperar para levar seu exército por aquele caminho. Ele estava particularmente animado para assistir a Thornicus matar seu próprio povo; nada lhe daria mais alegria.

Mas tinha sido um longo dia de batalha, e ao o pôr- do- sol, Andronicus decidiu que seria melhor acampar ali naquela noite e marchar pela manhã.

“Eu tenho procurado por você em todos os lugares.” Disse uma voz feminina.

Andronicus virou-se e viu aquela garota irritante dos McCloud, diante dele: Luanda.

Ele virou-se e franziu a testa para ela.

“É mesmo?” Perguntou ele.

“Nós iremos entrar no Reino Ocidental em breve. *Meu* território. Você prometeu, que como recompensa por trazer-lhe Thor, ele seria meu. Agora que a batalha foi vencida, eu venho para me certificar de que você fará todos os arranjos apropriados para me conceder a Corte do Rei e me fazer rainha.”

Andronicus olhou para ela chocado com sua audácia. Então, finalmente, ele jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. Ele não conseguia parar de rir, especialmente porque a expressão altiva dela mudou para a perplexidade e em seguida, para uma expressão de constrangimento.

Luanda franziu a testa.

“E o que é tão engraçado?” Perguntou ela. “Lembre-se, você está dirigindo-se à filha de um rei, que em breve será rainha.”

Andronicus desmontou de seu cavalo e caminhou lentamente em direção a ela, o ar estava espesso com a tensão. Ele aproximou-se dela e a agarrou pela blusa com uma só mão e com um único movimento ele derrubou-a de seu cavalo.

Luanda gritou quando caiu pelo ar e rolou no chão coberto de poeira e sujeira.

Andronicus se abaixou, agarrou-a pelos cabelos e arrancou uma madeixa de cabelos bem grande, de sua cabeça.

Luanda gritou e Andronicus levantou o punhado de cabelos para o alto, sorrindo.

“Você tem sorte de que sua cabeça é muito pequena.” Disse ele. “Do contrário eu a adicionaria ao meu colar.”

Andronicus virou-se para os seus homens.

“Prendam-na, raspem o resto do cabelo dela e façam-na desfilarem pelo acampamento para o entretenimento dos homens.”

Luanda gritou, tremendo.

“NÃO! Você não pode fazer isso! Você prometeu! Você *prometeu!*”

Eles a arrastaram para longe, enquanto ela chutava e gritava enquanto Andronicus assistiu a tudo, deleitado.

Mal ela saiu de sua vista, apareceu diante dele o MacGil traidor, Tirus. Ele se aproximou de Andronicus, os quatro filhos de Tirus estavam com ele e dezenas de soldados o seguiam.

Tirus, pelo menos, teve o bom senso de desmontar, apoiar-se em um joelho e curvar-se para o chão antes de abordar o Grande Andronicus, seus filhos fizeram exatamente o mesmo.

“E quais são as notícias que você me traz?” Perguntou Andronicus. “Kendrick, Erec, Bronson e Srog foram detidos? Você já os executou?”

Tirus pigarreou e olhou para cima, nervoso.

“Meu Senhor, eu lhe entreguei todos eles, tal como havia prometido e seus homens ganharam a batalha. No entanto, eu receio que eu lhe traga uma má notícia.”

“Má notícia?” Andronicus perguntou. Ele não gostou nada de ouvir aquilo.

“Bem...” Tirus começou a falar. “... De algum modo... bem... Eles foram nossos prisioneiros, mas de alguma maneira... Eles conseguiram escapar durante a noite. Eu sinto muito. Eu não sei como isso aconteceu.”

Andronicus franziu o cenho; ele podia sentir uma onda de fúria apoderando-se dele.

“Não sabe como isso aconteceu?” Ele perguntou incrédulo.

“Meu senhor.” Disse o comandante do Império que veio e se ajoelhou diante dele. “Meus homens relataram que eles viram quando os líderes MacGil foram libertados ontem à noite, por um dos filhos de Tirus.”

Andronicus voltou seu olhar para baixo, para os quatro filhos de Tirus, ajoelhados ali, todos pálidos de medo.

“Não é verdade, meu senhor!” Tirus gritou.

Meus filhos nunca fariam uma coisa dessas!”

Andronicus, ignorando Tirus, adiantou-se e examinou cada um deles. Ele viu algo especial nos olhos castanhos e penetrantes do caçula; ele detectou o espírito de um guerreiro nele.

“Você tomou algo precioso de mim.” Disse Andronicus para Tirus. “Então eu vou tomar algo precioso de você. Um de seus filhos vai morrer.”

Tirus olhou em estado de choque e amedrontado.

“Meu senhor?” Ele murmurou.

“Escolha qual de seus filhos vai morrer hoje.” Andronicus ordenou a Tirus.

Ouviu-se um ruído metálico quando Tirus desembainhou a espada e começou a avançar para Andronicus, para defender seus filhos.

Mas Andronicus foi muito mais rápido; ele pulou para a frente, pegou Tirus pela garganta e levantou-o bem alto com uma única mão. Tirus não era um homem pequeno, mesmo assim, Andronicus o manuseava como se ele fosse uma boneca de pano.

Tirus estava pendurado ali, ofegante e com o rosto vermelho, enquanto Andronicus o segurava e balançava no alto para que todos o vissem.

“Se um de nós tiver de morrer, que seja eu, meu senhor!” Gritou um dos filhos de Tirus.

Andronicus virou-se e viu quando um dos filhos de Tirus, aquele de olhos castanhos e cabelos encaracolados, deu um passo a frente e ficou ali de pé, orgulhosamente.

Andronicus deixou cair Tirus no chão, Tirus, engasgou e tossiu, ele ficou no chão em posição fetal e levou as mãos a sua garganta.

“Não, mate-*me* meu senhor!” Disse outro filho.

“Tire a *minha* vida!” Disse o outro.

Os três irmãos ficaram na frente, cada um pedindo para ser morto em lugar do outro. Andronicus sorria enquanto decidia qual ele queria matar.

“Você se ofereceu primeiro.” Andronicus disse, ao aproximar-se do garoto de olhos castanhos.

Andronicus desembainhou repentinamente sua espada, deu um passo à frente e em um único movimento, decepou a cabeça do outro filho de Tirus, o que estava ao lado do filho de olhos castanhos.

Os outros filhos gritaram de desespero e Andronicus sorriu.

“Mas vocês devem saber que eu nunca mato o homem que se oferece primeiro.”

CAPÍTULO TREZE

Romulus avançava pela estrada empoeirada enquanto o sol nascia, uma dúzia de seus soldados o seguia, ele percorria o caminho através do deserto, galopando em direção ao Canyon. Ele segurava o seu manto, enquanto cavalgava, ansioso para testá-lo.

O sacrifício da noite anterior tinha sido um sucesso e Romulus sentia-se satisfeito por ter apaziguado o deus da guerra. Romulus iria atravessar o Canyon, disso ele estava certo. Seu coração batia com entusiasmo enquanto ele imaginava a expressão de Andronicus quando ele o visse dentro do Anel, enfiando uma espada em sua coluna vertebral.

Finalmente ele avistou a Travessia Oriental, a ponte estendida sobre o vasto Canyon, uma grande divisão na terra, maior do que qualquer coisa que Romulus já tinha visto. Uma névoa envolvente subia ao redor dela, iluminada pela variedade de cores do sol da manhã.

Romulus e seus homens desmontaram quando chegaram à borda, ele caminhou até o precipício, olhou para baixo e ficou ali, com as mãos nos quadris, respirando com dificuldade devido à cavalgada. Ele sabia que era o único que poderia cruzar com o manto, mas ele queria que seus homens o acompanhassem, se por acaso, de alguma maneira, o escudo estivesse desativado. O corpo principal do seu exército havia ficado para trás, lá na costa. Seu plano era entrar no Anel, encontrar um MacGil; levá-lo de volta através do Canyon e assim desativar o escudo, depois de fazer isso, todo o seu exército invadiria.

Nesse meio tempo, ele tinha levado aqueles poucos homens com ele para um teste, para ver se por acaso o escudo estava desativado. Ele sabia que ia arriscar as vidas deles ao tentar, mas ele não dava o devido valor as suas vidas. Ele ficaria feliz em sacrificar qualquer um dos seus homens para realizar sua experiência.

“Você.” Romulus disse apontando para um de seus homens.

Os olhos do soldado se arregalaram de medo quando ele percebeu. Ainda assim, ele foi rápido em obedecer. Ele desmontou

de seu cavalo e caminhou ao lado de Romulus e os dois saíram na frente de todos os outros e aproximaram-se da entrada da ponte do Canyon.

Quando chegaram ao limite, Romulus parou.

O soldado parou, virou-se e olhou para Romulus com um olhar assustado. Ele engoliu em seco, depois fechou os olhos e preparou-se, levantando os braços para proteger o rosto enquanto caminhava em direção à ponte.

De repente, o soldado soltou um grito terrível quando seu corpo derreteu, logo converteu-se em cinzas e caiu em uma pilha aos pés de Romulus.

Todos os outros homens ficaram sem fala.

Então o escudo ainda estava ativado.

Romulus envolveu seus ombros apertadamente com o manto, rezando para que ele funcionasse. Se isso não acontecesse, ele iria acabar como aquela pilha de cinzas aos seus pés. Romulus respirou fundo e deu um grande passo para a ponte do Canyon. Ele preparou-se, hesitante.

Seu pé pousou na ponte e Romulus ficou admirado: o manto funcionava. Ele tinha conseguido. Ele estava de pé, a salvo na ponte, vestindo o manto.

Ele continuou a caminhar, distanciando-se cada vez mais de seus homens, avançando mais e mais pela ponte, sozinho. Logo, ele estaria dentro do Anel.

*

Romulus montou em um cavalo do Império que ele tinha encontrado vagando pela zona rural dos McCloud. Ele percebia que o cavalo devia ter pertencido a um soldado do Império morto e abandonado em algum lugar ao longo do caminho. Ele foi rápido em encontrar o cavalo depois de ter atravessado a ponte com toda a segurança e entrar no lado do McCloud do Anel. Desde então, ele tinha estado cavalgando sem parar, para o Oeste, onde ele calculava que o acampamento principal de Andronicus devia estar.

A prioridade de Romulus agora era emboscar e matar seu ex-chefe, Andronicus — e para isso, ele precisava de homens.

Romulus não estava preocupado com isso. O vasto exército do Império o temia e respeitava tanto quanto temia e respeitava Andronicus, ou talvez até mais. Romulus era conhecido por ser um comandante igualmente implacável. Ele também era conhecido por ser o porta-voz de Andronicus: os homens Império supunham que qualquer ordem dada por Romulus, provinha do próprio comandante superior.

Romulus estava apostando em sua capacidade para convencer os homens do Império que ele encontrasse, a segui-lo e juntar-se a sua causa. Ele iria enganá-los dizendo-lhes que tinha ordens diretas do Grande Conselho — para expulsar Andronicus. Ele iria formar um pequeno exército próprio, ali mesmo, dentro do Anel, ele viraria os próprios homens de Andronicus contra ele.

Romulus cavalgava sem parar, ele via a destruição ao seu redor e percebia que muitas batalhas haviam sido travadas em toda a extensão daquelas terras. Na verdade, era estranho estar ali, dentro do Anel, o lugar do qual ele tinha ouvido falar durante toda sua vida. Ele estava tão perto, por fim, de tomar o que era seu, de governar as forças do Império. Ele sentia que estava cavalgando para cumprir o seu destino. Romulus subiu no topo de uma colina e olhou para baixo, ele viu uma divisão do Império com seus vários milhares de homens circulando por ali. Aquela divisão era muito pequena para ser o acampamento principal de Andronicus; devia ser uma divisão de reforço, deixada ali para guardar a retaguarda. Andronicus viu as bandeiras do Império hasteadas, seu coração acelerou quando ele reconheceu o seu comandante.

Romulus esporou seu cavalo e galopou por todo o campo, descendo a encosta suave, sem desacelerar enquanto cavalgava sob os olhares atônitos de todos os soldados do Império. Todos pararam o que estavam fazendo, ficaram em posição de sentido e todas as fileiras bateram continência para ele.

Eles se separaram e Romulus dirigiu-se diretamente para o comandante. Ele sabia que teria de transmitir sua melhor autoridade para convencê-los a se juntar a sua causa e matar Andronicus.

Romulus fez uma pausa, o comandante virou-se assustado, havia medo em seus olhos, ele e seus homens pularam de seus cavalos, apoiaram-se em um joelho e fizeram uma reverência diante de Romulus.

“Senhor, eu não sabia que viria...” Disse ele. “... Do contrário eu teria preparado um desfile em sua homenagem.”

Romulus desmontou carrancudo e desfilou até ele. Romulus era bem conhecido por matar comandantes aleatoriamente, sem nenhuma razão válida e aquele general tremia diante da visão dele.

Romulus parou a cerca de meio metro de distância e bradou: “Eu fui enviado pelo Grande Conselho. Um decreto foi estabelecido. Andronicus deve ser morto e eu devo ser nomeado o novo Comandante Supremo das forças do Império.”

O general olhou para ele boquiaberto, em choque. Romulus não lhe daria tempo para processar a informação.

“Mobilize os seus homens imediatamente e cavalgue comigo.” Romulus acrescentou. “Nós cavalgaremos para combater as forças de Andronicus e vamos derrubá-lo juntos.”

“Mas, senhor...” Disse o general, hesitante, claramente sem saber o que fazer. “Nós nunca recebemos ordens dessa natureza. Nós não podemos matar Andronicus... Ele é o nosso comandante!”

Romulus sabia que tinha de tomar medidas definitivas. Ele deu um passo à frente, agarrou o general com as duas mãos e puxou-o para perto do seu rosto, Romulus puxou o rosto do general para tão perto dele que os dois estavam quase se beijando. Ele olhou para o general, carrancudo, com o rosto tremendo de raiva.

“Eu vou dizer isto apenas uma vez.” Romulus rosnou.

“Eu sou o Comandante Supremo agora. Dirija-se a mim de outra maneira e eu mandarei matar você e colocarei outro general em seu lugar. Você entendeu?”

O general engoliu em seco.

“Sim, Comandante Supremo.”

Romulus jogou o general no chão, em seguida, ele virou-se e examinou os rostos dos soldados; eles desviaram o olhar imediatamente, todo mundo estava com medo de encontrar o seu olhar.

“SIGAM-ME!” Gritou Romulus ao montar em seu cavalo e chutá-lo enquanto avançava pela estrada.

Em poucos instantes, ele ouviu atrás de si o som de mil cavalos apressando-se para fazer a sua vontade. Um grande grito de guerra foi ouvido e Romulus sorriu de orelha a orelha.

Ele tinha o seu exército.

CAPÍTULO QUATORZE

Gwendolyn se encontrava no topo do cume de gelo, ela olhava com espanto e incredulidade para a terra de fantasia que se estendia abaixo. O mundo à sua frente era um país das maravilhas congelado cintilando com todas as cores: tons suaves de roxo, violeta e rosa; era um milhão de pontos refletindo nos pequenos montes de gelo. Parecia que o mundo, um dia, depois de uma tempestade de neve, havia congelado no silêncio e paz, tudo era brilhante e perfeitamente imóvel. Tudo era vasto e impressionante, era um deserto de luzes e gelo que se prolongava até onde os olhos podiam ver.

Ela sentia que Argon estava lá embaixo, em algum lugar, preso, e o seu desejo de libertá-lo era mais forte que nunca.

Krohn choramingou lado de Gwen, ela olhou para Alistair, Steffen e Aberthol, todos eles tremiam e estavam congelados até os ossos, exaustos da jornada. Qualquer um perderia a noção do tempo naquele lugar e Gwen tinha a impressão de que eles tinham estado percorrendo o Mundo Inferior há anos. Até então, Gwen tinha tido a esperança de ver algum sinal de Argon quando eles subissem no alto do cume, mas em vez disso, apareceu mais uma vasta paisagem diante deles. Ela esperava que sua jornada terminasse ali; mas agora parecia que ela estava apenas começando.

“Isto é infundável.” Steffen observou, de pé atrás dela enquanto olhava ao redor.

“Os montes de gelo.” Disse Aberthol com os olhos cheios de admiração. “Eu nunca pensei que poria os olhos neles em minha vida.”

“Você sabia deste lugar?” Gwen perguntou surpresa.

Aberthol assentiu com a cabeça.

“Um lugar de magia profunda. Um lugar congelado no tempo. Um lugar onde nem os deuses se aventuram. É um lugar para aprisionar as almas dos homens. Um lugar que desafia a magia.”

“Mas que lugar é este, exatamente?” Perguntou Alistair, observando ao redor, também maravilhada. “Não é um deserto, nem é uma cidade. Não parece ser... nada.”

“Pelo menos a neve e o vento pararam.” Steffen observou. “Pelo menos podemos ver claramente diante de nós.”

“Não é o parece.” Disse Aberthol. “É um mundo de ilusão.”

“Argon estará aqui?” Gwendolyn perguntou-lhe.

Aberthol balançou a cabeça lentamente.

“Não há maneira de saber.”

“Há uma maneira.” Gwen replicou. “Nós averiguaremos.”

Aberthol balançou a cabeça.

“Olhe abaixo de você. A descida é muito inclinada. É gelo sólido. Nós nunca poderíamos descê-la. E se o fizéssemos, este lugar é muito perigoso. Nós nunca voltaríamos. Foi uma loucura vir aqui, mas devemos cortar nossas perdas. Temos de voltar agora.”

“Mas deve haver um jeito —” Gwendolyn começou a dizer.

Antes que Gwen pudesse terminar suas palavras, ouviu-se o barulho de algo que se rachava e, de repente, o chão debaixo dela cedeu.

Todos eles gritaram quando caíram de costas e escorregaram diretamente para baixo, pela ladeira de gelo. Gwendolyn mal podia respirar, eles estavam se movendo tão rápido, o mundo passava zunindo por ela enquanto eles iam deslizando e o gelo raspava seus braços. Sem nada para reduzir o ritmo de sua descida, eles deslizavam centenas de metros, ganhando velocidade. Gwen se debatia e estendia a mão para pegar alguma coisa, qualquer coisa que retardasse ou amortecesse a queda, mas não havia nada. Krohn, ao lado dela, havia estendido as quatro patas, tentando parar, mas ele tampouco podia. Ele deslizou de cabeça junto com o resto deles, todos se debatiam impotentes. Gwen sentia que todos estavam deslizando para baixo, para a morte.

Gwen se preparou para o impacto enquanto todos se aproximavam do fundo, rumo a uma parede de branco. Ela cobriu o rosto com as mãos, esperando bater em uma parede de gelo e ser esmagada pelo impacto. Gwen gritou e engasgou quando chocou contra a parede; mas para seu imenso alívio, ela não sentiu dor. Ela

apenas sentiu um frio suave e molhado envolvendo todo o seu corpo. Gwen percebeu que tinha deslizado e atravessado um monte de neve e não de gelo. Ela estava atordoada e congelada, seu corpo inteiro estava coberto de neve, mas ela estava ilesa.

Gwendolyn estava atônita, ela estava no fundo do vale, então ela olhou e viu que os outros estavam atordoados também.

“O senhor está bem?” Ela perguntou a Aberthol, quem parecia estar abalado.

Aberthol piscou várias vezes, ele examinou o seu corpo e acenou afirmativamente. Gwen viu que Steffen e Alistair também estavam bem e até mesmo Krohn estava andando. Tinha sido assustador, mas eles tinham conseguido. O gelo havia decidido por eles.

Cada um deles se apoiou em seus joelhos e foi levantando-se pouco a pouco. Gwendolyn se virou e olhou para trás, para a parte de cima da ladeira, ela viu o cume íngreme, do qual todos tinham descido e mal podia acreditar. Ela não imaginava que pudessem subir de volta lá em cima.

“Bem, parece que nós estamos estancados.” Disse Steffen.

“Pelo menos encontramos um caminho para baixo.” Disse Alistair.

Gwendolyn virou-se e olhou para a paisagem a sua frente. Ali embaixo, os montes de gelo pareciam maiores, mais imponentes. Eles estavam espalhados como se fossem mil corcovas de camelo, pontilhando a paisagem, cada um estava tingido com uma cor diferente. Eles brilhavam e eram bonitos. O local era tão exótico, Gwen não tinha ideia do que esperar.

“Agora, para onde vamos?” Perguntou Steffen.

“Não há nenhum outro caminho, a não ser para a frente. Devemos tomar o caminho diante de nós.” Disse Gwendolyn.

“Mas não há um caminho.” Disse Aberthol.

“Então nós temos de criar um caminho.” Gwen replicou.

Ela partiu, andando pelo campo de montes e o grupo a seguiu. Todos eles avançavam entre os montes de gelo, todos eles se sentiam nervosos enquanto atravessavam a paisagem estranha.

Eles penetravam cada vez mais naquele lugar e Gwendolyn tinha um mau pressentimento que se incrementava cada vez mais. Ela se perguntou mais uma vez se tudo não teria sido uma má ideia. Será que Argon estaria mesmo ali embaixo? E se ele estivesse, será que eles realmente iriam encontrá-lo?

O vento e a neve ofuscante tinham parado e pelo menos o céu era visível. Gwendolyn estava grata por isso. Entretanto, ela estava coberta de hematomas e inchaços, todo o seu corpo estava dolorido; ela sentia frio até os ossos e estava cansada da marcha. Gwen não sabia por quanto tempo todos poderiam suportar. Eventualmente, eles teriam de fazer um acampamento e tentar acender um fogo naquele lugar esquecido por Deus. Gwen não sabia se isso seria possível, ela visualizou todos eles congelados até a morte, perdidos para sempre ali, naquele vale de almas aprisionadas.

Ela precisava afastar aqueles pensamentos sombrios de sua mente; precisava distrair-se de alguma forma.

“Conte-me uma história.” Disse ela, virando-se para Steffen enquanto caminhavam, tremendo o queixo de frio. Ela estava desesperada por alguma coisa, qualquer coisa que desviasse sua mente do frio e dos pensamentos no perigo. Às vezes, ela percebia que as histórias podiam ser tão confortantes como o alimento, a água, ou o calor.

“Uma história, Majestade?” Steffen perguntou, seu queixo tremia também.

Gwen assentiu com a cabeça, ela estava com muito frio e já quase não podia falar.

“Qualquer uma.” Disse ela.

Eles continuaram andando em silêncio, suas botas trituravam o gelo, o silêncio durou tanto tempo que Gwen se perguntava se Steffen iria responder.

Então, finalmente, Steffen começou:

“Quando eu era jovem...” Ele disse. “... Eu desejava muito ser um guerreiro, assim como os outros meninos. É claro que isso não era possível, dado o meu corpo. Todos zombavam de mim. Eu não tenho o corpo que eles tinham, nem a altura, a força, a aparência, nada disso. Eu não me encaixava no perfil do guerreiro e eles não

me deixavam treinar. Então, em vez disso, meus pais decidiram que eu seria o servo da família.”

Steffen suspirou.

“Eu servia a todos eles e aqueles anos foram difíceis. Mas eles não podiam quebrantar meu espírito. Um dia, logo depois de eu ter trabalhado durante todo o dia para todos; depois de eu ter servido e limpado tudo para todos eles; depois que todo mundo estava dormindo e não havia mais nada a fazer e meus pais não podiam me controlar, eu escapei para o bosque. Eu percorri as colinas ao luar e então eu armei um arco com a madeira dos melhores galhos que eu pude encontrar. O carpinteiro local era um bom homem; ele não era ruim comigo como os outros, ele me ensinou a fazer um bom arco. Ele ficou impressionado com o meu trabalho e ao longo do tempo, ele ia me dando restos de madeira de boa qualidade e então eu fazia arcos cada vez melhores.

“Em pouco tempo, eu estava fabricando os melhores arcos da cidade, arcos que nem mesmo o próprio carpinteiro poderia fazer. Resultou que eu tinha um talento. O carpinteiro me deu flechas e eu aprendi a disparar, sozinho. Eu costumava praticar todas as noites ao luar, até que me tornei o melhor atirador da nossa aldeia — e em pouco tempo — até mesmo de nossa região.”

Steffen suspirou novamente.

“É claro que a minha família não sabia nada sobre isso. Eu não poderia dizer-lhes. Eles iriam divertir-se a minha custa, ou tirariam tudo de mim, porque eles nunca acreditaram em mim. Mas um dia, o meu arco foi descoberto.”

Steffen ficou em silêncio, franzindo a testa, olhando para baixo e Gwen podia ver que a história era dolorosa para ele. Ele continuou em silêncio, o gelo rangia sob suas botas, Gwen se perguntava se ele continuaria.

Finalmente, ele levantou o queixo e olhou para o gelo com os olhos vidrados, como se estivesse olhando diretamente para seu passado.

“O arco estava debaixo da minha cama...” Steffen continuou. “... E de alguma forma, um dos meus irmãos o encontrou. Ele o levantou e perguntou a todos de quem era, e todos olharam para

mim. Eles me acusaram de roubá-lo. Minha mãe me arrastou para o castelo local para que me pusessem no tronco, então o carpinteiro soube de tudo e explicou-lhes que eu tinha feito o arco. Minha família estava incrédula.

Eles nunca pensaram que eu poderia fazer alguma coisa.

“Meus irmãos tomaram o arco de mim e exigiram que eu provasse, que eu provasse que poderia usá-lo. Eu fiquei contente de que eles me obrigassem, mas meus irmãos tiraram o arco de minhas mãos e insistiram em tentar primeiro. Todos eles dispararam desajeitadamente para os alvos, e falharam. Quando eles se cansaram disso, me deram o arco de volta. Com apenas um tiro e desde uma distância duas vezes maior, eu acertei o alvo perfeitamente, o alvo que eles não puderam.”

“Meu pai, em vez de aplaudir, teve um acesso de raiva. Ele deu um passo para a frente, pegou o arco e quebrou-o sobre o joelho. Eu ainda me lembro do som do estalo. Era como se fosse o som do meu coração se partindo. Isso machucou meu coração e quebrantou o meu espírito.”

Steffen suspirou e virou-se para Gwen.

“Meu espírito esteve quebrantado desde então, Majestade. Mas isso foi até que eu a conheci; até que Vossa Majestade me deu uma segunda chance na vida, foi então que eu comecei a sentir que meu espírito tinha revivido. Eu não havia disparado com um arco novamente até o dia em que eu a conheci.”

Gwendolyn sentiu uma onda de emoção com aquela história, ela afastou sua mente do frio, de seu cansaço, de tudo. Ela sentiu uma sensação intensa de compaixão por ele, e também um sentimento de orgulho. Aquela história se relacionava com a sua própria história, de uma maneira estranha — pelo menos com seu sofrimento. Gwen recordou seu próprio sofrimento nas mãos de McCloud, recordou como ela perseverou; como o espírito pode sempre perseverar. Ela pensava em como as pessoas podem tentar tirar o melhor de cada um de nós, como elas fazem de tudo para nos arruinar. Mas elas jamais poderão derrubar-nos se nós não permitirmos que elas façam isso. Gwen percebia que se cada um de nós se mantiver firme o tempo suficiente, um dia cada um de nós vai encontrar alguém,

mesmo que seja apenas uma pessoa, alguém capaz de nos ver como realmente somos e que vai restaurar a fé na humanidade, restaurar o nosso espírito.

“Obrigada.” Disse Gwendolyn para ele.

Eles continuaram caminhando, penetrando cada vez mais naquele mundo estranho, serpenteando entre os montes de gelo. De repente, Gwen detectou um movimento. Ela parou quando viu um movimento brusco com o canto do olho, era algo deslizando sobre o gelo.

“Você viu isso?” Ela perguntou aos outros.

Os outros pararam ao seu lado, todos eles olhavam para a paisagem, espiando entre os montes.

“Eu não vi nada.” Disse Alistair.

Mas, de repente Krohn começou a rosnar, ele deu um passo à frente, seu pelo estava eriçado e ele avançava cuidadosamente, pé ante pé. Gwen sabia que ela estava certa, ela *tinha* visto algo. Era algo longo e branco que tinha deslizado entre aqueles montes. Pela primeira vez ela olhou ao se redor, ali embaixo e sentiu medo.

“Talvez você estivesse vendo coisas.” Aberthol disse, porém ele logo parou de falar quando outra criatura apareceu deslizando entre os montes, vindo diretamente para eles. Era uma grande serpente branca seu corpo tinha a forma de U, ela tinha três cabeças, uma em cada extremidade do seu corpo estando a terceira no centro. A serpente deslizava de uma forma estranha.

Steffen tirou seu arco e Gwendolyn o seu punhal, quando a serpente veio na direção deles. Krohn rosnou e começou a atacar.

A serpente deslizou para longe, desaparecendo da vista, com a mesma rapidez, indo em uma direção diferente.

“O que era aquilo?” Gwen perguntou.

“Eu não tenho ideia.” Disse Aberthol.

“O que quer que fosse...” Steffen acrescentou. “... Não parecia nada amigável.”

De repente, apareceu outra serpente. E logo mais uma.

Várias delas deslizavam em direção a eles, mas em seguida, todas elas davam a volta no último momento, espalhando-se em

todas as direções. O som de suas escamas arrastando ao longo do gelo provocava calafrios em Gwen.

“Elas não estão nos atacando.” Alistair observou. “Parece que elas estão com medo de nós.” Disse Steffen.

“Ou parece que elas estão correndo de alguma coisa.” Acrescentou Aberthol.

“De quê?” Gwen perguntou.

Houve um tremor súbito e Gwen cambaleou quando o chão debaixo dela tremeu. A princípio, ela tinha certeza de que era um terremoto.

Mas, de repente, um enorme monte de gelo se despedaçou diante dela e dele irrompeu um enorme monstro; ele tinha quinze metros de altura e era igualmente largo, seu corpo era totalmente branco e aparentava ser feito de gelo. Ele tinha uma coluna vertebral na parte da frente do seu corpo e cada vértebra possuía um olho vermelho e brilhante. Seus braços também tinham olhos em toda sua extensão e na ponta de cada dedo havia dentes afiados; eram dez bocas abrindo e fechando continuamente, estalando enquanto os dedos vinham na direção deles.

O monstro deu um passo para mais perto e o chão tremeu. Gwen tropeçou quando o monstro baixou seus dentes diretamente para ela, vindo rápido demais. Ela sabia que em apenas um momento, já estaria morta.

CAPÍTULO QUINZE

Reece e O'Connor ambos com um braço em torno dos ombros de Krog, davam-lhe apoio e o ajudavam a andar enquanto o grupo caminhava metendo-se cada vez mais no interior desconhecido da floresta, parte daquele mundo exótico na base do Canyon. A luz do sol derramava-se fracamente sobre as folhas turquesa e laranja das árvores estranhas que cresciam ali embaixo; Reece esticou o pescoço e olhou para cima e através da névoa envolvente, ele viu a imensidão das paredes da garganta, elevando-se para o céu, a uma altura impossível. Aquele lugar parecia mágico. Reece, dificilmente poderia conceber que eles tinham chegado tão longe e descido àquelas profundezas, ele se perguntava se eles realmente seriam capazes de regressar a casa.

Enquanto inspecionava seus arredores, ele se perguntava sobre o assunto de mais importância: eles realmente seriam capazes de encontrar a espada? Não havia nenhuma trilha, marcas, ou qualquer coisa a seguir; a espada poderia estar em qualquer lugar. Ele marchava através do chão lamacento, formado por uma substância gosmenta que se aderira às suas botas. Aquele lugar estava cheio do som de criaturas estranhas. Reece nunca tinha imaginado que poderia haver um mundo inteiro ali embaixo: plantas, vida animal e um terreno com características próprias, era todo um universo diferente, situado entre os dois lados do Anel. Ele imaginava que tipo de criaturas poderia viver ali, nas profundezas da terra. Ele se perguntava se era possível que pessoas pudessem viver ali embaixo, também.

"E agora?" O'Connor fez em voz alta a pergunta que dava voltas na mente de todos, enquanto ele examinava a paisagem exótica tentando detectar qualquer sinal da espada.

"Nós não podemos simplesmente vagar por aqui para sempre." Disse Serna.

"Nós não temos nenhuma ideia de onde a espada foi parar."

"Pensem nisso." Disse Reece. Ela não pode estar tão longe. Nós descemos a parede do Canyon justo na base da ponte e o rochedo

despencou em linha reta para baixo da ponte. Enquanto nos mantivermos estritamente nesta área, debaixo da ponte da travessia, nós vamos encontrá-la. “Tudo o que nós temos a fazer é atravessar o Canyon de um lado a outro.”

“Mas eu não consigo ver a ponte a partir daqui, você consegue?” Elden perguntou.

Reece e os demais olharam para cima, através da névoa serpenteante, já não havia qualquer sinal da ponte.

“Você está supondo que nós descemos em linha reta.” Indra disse para Reece. “Nós não descemos. Nós descemos de forma irregular, seguindo os pontos de apoio. É bem possível que não estejamos mais debaixo da ponte, depois de tudo.”

Reece sentia um vazio na boca do estômago enquanto eles prosseguiam, ele se perguntava se Indra estava certa. Talvez o seu plano não fosse muito bom e eles estivessem mais longe de encontrar a espada do que ele pensava.

Eles continuaram marchando, caminhando com dificuldade pela lama. De repente, ouviu-se um rugido feroz que deixou Reece com o cabelo arrepiado. Todos pararam abruptamente. Eles apertaram os punhos de suas espadas e se entreolharam com os olhos arregalados de medo.

“O que foi isso?” Serna perguntou.

“Parece que não estamos sozinhos.” Disse Indra, a primeira a puxar sua espada. O som do metal ecoou através do ar produzindo seu ruído característico.

O rugido ecoou de novo, balançando o chão com um grande tremor. A apreensão de Reece aumentou; o barulho parecia provir de algo enorme e muito furioso.

“Seja o que for...” Elden observou. “... Parece que as nossas armas não vão nos servir de nada.”

O rugido ecoou pela terceira vez e todos eles deram um passo para trás, em direções diferentes; eles não poderiam dizer de qual direção o ruído estava vindo.

Eles se viraram para todos os lados, formando um círculo amplo.

Reece observava atentamente através da névoa, logo ele viu surgir lentamente um monstro enorme, horrível. Ele era vermelho brilhante, seu corpo estava coberto de escamas espessas, o monstro se movia apoiado sobre suas duas patas e tinha cerca de nove metros de altura. Seus braços longos, com músculos salientes, terminavam em pinças similares às garras de uma lagosta e sua cabeça era pura boca: um par de mandíbulas enormes que se abriam e fechavam constantemente, revelando fileiras e fileiras de dentes afiados.

A criatura inclinou a cabeça para trás e rugiu; seus olhos estreitos estavam cegos de fúria; uma longa língua se projetava vários metros para fora de sua boca e logo depois ela se retraía.

Reece olhou para cima, aterrorizado, ele viu que os outros estavam em pânico também. Ele sacou a espada e o mesmo fez Elden, soltando Krog, quem tropeçou e em seguida caiu de joelhos. Todos sacaram as espadas também, enquanto O'Connor puxou seu arco.

"Ele não parece nada contente." Disse Indra ironicamente.

A fera rugiu novamente, deu alguns passos para a frente e mais rápido do que Reece poderia imaginar, ela desceu um braço e golpeou Reece nas costelas enviando-o para o alto. Ele saiu voando pelos ares e bateu em uma árvore, arrancando os seus galhos enquanto caía, dando voltas sobre si mesmo até desabar no chão lamacento. Reece rolou para o lado, suas costelas doíam terrivelmente e sua cabeça estava zumbindo, ele virou-se e olhou para trás.

O monstro estava irado, ele avançava para os outros com fúria. O'Connor, para seu crédito, manteve-se firme, ele havia conseguido empunhar o arco e disparar várias flechas.

Mas as flechas ricocheteavam inofensivamente nas escamas do monstro e caíam no chão. O monstro estirou suas garras poderosas e quebrou o arco de O'Connor pela metade, em seguida ele apontou sua outra garra para O'Connor com a intenção de cortá-lo ao meio. O'Connor conseguiu esquivá-la, mas não foi rápido o suficiente. A criatura cortou seu braço, fazendo-o gritar de dor quando o sangue jorrou por todas as partes.

Indra tampouco recuou: ela se inclinou para trás e lançou um punhal contra cabeça do monstro. Sua pontaria foi certa, mas o punhal simplesmente rebotou na cabeça do animal, a qual parecia ser feita de algum tipo de armadura. Ele virou-se, gritou e veio direto para ela com suas garras bem abertas, como se quisesse arrancar sua mão.

Elden correu para a frente, ergueu o machado e golpeou o pulso da fera com toda a força. O golpe foi forte o suficiente para sacudir a garra, mas as escamas da fera eram tão resistentes que nem mesmo a potente machadada de Elden poderia cortá-la. Elden só se expôs à ira da fera. Ela girou e deu-lhe um safanão, golpeando seu nariz e quebrando-o. Elden gritou e caiu de costas no chão.

A fera, ainda insatisfeita, desceu sua outra garra diretamente para o vulnerável Elden. Conven soltou um grito de guerra, avançou com sua espada, e enfiou-a no estômago do animal. Mas a espada mal o arranhou, então a fera se virou, abriu sua mandíbula e abocanhou a espada e partiu-a ao meio como se ela fosse um palito de fósforo.

Reece se recompôs de seu golpe, ele ficou de pé e logo correu para o monstro, apontando desta vez para suas costas expostas enquanto ele descia suas garras sobre Conven, prestes a metê-las em seu peito. Reece pulou nas costas do animal e afundou sua espada diretamente em sua espinha.

Finalmente, Reece tinha encontrado um ponto fraco. A espada afundou até o punho e a fera deu um grito horrível. Ela se voltou, pegou Reece com sua garra, levantou-o sobre sua cabeça e jogou-o pelos ares.

Reece saiu voando novamente, dando várias voltas sobre si mesmo, tão rápido que mal conseguia respirar, ele caiu de cara na lama. Ele estava sem fôlego e sentia que havia fraturado uma costela.

Reece se virou e olhou para cima com os olhos turvos quando a fera se aproximou dele. Ele assistiu impotente, quando ela levantou a pata bem alto e preparou-se para levá-lo à morte.

Ele viu as garras afiadas do pé da criatura, viu todos os seus amigos nocauteados e incapazes de se mover e enquanto ele

observava as garras descendo direto para o seu rosto, ele soube que em alguns momentos, sua vida estaria terminada.

Seu último pensamento foi: *que lugar horrível para alguém morrer.*

CAPÍTULO DEZESSEIS

Thornicus se encontrava em um pequeno barco, à deriva, sozinho no mar, em território desconhecido. Ele olhava ao redor, procurando por alguma coisa familiar, mas a paisagem era totalmente estranha. Ele percebia que estava longe de casa, do outro lado do mundo e que ele jamais voltaria. Ele nunca havia se sentido tão sozinho em sua vida.

Thor se inclinou sobre a proa e olhou para as águas, ao fazer isso ele viu um rosto olhando para ele.

Mas não era o seu rosto; em vez disso, era o rosto de seu pai.

Andronicus.

“Thornicus.” Disse uma voz.

Thor se inclinou para trás e olhou para o sol, enquanto ele irrompia por trás das nuvens. Ele entrecerrou os olhos e viu diante de si um enorme penhasco e em seu pico, um castelo. O sol brilhava por trás dele. Um passadiço de pedra se arqueava até o alto do céu e conduzia ao castelo, a passagem era estreita e sinuosa. Thor estendeu a mão para ela, mas ela parecia estar a um mundo de distância.

“Thorgrin, venha a mim.” Ele ouviu uma voz feminina dizer.

Thor levantou uma das mãos para o sol e viu, de pé, na beira do precipício, uma mulher; uma luz violeta brilhava em torno dela. Ela estava de braços abertos com as palmas das mãos estendidas e Thor podia sentir que ela estava chamando-o. Ele sabia que ela era sua mãe.

“Mãe.” Ele disse, pondo-se de pé e estendendo uma mão para ela, tentando alcançá-la.

“Thorgrin.” Respondeu ela. “Você também é meu filho. Cabe a você reivindicar a sua linhagem. Você pode escolher o seu pai ou você pode me escolher. Você provém de ambos nós. Não se esqueça disso. Nenhum de nós é mais forte do que o outro. Você tem o poder de escolher. Você não está obrigado a escolher o seu pai. Você não é seu pai. E você não é eu. Venha para casa. Venha para o seu verdadeiro lar. Eu estou esperando por você.”

“Thor tentou levantar-se, mas ele sentia-se preso; ele olhou para baixo e viu que suas pernas estavam algemadas, presas ao barco.

“Mãe.” Ele gritou com a garganta seca, com a voz rouca. “Eu não posso. Eu não posso me libertar. Ajude-me.”

“Tente.” Disse ela. “Você tem a força. Não se deixe enganar: você tem a força.”

Thor tentou libertar-se com todas as suas forças. Ao fazer isso, ele ouviu a madeira do barco fragmentando-se gradualmente. Ele sentiu a água fria correndo por seus pés, então ele olhou para baixo e viu que um buraco estava abrindo-se no fundo do barco.

De repente, Thor caiu pelo buraco e mergulhou no mar escuro e frio, ele gritava enquanto era tragado pelas águas e penetrava nas profundezas do oceano.

Thor acordou respirando com dificuldade. Ele sentou-se e olhou em volta, suando, tentando se recompor. Ele viu soldados dormindo no chão ao redor dele, mas ele não podia reconhecê-los. Era tudo tão confuso: eram soldados do Império. O que ele estava fazendo ali com eles?

Uma brisa fria soprou, Thor olhou para baixo e viu que ele estava deitado no chão frio e duro, sobre seixos e pó. Ele estava acampando com todos os outros soldados. Ele ainda usava sua armadura e suas botas; quando ele se sentou, começou a perceber que tudo tinha sido um sonho. Ele estava em terra seca. E sua mãe não estava à vista.

Thor coçou a cabeça, sua mente estava confusa, ele tentava pensar com clareza. Ele olhou e viu Rafi não muito longe dali, sentado no meio da noite, olhando para ele, seus olhos amarelos brilhavam debaixo de seu capuz. Rafi cantarolava uma música estranha e Thor sentiu que ela estava invadindo seus pensamentos, penetrando em seu cérebro, fazendo com que todo o pensamento livre fosse impossível. O zumbido incessante afogava suas ideias. Ao ouvi-lo, tudo o que Thor podia pensar era em sua obrigação para com seu pai. Sua obrigação de mostrar lealdade ao Império.

Thor ficou de pé, sua armadura retinia, ele balançava a cabeça, tentando entender. Ele olhou para a noite e viu o Anel. Mas aquele

não era o Anel que ele conhecia. Aquela não era sua terra natal. Ele estava em uma parte estranha do Anel. Ao olhar ao seu redor, ele não via mais aquela terra como o seu lar; em vez disso, ele a via como um lugar a ser invadido. Um lugar que precisava ser esmagado.

Thor olhou em volta, para o ar calmo da noite que o envolvia; milhares de soldados do Império estavam dormindo, as brasas da fogueira brilhavam. Ele estava começando a sentir-se livre novamente. Ele era o filho de Andronicus. Ele era o herdeiro do Império. E ele tinha uma grande dívida para com seu pai.

Thor avistou um movimento brusco com o canto do olho, o único movimento na escuridão da noite. Ele viu um soldado solitário esgueirando-se através da noite, passando por fileiras de soldados e indo para a grande tenda a poucos metros de distância.

A tenda de Andronicus.

Thor observava enquanto o vulto corria segurando algo. Ele olhou mais de perto e viu que era algo longo e afiado que brilhava sob a luz das tochas. Então Thor percebeu tudo: o homem segurava um punhal. Aquele homem que corria em direção à tenda e arrastava-se em silêncio durante a noite, era um assassino e seu objetivo era matar o pai de Thor.

Thor entrou em ação, ele correu velozmente por todo o campo para deter o assassino.

O assassino correu até os dois soldados de guarda e sem produzir nenhum ruído ele cortou suas gargantas antes que qualquer um pudesse dizer uma palavra. Ambos caíram no chão, em silêncio, mortos. Então o assassino correu direto para a abertura da tenda de Andronicus.

Thor estava a poucos metros atrás dele, ele irrompeu entre as abas da tenda, no encalço do assassino. Quando entrou na tenda, Thor viu o assassino a menos de meio metro de seu pai, levantando o punhal bem alto, para metê-lo nas costas dele. Andronicus estava ali em sua cama, de bruços, totalmente alheio ao que sucedia; ele não tinha ideia de que estava prestes a ser morto.

Thor entrou em ação: ele levou a mão até a cintura, pegou sua funda, colocou uma pedra e atirou-a com toda a força. A pedra

impactou violentamente a nuca do assassino. O assassino ficou paralisado, sua adaga parou no ar — a apenas alguns centímetros de distância de Andronicus — então ele desabou e caiu de cara no chão ao lado de Andronicus, sua adaga caiu inofensivamente ao seu lado.

O assassino estava morto.

Andronicus levantou-se com um salto, seus olhos estavam arregalados de pânico, ele olhou a sua volta e viu o assassino. Ele o olhava perplexo, percebendo o quão perto tinha estado de ser morto. Andronicus virou-se lentamente e olhou para Thor. Andronicus começou a perceber gradualmente o que Thor tinha acabado de fazer. Sua expressão de medo se transformou em algo parecido com admiração. Apreço. Era uma expressão que Thor nunca tinha visto nele antes.

Andronicus levantou-se e aproximou-se lentamente de Thor.

“Meu filho.” Ele disse, estendendo o braço e colocando uma mão no ombro do Thor. “Você salvou minha vida esta noite.”

Thor olhou para seu pai, cheio de orgulho. No passado, a sensação do toque de Andronicus tinha lhe perturbado, mas agora ele a apreciava. Era o toque de seu pai. O pai que ele sempre desejou ter.

“Eu fiz o que qualquer filho faria.” Thor respondeu. Andronicus balançou a cabeça lentamente e olhou para Thor com admiração.

“Eu subestimei muitíssimo você.” Disse ele. “Você não é apenas o meu melhor soldado. Você agora é também o filho que eu nunca tive. Você vai estar ao meu lado para sempre. Você sabia disso?”

Thor olhou nos olhos de Andronicus e respondeu-lhe: “Não há nada que eu anseie mais, meu pai.”

“Dê uma boa olhada em mim, Thornicus.” Disse ele. “Você vê o que eu sou? Minha cara, minha altura, a minha pele, meus chifres. Eu não fui sempre assim. Eu já fui como você. Tal como o seu pai. Tal como os meus irmãos. Um MacGil como todos os outros. Mas eu mudei. Eu me transformei. Eu fiz um juramento e eu aceitei os poderes da feitiçaria mais negra e uma cerimônia foi realizada. Eu permiti que um espírito maligno entrasse em mim. Eu permiti que ele me transformasse. Eu permiti que ele mudasse a minha raça,

minha aparência e me desse mais poderes do que eu jamais sonhei. Foi uma cerimônia sagrada. A apenas uns poucos escolhidos se concede o privilégio de transformar-se para atingir tal poder.”

Andronicus olhou intensamente nos olhos de Thor.

“Você provou-se digno aqui hoje. Quando estas batalhas terminarem, você vai transformar-se, como eu. Você terá minha altura. Minha raça. Minha pele. Você terá chifres como os meus. Você vai deixar para trás a patética raça humana e você vai se tornar exatamente como seu pai.”

Os olhos de Thor estavam vidrados e sua mente nublada, ele estava inundado pelo apreço.

“Eu gostaria muito disso, meu pai.” Ele respondeu. “Eu gostaria muito.”

CAPÍTULO DEZESSETE

Mycoples estava deitada no convés do navio do Império, enrolada como uma bola, envolta na rede de Akron que a prendia. Totalmente oprimida pela tristeza, ela sentia o balanço do oceano debaixo dela enquanto o barco subia e descia suavemente. Ela abriu o olho apenas um pouquinho e viu os soldados do Império ali, regozijando-se, bebendo e celebrando, claramente emocionados por terem sido capazes de subjugar um dragão. Ela sentia dores por todo o corpo, nos lugares onde ela havia sido espetada, cutucada e apunhalada.

Mycoples olhou para longe, para além dos soldados, ela viu as águas amarelas do Tartuvian estendendo-se até onde os olhos podiam ver. Mycoples fechou os olhos novamente, desejando que isso tudo passasse. Ela gostaria de poder voltar para a terra de seu nascimento, para a Terra dos Dragões e estar com seu clã, mais uma vez. Ela desejava, mais ainda, poder estar ao lado de Thor. Mas ela sabia que Thor estava longe dela, perdido em outro lugar. Ele não era mais o Thorgrin ela uma vez havia conhecido.

Mycoples percebeu que aqueles soldados a levariam de volta ao Império e a exibiriam em um desfile, fazendo dela uma atração para os soldados do Império. Ela percebia que permaneceria presa pelo resto da vida, que seria torturada e exibida como um artefato. Enquanto pensava na vida de sofrimento que estava por vir, ela sentia-se torturada. Mycoples desejava naquele momento, morrer com orgulho, em uma última grande batalha. Ela não tinha sobrevivido por milhares de anos só para isso: para ser capturada e mantida prisioneira por seres humanos. Ela tinha sido avisada para nunca aproximar-se de um ser humano e ela tinha cometido um erro: ela permitiu-se ser vulnerável. Seu amor por Thor tinha feito dela uma criatura fraca, tinha feito com que ela diminuísse suas defesas. Agora ela estava pagando um alto preço por isso.

No entanto, apesar de tudo isso, Mycoples ainda amava Thor e faria tudo de novo, somente por ele. Mycoples fechou os olhos pesados de exaustão, ela estava cansada da rede que a enrolava,

cansada das feridas por todo o corpo. E ela só queria estar longe dali.

*

Mycoples não sabia por quanto tempo tinha dormido quando foi acordada por um grande barulho sibilante. Era como o som de uma chuva intensa, ela sentiu seu corpo inteiro se molhar.

Ela olhou para cima e viu que o navio estava entrando na Muralha de Água. De repente, todos estavam imersos em uma parede sólida de água, a qual se derramava em linha reta sobre eles. Era como atravessar uma cachoeira.

Os soldados do Império entraram em pânico e agarraram-se ao deck enquanto o navio atravessava a muralha. O ruído tornou-se ensurdecedor. Mycoples ficou contente, a chuva a refrescava e o vapor saía de suas escamas, elas haviam estado queimando ao sol durante todos aqueles dias. O impacto da água momentaneamente afastou sua mente dos problemas a sua frente.

Lentamente, eles saíram do outro lado da muralha.

Mycoples abriu os olhos e viu que eles tinham entrado nas águas vermelhas do Mar de Sangue. Ela percebeu que os soldados estavam tomando o caminho mais direto para o Império, contornando a Ilha da Névoa.

Seu coração acelerou quando ela sentiu uma onda repentina de esperança. Ela havia sobrevoado a Ilha da Névoa com seu clã muitas vezes. Ela sabia que ele era o lar de grandes guerreiros. Ela também sabia que a ilha era o lar de algo ainda mais importante: o lar do temível dragão Ralibar.

Mycoples havia conhecido Ralibar uma vez, séculos atrás. Ele era um eremita, era diferente de outros dragões. Ele não gostava de sua própria espécie; no entanto, ele gostava menos ainda dos seres humanos. Se eles passassem por ali e Ralibar a visse naquela situação, talvez ele viesse em seu auxílio. Não porque ele gostasse dela, mas porque ele odiava os humanos. Talvez ele até mesmo ajudasse a libertá-la.

Mycoples sabia o que tinha de fazer: ela tinha, de alguma forma, fazer com que aquele barco navegasse para a Ilha da Névoa. Ela não podia deixá-los contorná-la. Ela tinha de levar aquele barco diretamente para a ilha. Ela tinha de fazê-lo chocar contra as rochas da ilha.

Mycoples fechou os olhos e respirou fundo. Ela sentia o ar do mar correndo através de suas escamas, sentia seu corpo começar a formigar enquanto ela convocava o último vestígio do poder que tinha. Ela chamou os Ancestrais, quem a guiaram por milhares de anos, para pleitear um último favor. Ela não pediu força para si mesma. Ela nem sequer pediu forças para a batalha.

Em vez disso, ela pediu simplesmente que o vento, o céu e o oceano lhe respondessem. Com o seu antigo e primordial espírito do dragão, ela convocou todos eles; convocou-os para conceder-lhe aquele único favor. Ela pediu para que o vento chorasse, para que as ondas subissem e para que o céu escurecesse. Ela ordenou a todos, em nome de seus antepassados, em nome dos que trilharam o planeta antes de todos os outros. Os dragões tinham estado ali primeiro. E os dragões tinham o direito de comandar a natureza.

Mycoples inalou profundamente, mais e mais, logo ela sentiu-se aquecida. O vento foi agitando-se gradualmente. As ondas começaram a subir e a salpicar, o barco inclinou-se lentamente e em seguida, levantou-se bem alto. O vento ganhou força e logo o sol se escondeu, escurecendo o céu.

Em pouco tempo o barco começou a inclinar-se enquanto ondas enormes se levantavam e caíam sobre eles; enormes correntes o arrastavam, o céu trovejava e o vento era ensurdecador, alto o suficiente para abafar até mesmo os gritos dos homens do Império que corriam ao redor de Mycoples. Todos corriam por suas vidas. Alguns caíram ao mar. Todos eles tentavam controlar o barco, mas não podiam, o barco estava fora do rumo.

Ele navegava direto para a Ilha da Névoa.

Mycoples abriu seus grandes olhos roxos e observou com satisfação: lá estava ele, ali no horizonte, aproximando-se cada vez mais.

Sobre o uivo do vento, um som solitário se ouviu, um som que podia ser ouvido, mesmo longe no horizonte, era como o eco de um grito, enchendo o céu.

Mycoples sorriu para si mesma. Ela conhecia aquele som. Ela tinha nascido com ele. Ela havia crescido com ele.

Era o grito de outro dragão.

CAPÍTULO DEZOITO

Selese e Illepra avançavam pelas intermináveis colinas e vales do Anel, tal como tinham estado fazendo durante todo o dia e toda a noite, em direção à Travessia Oriental, ao encontro de Reece. Selese andava com determinação ela não conseguia pensar em mais nada. Tinha sido uma jornada traiçoeira, elas haviam tomado o caminho mais longo para evitar que fossem vistas; evitar os campos de batalha e os grupos dispersos de soldados e mercenários. Elas haviam atravessado florestas escuras e escalado picos íngremes para ficar fora da vista. Mais de uma vez elas temeram que fossem descobertas.

Mas todos esses esforços valiam a pena. Selese cavalgaria até os sete níveis do inferno para salvar Reece. Ela sentia que ele precisava ser salvo, sentia que ele estava em perigo. Ele certamente estava em uma missão tão perigosa como aquela em que ele havia embarcado. Selese sabia que onde quer que a Espada do Destino estivesse, a morte sempre a seguia.

Ela rezou para que pudesse chegar a tempo, para que ela pudesse salvar Reece de quaisquer perigos em que ele pudesse estar. Mesmo que ela não pudesse fazer isso, não havia outro lugar onde ela preferisse estar.

Ela quase não parava, seus músculos estavam fracos devido ao cansaço, ela mal era capaz de recuperar o fôlego; Illepra tampouco parava. Illepra tinha se tornado como uma irmã para ela e Selese estava cheia de gratidão por ela estar ali. Ambas arriscavam suas vidas para fazer aquela viagem.

Embora Selese e Illepra tivessem feito o melhor que podiam até aquele momento para evitar as estradas abertas, elas haviam chegado a um ponto, na etapa final de sua jornada, em que isso já não seria possível. Agora não havia nada além da paisagem aberta e uma única estrada poeirenta e erma que levava ao Leste. As árvores haviam cedido o lugar às rochas e logo à sujeira, logo depois não havia nada além de um deserto vasto e estéril. A Travessia Oriental não estaria muito longe agora.

O único problema que incomodava Selese era o fato de que elas estavam expostas naquela estrada aberta, no meio do nada. Elas estavam muito visíveis, apenas as duas andando sozinhas. Ela estava muito nervosa, os pelos de seu braço estavam arrepiados. Selese sentia que elas estavam totalmente vulneráveis a emboscadas procedentes de todos os lados. O Anel havia sido destruído, exércitos lutavam contra exércitos e estavam até mesmo divididos entre si. O Anel agora era um lugar caótico sem lei, nem ordem, sem ninguém para deter as bandas de criminosos. Ela sabia que eles tinham de chegar até Reece rápido.

Elas fizeram uma curva e de repente, Selese e Illepra pararam. Lá, diante delas, bloqueando a estrada, havia uma árvore enorme, caída. Ela se perguntava como a árvore poderia estar ali, no meio do nada.

Ela ouviu um barulho e antes mesmo que se virasse, ela sabia que ambas tinham sido emboscadas. Atrás delas havia quatro soldados, eles haviam surgido de detrás de uma pedra, eram indivíduos grandes, largos com a barba por fazer e todos bebiam de um odre de vinho que passavam entre si. Ela via pela sua armadura que eles eram silesianos. Gente de sua própria raça. Ela sabia que deveria sentir alívio.

No entanto, ela não estava aliviada: eles estavam todos bêbados e olhavam para elas com luxúria em seus olhos. Eles pareciam estar muito longe do exército principal, quando Selese olhou mais atentamente para suas armaduras desleixadas, com as divisas arrancadas de seus uniformes, ela percebeu que eles eram desertores. Soldados covardes, desonestos, traidores de seu próprio povo. Soldados da pior espécie.

“E para onde duas senhoras finas como vocês podem estar indo agora?” Perguntou o líder deles, enquanto os quatro se aproximavam delas.

O cavalo de Selese empinava, estancado, sem ter para onde ir. O coração dela estava na boca do estômago enquanto ela se perguntava como lidar com aquela situação. Ela viu Illepra olhando para ela nervosamente e percebeu que Illepra estava insegura também.

“Nós somos silesianas assim como vocês.” Illepra exclamou. “Atendemos o exército real. Somos curandeiras. Então, por favor, deixem-nos passar. Temos negócios importantes que devemos atender.”

“É mesmo?” Ele perguntou dando um passo para frente e agarrando as rédeas do cavalo enquanto outro soldado agarrava o pulso de Selese.

“Nós somos de Silésia, assim como você.” Illepra repetiu com voz trêmula.

“Ah, Silésia.” Ele disse, zombando. “E amor eterno é o que temos por nosso povo.”

“Vocês são desertores...” Selese gritou, sua voz foi ficando mais sombria, mais autoritária, menos temerosa, condenando as pessoas a sua frente. “Da pior qualidade.”

Os outros fizeram cara feia, mas o líder riu e balançou a cabeça, examinando-a.

“Eu diria que somos os mais inteligentes. Nós somos os únicos que sobrevivem, os que vivem para ver outro dia. Nós não lutamos por alguma coisa falsa chamada cavalheirismo, o qual nós não podemos ver, tocar, nem sentir. Por que devemos travar a batalha de outras pessoas?”

“O Anel é *sua* terra.” Selese respondeu, sem se deter. “Esta é a *sua* guerra.”

“Minha guerra é permanecer vivo, ou lutar por qualquer um que pague o preço mais alto. Mas eu já ouvi o suficiente de você.”

Ele estendeu a mão e em um movimento rápido, pegou Selese por sua blusa e puxou-a para baixo. Selese gritou quando saiu voando de seu cavalo e aterrissou com força no chão. Ela viu quando Illepra foi arrancada de seu cavalo também.

Um soldado agarrou cada uma delas e levantou-as do chão, enquanto outros dois soldados as cercavam. O líder se inclinou, seu rosto ficou a centímetros de distância do rosto de Selese, ele estava tão perto que ela podia ver as marcas de varíola no rosto dele e sentir seu mau hálito. O pelo áspero de sua barba por fazer roçava seu rosto.

“Este é o nosso dia de sorte.” Disse ele. “Nós temos dois bons cavalos e duas belas meninas com quem podemos fazer sexo.” “Não se preocupem com a sua famosa Silésia...” Disse outro soldado: “... Vocês não irão vê-la por um longo tempo.”

Ele riu e os outros riram junto com ele.

“Você está cometendo um grande erro.” Disse Selese, sua voz ecoava confiante. “Eu estou em uma jornada para encontrar Reece, o filho mais novo do Rei MacGil. Os MacGils são um clã feroz e nobre. Se você nos prejudicar, eles descobrirão o que você tiver feito e eles matarão todos vocês.”

“E quem disse que eles vão descobrir o que nós fizemos?” Perguntou ele de volta, sorrindo.

O líder puxou um punhal e começou a levantá-lo em direção a Selese.

Selese sabia que tinha de fazer alguma coisa, e rápido. Era evidente que aqueles homens não queriam ouvir a voz da razão. Eles queriam sangue e ela não tinha armas à sua disposição.

De repente, Selese teve uma ideia. Era uma ideia arriscada, mas ela simplesmente poderia funcionar.

Selese deslizou a mão discretamente dentro de sua pequena sacola, ela vasculhou o seu interior até que encontrou um pequeno frasco com um líquido, o qual ela reconheceu ao tocá-lo. Ela fechou os dedos em torno dele e segurou-o na palma da mão.

De repente, ela mudou de expressão, sorriu para o líder e disse com uma voz doce e sexy: “Eu vou fazer o que você disser. Na verdade, eu gostaria de fazer. Eu acho você muito atraente.”

O líder se inclinou para trás e olhou para ela, surpreso.

“Tudo que eu peço é uma coisa.” Ela acrescentou. “Apenas me beije primeiro. Eu quero sentir seus lábios nos meus. Os lábios de um homem de verdade. Os lábios de um verdadeiro guerreiro.”

“O soldado olhou para trás, confuso e felizmente surpreso. Um dos soldados se aproximou e deu um tapinha nas costas dele.

“Estão vendo. Elas ouviram a voz da razão.” Disse ele. “Elas sempre ouvem.”

O líder sorriu largamente ele ajeitou sua camisa e passou a mão pelo cabelo, tentando se arrumar

“Assim está melhor.” Disse ele.

“Selese, o que você está fazendo?” Perguntou Illepra, confusa.

Mas Selese a ignorou. Ela tinha um plano. Fingindo bocejar, Selese levou a mão à boca e colocou o pequeno frasco dentro. Ela se inclinou para frente, tomou o rosto do soldado entre as mãos e beijou-o, colocando seus lábios nos dele. Quando o beijou ela cuspiu o frasco em sua boca aberta. Então ela estendeu sua mão e cobriu a boca dele.

Ele olhou para ela com os olhos arregalados e tentou resistir.

Mas já era tarde demais. Ela levantou as duas mãos e cobriu a boca do soldado, mantendo-a bem fechada e obrigando-o a morder o frasco dentro de sua boca. Ela observou quando o rosto dele ficou vermelho e as veias de sua garganta ficaram salientes; ele estendeu a mão e agarrou sua garganta, sufocado, um segundo depois, ele caiu de joelhos e em seguida entrou em colapso.

O soldado estava morto.

É claro que ele estaria. Aquele frasco continha Blackox, um veneno mortal que ela carregava.

Os outros três soldados olhavam confusos e Selese não lhes deu a oportunidade de descobrir o que havia acontecido.

Selese enfiou a mão em sua sacola e procurou Apoth, um pó amarelo que era um bálsamo eficaz quando misturado com água, mas que era mortal caso entrasse em contato com os olhos sem estar diluído. Ela pegou dois punhados dele.

“Sua ordinária!” Exclamou um dos soldados puxando um punhal e avançando para ela.

Ela jogou um punhado em seus olhos e ele gritou. Selese em seguida avançou e jogou o outro punhado nos olhos dos outros dois soldados.

Todos eles gritaram e caíram de costas, contorcendo-se e espumando pela boca.

Em poucos segundos, eles estavam todos mortos.

No silêncio que se seguiu, Illepra olhou para Selese boquiaberta, em choque, quase incapaz de conceber o que tinha acontecido.

Selese se virou e olhou para Illepra, suas mãos estavam tremendo, mas ela se sentia determinada. Ela não sabia se poderia ter feito isso apenas por si mesma; mas pensar em Reece a tinha tornado mais forte.

“Vamos embora.” Disse ela, montando seu cavalo. “Já passou da hora de encontrarmos Reece.”

CAPÍTULO DEZENOVE

Kendrick avançava através da paisagem, Erec, Bronson e Srog iam ao seu lado, milhares de soldados libertos os seguiam, todos eles eram livres mais uma vez. Eles haviam estado cavalgando toda a noite, desde que haviam escapado do acampamento do Império, sem nunca ter desacelerado sua marcha, enquanto colocavam a maior distância possível entre eles.

Finalmente estava amanhecendo. Tinha sido uma noite longa e angustiante, desde que Kendrick, Erec, Bronson e Srog haviam libertado milhares de seus homens, haviam massacrado seus captores e tinham escapado enquanto a maior parte dos soldados do Império ainda dormia. Eles não queriam se envolver em um encontro em grande escala com as vastas forças do Império no meio da noite; em vez disso, eles se moveram rápida e furtivamente, matando todos os soldados que estavam em seu caminho. Eles recuperaram seus cavalos e armas e logo partiram. Eles queriam lutar outro dia, em seus próprios termos.

Bronson conhecia bem o terreno ali no lado McCloud do reino, ele os guiou habilmente. Kendrick sabia que eles tinham a sorte de tê-lo consigo, já que ele estava mostrando ser um guia inestimável para ajudar a escondê-los dos homens do Império. Kendrick e Erec pediram a Bronson para levá-los para um lugar onde eles pudessem permanecer ocultos do Império, mas que ao mesmo tempo fosse um lugar desde onde eles pudessem atacar uma divisão menor. Eles teriam de mudar de tática e agora era hora de empregar uma nova estratégia: em vez de enfrentar-se com todo o exército do Império, eles teriam de encontrar divisões menores, com apenas alguns milhares de homens, para equipará-las com seus poucos mil e travar batalhas menores— antes de recuar novamente. Ao estar em desvantagem numérica, o único caminho para o sucesso seria travar uma batalha prolongada, uma guerrilha. Eles poderiam ficar nas montanhas, ficar bem escondidos nas Highlands e converter-se em uma força de combate letal, atacando estrategicamente, como uma cobra, para logo recuar. Eles podiam não ter o mesmo número de

soldados, nem sua força, mas eles tinham a força de vontade para aguardar e derrotar pacientemente o Império.

Eles cavalgavam sem parar e seguiam a liderança de Bronson. Ele se desviou e tomou uma trilha íngreme que os levava para a parte mais alta do lado das Highlands. Eles tinham estado seguindo um rastro antigo do Império e haviam deixado para trás uma cidade McCloud após outra, todas varridas pelas ondas de destruição do Império. Finalmente, a trilha terminava ali, no topo de um pico muito singular.

Todos desaceleraram seus cavalos e pararam.

“Highlândia.” Bronson exclamou apontando.

Desde aquela posição vantajosa, em um pico distante, Kendrick via Highlândia: a pequena cidade McCloud, situada no alto, no limite das Highlands, do outro lado da cordilheira, abrangendo os reinos Ocidental e Oriental do Anel. Mesmo sendo de madrugada, ele podia ver que as forças de Andronicus a ocupavam. Ele viu as fogueiras ainda fumegando, observou as estacas com as cabeças dos prisioneiros distribuídas por toda a cidade. Se podia dizer que os McClouds haviam sido massacrados recentemente ali.

Parecia haver vários milhares de homens acampados em torno da cidade e era difícil dizer quantos mais se encontravam dentro. Ele não saberia dizer se aquela era a maior parte do exército do Império, ou apenas uma divisão isolada.

“Essa pode ser uma excelente cidade para que ataquemos.” Kendrick disse.

“Highlândia é uma cidade pequena, mas um ponto estratégico no ponto mais elevado das Highlands.” Disse Bronson. “É perfeitamente natural que Andronicus a invada. A partir de lá, é possível viajar em linha reta até o Reino Ocidental, as estradas se ramificam em todas as direções. Seria sua primeira parada para esmagar a resistência McCloud e lançar um ataque final sobre o Reino Ocidental e dominar o Anel.”

“Mas será que o próprio Andronicus está lá dentro?” Perguntou Srog. “E quantos homens estarão com ele?”

Todos eles examinavam o lugar. Era difícil dizer.

“Pode ser muito arriscado.” Disse Bronson. “Talvez fosse melhor se esconder aqui nas montanhas e esperar por um pequeno grupo para atacar, ou atacar uma cidade menor.”

Kendrick balançou a cabeça.

“Não vamos esperar mais.” Disse ele. “Qualquer dia pode ser o nosso último. Nunca mais vou me sujeitar a ser preso por ninguém. Se nós tivermos de morrer, vamos morrer de pé, lutando. Nós vamos atacar agora!”

“Eu estou com você!” Erec disse enquanto desembainhava sua espada.

“Eu também!” Disse Bronson.

“E eu também!” Disse Srog.

Todos eles esporaram seus cavalos e avançaram ao longo da borda das Highlands, serpenteando pelas trilhas íngremes das montanhas, correndo em direção a Highlândia. Ao romper da aurora, com a maioria das tropas do Império ainda dormindo, talvez eles tivessem a vantagem da surpresa, assim pensava Kendrick. Talvez eles pudessem tomar aquela cidade e torná-la um reduto para eles mesmos. Talvez, se eles pudessem esperar o tempo suficiente, Gwendolyn retornaria com Argon. E talvez, apenas talvez, a maré pudesse virar a seu favor.

Mesmo que não virasse, era para isto que eles tinham nascido: para atacar contra todas as probabilidades; para nunca se acovardar diante do inimigo; para lutar pela causa certa, mesmo quando as probabilidades de vencer parecessem impossíveis. Kendrick tinha recebido um grande privilégio em sua vida: a ele haviam sido concedidas armas e escudos. A todos eles, e Reece tinha a intenção de usá-las enquanto ele ainda estivesse vivo.

Uma corneta do Império soou ao longo dos parapeitos do pequeno castelo de Highlândia, logo soou outra e depois mais outra. De repente, a alta porta levadiça de ferro se abriu e centenas de soldados do Império apareceram, avançando diretamente para eles. Eles não estavam dormindo: eles estavam prontos e esperando.

Mesmo assim, Kendrick soltou seu grande grito de guerra e atacou com ferocidade, preparado para lutar, para matar qualquer um que ousasse ficar em seu caminho.

Mas, enquanto ele se aproximava e os soldados do Império ficavam bem visíveis, ele viu um rosto avançar através do portão, um rosto que fez o seu sangue gelar. Era o rosto da única pessoa que poderia fazê-lo baixar a sua espada, ficar de queixo caído em estado de choque e fazê-lo quase cair de sua montaria.

Ali, enfrentando-o, cavalgando diretamente ao encontro dele, com sua espada erguida, estava o homem que ele amava como a um irmão.

Ali estava Thorgrin.

CAPÍTULO VINTE

Thornicus cavalgava ao lado de seu pai, Rafi e McCloud iam atrás deles. Eles lideravam milhares de soldados do Império para fora dos portões de Highlândia, preparados para esmagar o inimigo. Thor olhou e viu, andando em direção a eles, milhares de soldados vestidos com armaduras e acenando uma bandeira que ele reconhecia vagamente. Quando eles se aproximaram, uma parte dele reconheceu as armaduras que ele havia visto antes: a armadura do Reino Ocidental do Anel; do Exército Prata e a dos MacGils. Thor estava momentaneamente confuso; ele se perguntava por que ele estava atacando aquelas pessoas com as quais uma vez ele havia lutado lado a lado.

Mas sua mente se nublou com a mesma rapidez e outra parte dele, a parte mais forte, lembrou-lhe de que ele estava cavalgando para esmagar os inimigos de seu pai, cavalgando para matar aqueles que matariam seu pai. Thornicus sentia-se infundido com uma nova energia, ele estava determinado a matar todos, determinado a impedir que alguém causasse dano a Andronicus, ou ao Império.

Ele avançou para os soldados MacGil, os quais talvez estivessem ainda a um quilômetro de distância e puxou sua espada, guiando o exército, preparando-se para atacar com todas as forças.

Mas de repente, um coro de cornetas soou atrás dele, Andronicus e os outros se viraram e olharam por cima dos ombros. Thor olhou também. Era um som perturbador; quando Thor se voltou, ele ficou confuso com o que viu: centenas de soldados do Império deram a volta e atacaram no sentido contrário. Mais além deles, à distância, milhares de soldados do Império, todos de uma divisão diferente, se lançavam para o cume de Highlândia, eles levavam tochas nas mãos e começaram a incendiar a cidade.

“O que está acontecendo, meu mestre?” McCloud perguntou para Andronicus, ele estava tão confuso como o resto deles.

O próprio Andronicus também parecia confuso; mas enquanto observava o horizonte, os olhos dele estreitaram em reconhecimento.

“Romulus.” Ele disse conscientemente. “Meu general chegou para me trair.”

Milhares de soldados do Império os atacaram por trás, enchendo a cidade. Agora eles estavam imprensados entre os dois exércitos: os homens de Romulus por trás deles e os soldados MacGil diante deles.

Andronicus gritou de frustração, ponderando o que fazer, então finalmente, ele fez o seu cavalo dar a volta.

“Devemos salvar Highlândia!” Andronicus gritou. “Abandonem os MacGils! Ataquem Romulus!”

Andronicus esporou seu cavalo e virou-se bruscamente, Thornicus e os outros o seguiram, preparando-se para envolver os soldados do Império em uma guerra civil.

Quando se virou, Thornicus olhou por cima do ombro e ao longe ele viu que os MacGils continuavam a avançar para Highlândia. Mas isso já não era uma preocupação para Thor; ele tinha de cumprir as ordens de seu pai. Ele poderia combater os MacGils outro dia.

Thor cavalgava com seu pai, ele erguia sua espada bem alto. Ele e Andronicus cavalgavam lado a lado e era bom andar juntos. Eles estavam perfeitamente em sintonia, unidos na batalha, preparados para enfrentar o mundo juntos, como pai e filho deviam fazer.

Os dois desceram ladeira abaixo e arremeteram contra os homens de Romulus. Todos eles se encontraram no meio do caminho, em um grande choque de armas. Milhares de guerreiros se lançavam uns contra os outros, liderando a luta. O primeiro na batalha foi Andronicus. Ele levantou seu grande machado de guerra, balançou-o no ar e encontrou Romulus quem já vinha avançando para atacar seu ex-líder. Romulus balançou seu machado também e os dois se travaram em uma luta árdua. Cada um era tão poderoso quanto o outro, cada um queria com todo o seu coração matar o outro.

Thor apontou para o comandante de Romulus e o comandante levantou o escudo, mas isso de pouco lhe serviu: o golpe de Thor foi tão forte que cortou o escudo pela metade. O comandante levantou sua espada para devolver o golpe, mas Thor foi muito mais rápido.

Ele continuou com o ataque e com outro golpe certo cortou o estômago do homem, fazendo-o cair para a frente, de cara no chão.

O som de metal colidindo enchia os ouvidos de Thor enquanto milhares de soldados lutavam corpo a corpo ao redor dele. Nenhum homem lutava tão habilmente como Thor. Ele desferia e aparava golpes, recuava e avançava em todas as direções, derrubando dezenas de homens antes que eles pudessem se mover rápido o suficiente para reagir a ele. Ele golpeava os homens como um exército de um homem só, soldados eram abatidos a sua esquerda e a sua direita, criando um impasse favorável para Andronicus.

Devido aos esforços de Thor, a maré começou a virar entre as duas divisões igualmente niveladas. Romulus inicialmente tinha tido a vantagem da surpresa e do ímpeto, uma vez que os homens do Império jamais haviam esperado lutar entre si naquele dia. Mas Thor melhorou suas chances sozinho, fazendo com que os homens de Romulus recuassem cada vez mais, enquanto eles se espalhavam para tentar tomar Highlândia.

Romulus e Andronicus iam golpe a golpe, chocando seus grandes machados de guerra entre si com um ruído estridente de metal, pareciam dois carneiros velhos lutando pelo poder. Andronicus era muito mais alto do que Romulus, mas Romulus era maior e tinha uma força como nenhuma outra vista por Thor. Assistir-lhes enquanto lutavam era um verdadeiro espetáculo, ambos eram imponentes como duas montanhas, nenhum era capaz de render-se ao outro.

Um soldado ferido caiu de costas sobre o cavalo de Andronicus, o cavalo empinou e balançou, sua pequena perda de equilíbrio foi suficiente para dar a Romulus uma ligeira vantagem. O machado de Andronicus baixou momentaneamente, permitindo que Romulus aplicasse um forte golpe que cortou o ombro de Andronicus e o derrubou de seu cavalo. Romulus não perdeu tempo: ele desmontou, levantou seu machado para o alto com as duas mãos e preparou-se para descê-lo sobre a cabeça exposta de Andronicus.

O coração de Thor foi parar no estômago; ele pulou de seu cavalo e derrubou Romulus no chão justo antes que Romulus pudesse aplicar seu golpe mortal. Os dois caíram e rolaram por

vários metros, lutando na lama, rolando sem parar enquanto muitos soldados morriam ao redor deles.

Finalmente, Romulus deu a volta por cima e se desvencilhou de Thor. Ele puxou um punhal da cintura e apontou-o para a garganta de Thor; tudo aconteceu rápido demais e Thor não pôde reagir.

Andronicus apareceu e derrubou o punhal da mão de Romulus antes que ele pudesse machucar Thor, salvando assim sua vida.

Andronicus em seguida balançou seu machado em direção a cabeça de Romulus, mas Romulus rolou para fora do caminho e o machado acabou ficando incrustado na lama.

Uma corneta soou e o céu escureceu com as flechas. Os homens de Romulus caíam por todos os lados gritando de dor, dezenas deles foram abatidos pelas flechas quando os reforços de Andronicus chegaram. A maré da batalha tinha virado. Os homens de Romulus começaram a recuar. Romulus, vendo o que estava acontecendo, já não continuou desafiando Andronicus; em vez disso, ele se esgueirou entre a multidão, encontrou o seu cavalo, o esporou com força, deu a volta e fugiu com o restante de seus homens.

Andronicus viu Thor no chão, ele percebeu que tinha sido salvo por ele mais uma vez e seu coração se encheu de gratidão. Ele estendeu a mão para ajudar seu filho a levantar-se.

Thornicus tomou a mão de seu pai, percebendo que ele também tinha salvado sua vida. Os dois ficaram ali, pai e filho apertando as mãos, cada um havia sacrificado sua vida pelo outro. Andronicus olhava para Thor com respeito e Thor devolveu-lhe o olhar. Finalmente, Thor havia encontrado o pai que ele sempre almejou na vida.

CAPÍTULO VINTE E UM

Romulus avançava colina abaixo com seus homens, fugindo para longe de Highlândia, enfurecido. Ele estava chocado com sua derrota. Romulus nunca havia perdido uma batalha antes e ele não conseguia aceitar isso. Ele tinha se extralimitado. Ele devia ter se apegado ao seu plano original: encontrar um MacGil, atravessar o Canyon e atacar com seu exército inteiro. Em vez disso, ele havia se dirigido para uma morte rápida e precipitada. Ele tinha se tornado muito altivo, muito confiante. Ele tinha cometido o erro de um comandante amador e odiava a si mesmo por isso.

Romulus tinha experimentado vários fracassos. Seu plano inicial tinha sido enviar um assassino para matar Andronicus no meio da noite, mas de alguma forma o plano tinha falhado. Seu segundo plano tinha sido reunir os seus homens ao amanhecer; usar seu novo impulso e cair sobre um Andronicus totalmente desprevenido e dar-lhe uma punhalada rápida ao assassiná-lo. Romulus sabia que ele estaria em desvantagem numérica, porém ele pensou que se ele pudesse matar Andronicus rapidamente, isso já não importaria; o restante dos homens do Império, evidentemente se sujeitaria ao seu comando imediatamente.

Pensando em retrospectiva, sua decisão havia sido precipitada, ele deveria ter esperado. Em primeiro lugar, ele deveria ter desativado o escudo, para em seguida, atacar vigorosamente. Não havia atalhos para a vitória.

Romulus repetia constantemente para si mesmo como ele havia estado perto de vencer e isso o deixava ainda mais furioso. Ele quase teve Andronicus em suas mãos e certamente o teria matado se não fosse por Thornicus. Ele não esperava que Thornicus estivesse lá, ao lado de Andronicus ele não esperava encontrar um adversário tão letal. Andronicus estaria morto agora se não fosse por ele. Romulus jurou que ele mesmo mataria Thor quando tudo isso se acalmasse. Pensar nisso o deixou mais animado, ele mataria pai e filho juntos. Pelo menos ele tinha escapado, muitos de seus homens não tiveram a mesma sorte.

Agora, ele cavalgava em direção ao seu segundo objetivo. Em sua viagem desde o outro lado do Anel, Romulus tinha abatido e torturado muitos soldados ao longo do caminho, para seu divertimento. Ele também tinha interrogado todos eles e soube que Luanda, a filha primogênita do Rei MacGil tinha sido capturada por Andronicus: ela se encaixava em seu plano perfeitamente.

Romulus cavalgava agora para o lugar onde os soldados tinham dito que ela estaria: nos arredores do acampamento. Ele estava pronto para executar seu plano B. Ele cavalgou arduamente até que finalmente chegou até ela; ele foi até os troncos de tortura e encontrou a jovem solitária atada a um poste, sua cabeça havia sido raspada. Ali estava ela: Luanda, seminua, toda machucada e ensanguentada. Ela estava amarrada ao poste quase inconsciente e Romulus nem sequer diminuiu o galope de seu cavalo enquanto ele galopava diretamente em direção a ela.

Ele ergueu seu enorme machado para o alto e cortou as cordas que atavam Luanda, em seguida ele estendeu a outra mão e agarrou-a bruscamente por sua blusa e em um único movimento puxou-a e montou na parte da frente de seu cavalo.

Luanda, atacada pelo pânico, começou a gritar e a se debater.

Mas Romulus não lhe deu muita chance. Ele estendeu seu enorme braço e com ele envolveu inteiramente o corpo dela, apertando-a com força contra ele. A sensação dela em seus braços era agradável. Se ele não precisasse dela para cruzar a ponte, ele poderia muito bem ter relações com ela e depois matá-la imediatamente. Mas ele precisava dela para desativar o escudo e não havia tempo a perder.

Romulus esporou seu cavalo e cavalgava duas vezes mais rápido enquanto se afastava de seus homens, tomando o caminho solitário que seguia para o Canyon. Quando ele terminasse com Luanda, ele poderia matá-la simplesmente por diversão. Romulus cavalgava com um sorriso e quanto mais Luanda gritava, lutava e protestava, mais ele sorria.

Ele já tinha o seu prêmio. Logo eles chegariam à ponte sobre a passagem.

Finalmente, a blindagem do escudo seria desativada. Seu exército invadiria. Logo o anel seria dele para sempre.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Reece estava deitado no chão, na base do Canyon, suas costelas doíam terrivelmente, ele olhou para cima e viu os dentes afiados da fera descendo para matá-lo. Ele sabia que em poucos instantes aqueles dentes iriam afundar em seu peito e arrancar seu coração. Ele se preparou para a agonia que estava por vir.

De repente ouviu-se um grito horrível, a princípio Reece tinha certeza que era o seu próprio grito.

Então ele abriu os olhos e percebeu que era o grito da fera, um grito terrível, perfurando o ar e subindo aos céus. A fera inclinou sua cabeça para trás e rugiu uma e outra vez, enquanto agitava os braços freneticamente. Então, de repente ela ficou quieta, e tombou perfeitamente imóvel.

A fera estava morta.

O mundo estava quieto novamente.

Reece se sentou, seus olhos estavam arregalados de espanto, ele tentava compreender o que tinha acontecido. Como aquela fera, a qual tinha ferido todos eles, havia morrido repentinamente?

Reece notou que uma lança atravessava a pata direita da fera e se enterrava no chão. Ali, de pé sobre a fera, empunhando uma lança com um sorriso de satisfação, havia um estranho. Ele era alto e magro, tinha uma barba curta e vestia roupas esfarrapadas; seus cabelos eram longos e desgrenhados. Ele era magro e talvez tivesse quarenta e tantos anos. Ele tinha um sorriso contagiante no rosto.

“Você sempre mata um Lombok atingindo sua pata.” Ele disse isso como se fosse a coisa mais óbvia, enquanto extraía sua lança do solo. “É aí onde o coração se encontra. Você sabia disso?”

O desconhecido se aproximou, estendeu a mão e Reece agarrou-a permitindo que ele o ajudasse a ficar de pé. O homem era magro, porém surpreendentemente forte.

Reece olhou para trás ainda atordoado, sem saber como reagir. Aquele homem tinha acabado de salvar sua vida.

“Eu... hum...” Ele gaguejou. “Eu... não sei como agradecer-lhe.”

“Agradecer-me?” Repetiu o homem. Ele se inclinou para trás e riu, em seguida, ele pousou uma mão cálida e amigável o ombro do Reece enquanto dava a volta e caminhava com ele. “Não há nada que me agradeça, meu bom amigo. Eu odeio lomboks. Eles tomam as presas de minhas armadilhas todo o tempo e me deixam com fome todas as noites. Não, não me agradeça, de jeito nenhum. Você me fez um favor. Vocês estavam em campo aberto e isso facilitou a matança.”

O homem examinou o grupo de Reece e balançou a cabeça.

“Que pena. Todos são excelentes guerreiros. Vocês simplesmente estavam apontando para o lugar errado.”

“Quem é você?” O’Connor perguntou ao aproximar-se. “De onde você provém? O que está fazendo aqui embaixo?”

O homem riu com gosto.

“Eu sou Centra. É um prazer conhecer todos vocês, mas eu não posso responder a tantas perguntas de uma vez. Eu vim para cá há alguns anos— simplesmente por curiosidade, eu acho. Eu não podia mais suportar viver sob o jugo dos McClouds. Eu usei uma série de cordas para escalar a parede do Canyon e eu nunca mais voltei para cima, por decisão própria. No começo eu estava apenas explorando, mas eu comecei a gostar cada vez mais de ter tudo isso aqui embaixo, só para mim. Tudo é tão exótico. Você entende o que eu quero dizer? Eu sou um solitário, então eu não me importo se não tenho companhia. Mas eu devo dizer que vocês são os primeiros rostos humanos que eu vejo e é bom ver o meu povo. À força!”

Centra puxou uma bolsa cheia de líquido de sua cintura, inclinou-se para trás e bebeu dela. Depois ele segurou a bolsa e fez um sinal para que Reece abrisse a boca. Reece não sabia o que dizer, ele não queria ofendê-lo, então ele abriu a boca timidamente e deixou que Centra fizesse jorrar o líquido dentro dela. O líquido desceu queimando pela garganta de Reece e ele tossiu.

Centra riu bem alto.

“O que é isso?” Reece perguntou ainda engasgado, enquanto Centra andava ao redor e jorrava um pouco do líquido na boca de cada pessoa.

“Atibar.” Respondeu ele. “Ele flui em um córrego não muito longe daqui. Queima, não é mesmo? Mas como ele faz você se sentir?”

Reece sentiu um formigamento percorrer seu corpo de cima a baixo, logo ele se sentiu um pouco tonto e relaxado. Ele definitivamente estava menos nervoso; já não sentia as dores, inchaços e hematomas por todo o corpo, tão intensamente com antes.

Enquanto os outros terminavam de tomar, Centra estendeu a mão e ofereceu mais do líquido para Reece; mas dessa vez Reece levantou a mão e não aceitou.

“Beba um pouco mais, meu amigo.” Disse Centra. “O efeito desaparece rapidamente.”

Reece balançou a cabeça.

“Muito obrigado. Mas preciso que minha mente permaneça clara.”

“Você salvou as nossas vidas.” Disse Elden dando um passo à frente com toda a seriedade. “E isso é algo que levamos muito a sério. Temos uma grande dívida para com você. Diga seu preço. Os homens da Legião sempre honram suas dívidas.”

Centra balançou a cabeça.

“Vocês não me devem nada. Mas se isso os faz felizes, eu vou pedir-lhes uma coisa: ajudem-me a encontrar uma boa refeição para a noite. Aquele maldito lombok roubou a minha. Eu quero encontrar algo antes do anoitecer.”

“Vamos ajudá-lo no que pudermos.” Disse Reece.

Centra examinou o grupo.

“E por que todos vocês estão aqui, se me permitem perguntar?”

“Nós estamos aqui devido a um assunto de máxima urgência.” Reece replicou. “Você viu a espada?”

“A espada?” Centra perguntou, erguendo as sobrancelhas. “Que espada? Parece-me que todos estão carregando espadas.”

Reece balançou a cabeça.

“Não, A Espada... A Espada do Destino. Ela foi incrustada em uma rochedo. Ele despencou sobre a borda.”

Centra arregalou os olhos.

“A verdadeira Espada do Destino?” Ele disse com admiração em sua voz. “Ela não está aqui embaixo, não é?”

Reece assentiu com a cabeça.

“Mas como isso é possível? É a espada da lenda. Que diabos ela estaria fazendo aqui? Em todo caso, eu não tenho visto nenhuma rocha, ou nenhuma espada. Tem certeza disso? Espere um minuto...” Disse ele interrompendo suas palavras. “Espere um minuto...” Ele disse esfregando o queixo. “... Você não se refere à explosão, não é?”

Reece e os outros se entreolharam, intrigados.

“Explosão?” Perguntou O’Connor.

“Há pouco...” Centra disse. “... Algo caiu do alto.” Centra disse. “... O barulho foi tão alto, ele sacudiu todo o lugar. Eu não vi nada, mas eu ouvi. Quem não ouviria? Ele deixou uma enorme cratera.”

O coração de Reece bateu mais rápido.

“Cratera?” Perguntou Reece. “Isso faz sentido. O rochedo *criaria* uma cratera, caindo daquela altura.” Ele aproximou-se de Centra e perguntou com toda a seriedade: “Você pode nos levar até lá?”

Centra deu de ombros.

“Eu não vejo por que não. O melhor da caça está nessa direção de qualquer maneira. Sigam-me. Mas sejam rápidos: nós não queremos estar andando ao cair da noite. Quando a névoa da noite começa a cair e dar voltas.”

Centra se virou e se afastou rapidamente e Reece e os outros foram logo atrás dele. O’Connor e Elden ajudavam a carregar Krog quem mancava pesadamente. Todos eles foram lentos para recuperar-se de sua batalha; eles esfregavam suas feridas, guardavam suas armas e andavam com dificuldade, nenhum deles se movia tão rápido ou tão agilmente como antes. Aquela batalha com o Lombok tinha cobrado um alto preço; Reece percebeu mais uma vez que todos eram afortunados por terem conseguido sair vivos.

Eles marcharam pela lama, serpenteando entre o bosque de cores vivas enquanto seguiam Centra por um caminho vertiginoso descendo alguma trilha invisível que só ele devia conhecer. Reece não podia ver nenhum sinal visível de algum caminho, mas Centra

sabia claramente para onde ele estava indo. As névoas serpenteantes circulavam ao redor e Reece perguntou como diabos Centra era capaz de orientar-se naquele lugar. Tudo parecia igual para ele e se não fosse por Centra, Reece percebia que todos estariam irremediavelmente perdidos.

Estava ficando mais escuro enquanto andavam e Reece começou a ficar preocupado. O som dos animais nunca parava, ele não podia evitar perguntar-se que criaturas rondariam por ali, à noite? Se o Lombok existia, que outras criaturas poderia haver ali?

Eles marchavam incessantemente e justo quando Reece estava prestes a perguntar a Centra que tão mais longe eles tinham de ir, subitamente eles deram com um espaço aberto entre as árvores. Todas as árvores ali estavam achatadas, seus galhos estavam quebrados e os troncos forçados para trás em ângulos irregulares. Reece apressou o passo para alcançar Centra, quem de repente estendeu a mão e colocou uma palma áspera no peito de Reece, impedindo-o de dar mais um passo para a frente.

Reece parou e percebeu que ele teve a sorte de que Centra o tinha parado. Quando a névoa subiu, eles puderam ver que se encontravam com os pés justo na borda de uma enorme cratera; ela tinha pelo menos seis metros de diâmetro e afundava uns bons vinte metros para dentro da terra. Era como se um meteoro tivesse destruído uma seção inteira da floresta.

O coração de Reece batia descompassado, ele soube imediatamente que aquela devia ser a cratera causada pelo impacto do rochedo.

Reece procurava a espada, emocionado. Todos os outros vieram para o lado deles e olhavam para baixo, pela borda, chocados.

Mas quando a névoa dissipou-se, Reece ficou chocado e desapontado ao ver que a cratera estava vazia.

“Como é possível?” O’Connor ao lado dele, perguntou.

“Não é possível.” Elden disse.

“O rochedo não está aqui.” Indra disse.

“Talvez essa seja outra cratera.” Serna disse.

Reece voltou-se para Centra.

“Você está seguro de que este é o lugar?” Perguntou Reece.

Centra assentiu vigorosamente com a cabeça.

“É aqui...” Disse ele. “Eu tenho certeza. Eu não estava longe quando tudo aconteceu e eu mesmo vim para dar uma olhada. Eu vi uma grande pedra, com um pedaço de metal metido nela, agora que você mencionou a espada eu me lembrei. Eu não tinha pensado muito nisso.”

“Então onde ela está?” Elden perguntou cético.

“Eu não estou mentindo.” Centra disse ofendido.

Reece examinou o chão da cratera com cuidado, quando a névoa clareou, ele notou rastros que seguiam para um dos lados. Parecia que a pedra tinha sido arrastada por um lado da cratera.

Reece caminhou até os rastros rapidamente, o mesmo fizeram os outros. Quando ele chegou bem perto, percebeu que era definitivamente a trilha deixada pelo rochedo: uma trilha larga e profunda. Ao seu redor havia dezenas de pegadas. Aquelas eram pegadas muito estranhas, elas eram muito pequenas para serem as pegadas de um humano.

Centra quem estava de pé por cima deles, ajoelhou-se na lama, abaixou-se e passou os dedos sobre as pegadas identificando-as de imediato.

“Faws.” Disse ele.

“O que é isso?” Perguntou Reece.

“Essas são as pegadas deles. Eles são de uma tribo hostil. Eles vivem de catar coisas. Isso faz sentido. Eles vivem do outro lado do Canyon. Eles viriam e resgatariam algo assim. Eles recuperam tudo o que eles puderem encontrar.”

“O que você quer dizer?” Indra insistiu. “Eles levaram a rocha? Como eles podem ter a força para fazer isso?”

Centra suspirou.

“Eles se movem em perfeito sincronismo. Existem milhares deles. Juntos eles podem fazer qualquer coisa, são como as formigas operárias. Eles vivem dessa forma.” Centra disse enquanto apontava para as marcas. “Bem, é isso. Sinto muito por sua espada. Mas se ela estiver nas mãos dos Faws, vocês jamais poderão recuperá-la.”

“Por que você diz isso?” Perguntou Reece.

“Eles são uma tribo cruel e hostil.” Centra disse. “Guerreiros selvagens. Parte humana, parte outra coisa. Todo mundo aqui sabe que deve ficar longe deles. Eles são como um moinho de formigas. Chegue perto deles, e eles usarão seu sistema para alertar uns aos outros. Eles o matariam antes que você pudesse chegar perto. Ninguém sobreviveria.”

Reece agarrou o punho da sua espada e deu um passo à frente. “Isso é justo o tipo de adversidades de que eu gosto.”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Gwendolyn estava diante do monstro de gelo, paralisada de terror. Ao lado dela, todos estavam paralisados também, eles olhavam para a fera, admirados. O medo se apoderou de Gwen, uma parte dela queria dar a volta e correr, ou pelo menos levantar as mãos para cima para proteger-se de um ataque.

Mas outra parte dela forçou-a a ser forte, a manter-se firme e lutar. Uma pequena parte dela sabia que ela tinha forças e que ela precisava ser forte não apenas por si mesma, mas também pelos outros. Ela não podia fugir de seus medos; ela podia muito bem morrer enfrentando-os, assim, pelo menos ela iria morrer com honra. Afinal, ela era filha de um rei e o sangue da realeza corria em suas veias.

O monstro baixou seus braços ao redor dela, suas cinco pinças, nas pontas de cada um de seus dedos estalavam, elas abriam e fechavam enquanto se aproximavam. Gwen, com as mãos trêmulas, puxou a espada, deu um passo adiante e golpeou a fera.

A espada não atingiu o alvo, o monstro era muito mais rápido do que Gwen tinha previsto. Onde sua mão tinha estado um segundo antes, não havia mais nada além de ar.

As pinças do monstro se abriram e fecharam em um barulho horrível de dentes batendo, ele pulou para a frente, ruídos e rangidos agudos soavam de cada uma das suas dez pinças. Ele arremeteu diretamente contra Gwendolyn.

Gwendolyn gritou de dor quando uma de suas pequenas pinças mordeu o braço dela, apertando-o e fazendo-o sangrar. Ela tentou se afastar, mas foi inútil: o monstro tinha apertado bem suas pinças e ela podia sentir os dentes dele afundando em sua pele.

Gwen ouviu um grunhido, era Krohn, ele pulou para a frente, saltou sobre a fera e mordeu o dedo que atacava Gwen. Krohn apertou a mão do monstro com suas mandíbulas e recusava-se a soltá-lo, ele rosnava e balançava a cabeça para a esquerda e direita, até fazer com que finalmente, o monstro afrouxasse a pressão do aperto de suas pinças sobre Gwen.

Gwen deu um passo atrás rapidamente, uma dor lancinante percorria seu braço, ela estendeu a mão e apertou o braço. Sua mão ficou toda manchada de sangue; então ela rasgou uma tira de pano da barra de sua blusa e enfaixou o braço, ao redor da ferida, com sua mão trêmula e assim conseguiu estancar o sangramento.

O monstro se virou para Krohn em um acesso de fúria. Outra de suas pinças se moveu e em um golpe repentino, mordeu a perna de Krohn.

Krohn gritou, mas ainda assim ele não afrouxou a pressão de sua mordida na mão do monstro, ele mastigava os dedos do monstro com toda sua força, até que, finalmente, ele arrancou uma das pinças dele. O monstro gritou e Krohn caiu no chão, levando um dos dedos do monstro consigo.

O monstro, em um acesso de fúria, inclinou-se para trás e balançou seu braço, preparando-se para afundar várias de suas outras pinças nas costas de Krohn.

Steffen avançou, mirou e disparou duas flechas em uma rápida sucessão. Cada flecha se alojou na pequena pinça do monstro, foi um feito incrível: acertar um alvo tão distante e que se movia tão rápido. Isso fez com que o monstro se afastasse de Krohn, poupando-o do doloroso ataque.

Agora o monstro havia voltado sua atenção para Steffen, ele rugia furioso.

O monstro avançou para Steffen, ele sacudia os braços e as pinças das pontas de seus dedos, o som do gelo quebrando enchia o ar enquanto o monstro vinha por Steffen. Steffen estava atrapalhado com seu arco, então Aberthol pulou para a frente dele e corajosamente levantou o seu cajado com as duas mãos e com ele espetou o peito do monstro.

Apesar do nobre esforço, o golpe do cajado foi inútil contra uma fera tão poderosa. O monstro simplesmente olhou para Aberthol como se ele fosse um inseto chato, ele estendeu a mão e deu-lhe um safanão. O som de gelo golpeando a pele ecoou no ar e Aberthol saiu voando com um gemido, logo ele aterrissou pesadamente, de costas no gelo e deslizou por vários metros antes que pudesse parar, ele gemia de dor.

O monstro dirigiu sua atenção novamente para Steffen. Quando Steffen estava pronto para ajudar, o monstro saltou para a frente, se abaixou, agarrou Steffen com uma mão e levantou-o bem alto, por cerca de seis metros no ar, ele examinava Steffen como se ele fosse sua refeição. O monstro virou Steffen de cabeça para baixo, em seguida, aproximou sua outra mão e apontou com suas pinças direto para o rosto dele.

Gwen percebeu com horror que o monstro estava prestes a comer Steffen vivo.

Quando Steffen foi levantado no ar, ele deixou cair seu arco e suas flechas, então Gwen raciocinou rápido, ela correu e levantou-as do chão. Com as mãos trêmulas, ela fez pontaria.

Gwen disparou várias flechas, elas atingiram o flanco do monstro e finalmente, uma de suas pinças.

Ele se virou e olhou para ela gritando de raiva, então ele deixou cair Steffen. Steffen girava sobre si mesmo enquanto era arremessado pelo ar, seu corpo impactou contra o gelo com o ruído de um forte estalo. Gwen esperava que ele não tivesse quebrado todos os seus ossos.

O monstro atacou Gwen novamente e dessa vez, com as duas mãos estendidas e estalando todas as suas pinças; Gwen, sem flechas e sem ter para onde correr, sabia que o monstro estava prestes a matá-la. Ainda assim, ela não se arrependia, já que pelo menos, ela tinha salvado a vida de Steffen.

“PELAS LEIS DOS SETE CÍRCULOS DA NATUREZA, EU LHE ORDENO QUE PARE!” Exclamou uma forte voz.

Gwendolyn se virou e viu Alistair dar um passo à frente, ela estendeu a palma de mão e apontou para a criatura. Uma bola de luz laranja foi lançada por ela, a luz foi dirigida à criatura e a atingiu no peito.

Mas a criatura virou-se para Alistair sem medo, quando a bola de luz se aproximou, ela simplesmente golpeou-a para longe. A bola de luz saiu voando inofensivamente por cima do seu ombro.

Alistair ficou ali, chocada. Era evidente que ela não contava com isso.

O monstro dessa vez virou-se e apressou-se para atacar Alistair. Ele chutou-a, suas garras enormes impactaram contra o peito dela e a mandaram voando de costas para trás, fazendo com que ela deslizesse pelo gelo.

Ainda não satisfeito, o monstro se abateu sobre Alistair, preparando-se para acabar com ela.

Gwen fez um balanço do campo de batalha e a coisa não parecia estar nada bem: Alistair estava caída de costas, Steffen, Aberthol e Krohn estavam gemendo, todos feridos pelo monstro. Ela mesma estava ali, ainda sofrendo com o golpe. Gwen se perguntava como eles poderiam realmente derrotar aquela coisa. Suas armas eram demasiado frágeis e até mesmo a magia druida de Alistair não funcionava contra aquela criatura.

Gwen se virou e examinou seus arredores, tentando desesperadamente usar sua inteligência, ela estava desesperada para encontrar algo, qualquer coisa que pudesse ser usada, ou então *alguma* maneira de sair dali. Enquanto Gwen olhava, ela viu algo e então teve uma ideia.

Lá no topo de um dos montes de gelo, havia uma pedra de gelo grande e redonda. Ela era imensa e estava precariamente apoiada a uma altura de cerca de quinze metros. Parecia que um bom empurrão poderia derrubá-la dali; o monstro estava posicionado bem na base do monte de gelo, abaixo da pedra. Se Gwen pudesse de alguma forma deslocar a pedra de gelo enorme, ela poderia esmagar a fera que se encontrava justo embaixo.

Gwendolyn entrou em ação. Ela levantou o arco de Steffen, colocou uma flecha, mirou e disparou contra a borda de gelo debaixo da pedra. Sua pontaria foi perfeita: ela conseguiu alojar a flecha precisamente sob a pedra, quebrando assim o gelo e fazendo com que a pedra oscilasse um pouquinho.

Porém a pedra não rolou para baixo.

Ainda sobravam quatro flechas e com o monstro abatendo-se sobre Alistair, havia pouco tempo a perder. Gwen disparou uma vez após outra e com a sua pontaria incrível, todos os quatro disparos atingiram, como ela esperava, o mesmo local. Com cada flecha, a pedra rolava um pouco mais.

A rocha ainda estava à beira do precipício, prestes a rolar pela borda; no entanto, ela rolou para trás e parou. Não havia funcionado. Gwendolyn já não tinha mais flechas. Ela tinha falhado.

Alistair conseguiu ficar de pé, ela olhou para a rocha e percebeu o que Gwendolyn estava tentando fazer. Quando o monstro correu para ela e avançou alguns metros Alistair se virou, ela levantou as duas mãos acima da cabeça e dessa vez, apontou para a pedra de gelo.

Uma luz amarela irradiou de suas palmas e projetou-se para o monte de gelo no alto, a luz voou através do campo de batalha. Enquanto Alistair apontava a luz amarela para o gelo, sob a pedra, ela começou a derreter. Logo depois a pedra partiu-se.

Logo a pedra de gelo começou a mover-se.

O monstro estava agora poucos a metros de distância de Alistair e Gwen temia que Alistair fosse morta diante de seus olhos se a pedra não rolasse com suficiente rapidez.

Mas Alistair, destemida como era, não se moveu e não recuou diante do monstruoso ataque. Ela simplesmente continuou a concentrar-se, enviando luz para o gelo.

“ALISTAIR!” Gwen gritou, correndo em direção a ela.

O monstro alcançou Alistair, agarrou-a e levantou-a para o alto, sobre a sua cabeça enquanto dava um grito terrível. Gwen podia ver que ele estava prestes a matá-la.

Ouviu-se um grande barulho sibilante e depois o som do gelo quebrando. Quando Gwen olhou em volta ela viu que a rocha havia se desprendido e rolava para baixo do monte de gelo impetuosamente. Justo quando o monstro aproximou Alistair de suas mandíbulas abertas, pronto para comê-la, a pedra impactou repentinamente contra as costas dele.

O monstro foi completamente esmagado. Ele soltou um horrível grito de morte ao ser completamente achatado sob o rochedo. Alistair saiu voando pelo ar quando o monstro a soltou, ela aterrissou longe, felizmente, em um banco de neve.

Logo tudo estava calmo. Um pesado silêncio pairava no ar.

Gwendolyn, em estado de choque, correu apressadamente para o lado de Alistair, a fim de certificar-se de que ela estivesse bem.

Alistair estava ali, atordoada, mas ela abriu os olhos, agarrou a mão de Gwendolyn e permitiu que ela a ajudasse a levantar-se.

“Você está bem?” Gwen perguntou. Para Gwen era como se fosse sua própria irmã quem estava ferida, então ela percebeu o quanto ela se importava com Alistair.

Alistair assentiu com a cabeça, ela parecia abalada, mas estava ileso.

Gwen abriu um enorme sorriso, aliviada.

Elas se viraram, correram para Steffen e Aberthol e os ajudaram a ficar de pé; eles estavam machucados e abatidos, mas iriam recuperar-se rapidamente. Gwen se apressou para chegar até Krohn, quem choramingava deitado de lado. Ela o ajudou a se levantar e ele lambeu-lhe o rosto. Ele estava um pouco instável, mas também se encontrava bem.

Os cinco estavam ali, atordoados e confusos, olhando para os seus arredores, para os montes de gelo com muito mais respeito e admiração. Enquanto Gwendolyn estudava o horizonte, ela começou a perceber o verdadeiro perigo daquele lugar. Pela primeira vez, ela se perguntou se eles algum dia encontrariam Argon.

Havia sido uma loucura ter ido até ali, depois de tudo?

*

Gwen caminhava há horas, seus joelhos estavam fracos e seu corpo cansado, ela sentia ondas dolorosas em seu estômago. Eles caminhavam em direção à grande bola escarlate do segundo sol, todos tinham estado caminhando durante todo o dia; apesar de que parecia que haviam caminhado por meses. Não havia fim à vista: apenas a monotonia sem fim da paisagem. Gwen se perguntava por quanto tempo eles poderiam continuar com isso, antes que todos simplesmente desabassem sobre o gelo.

Eles marchavam continuamente pelo vale fantástico dos montes, todos eles congelados até os ossos. Felizmente, desde seu último confronto, eles não haviam encontrado quaisquer outros monstros. Eles passaram por vários animais, pequenas criaturas que Gwen nunca tinha visto antes; a maioria era de algum tom de

branco e tinha olhos azuis pequenos e brilhantes, mas todos eles corriam para fora de seu caminho enquanto eles avançavam. Em todos os lugares por onde passavam, Gwendolyn procurava qualquer sinal possível de Argon, mas ele não estava à vista.

Quando a última réstia de sol começou a desaparecer, Gwendolyn começou a notar uma ligeira alteração no aspecto da paisagem. Aquele vale de montes de gelo culminava em um monte enorme, o qual se estendia até onde os olhos podiam ver e bloqueava seu caminho. Não havia nenhuma maneira de prosseguir, a menos que o escalassem.

Todos pararam, respirando com dificuldade. Eles ficaram ali, com as mãos nos quadris enquanto olhavam para o monte, o qual talvez tivesse quinze metros de altura. Todos estavam exaustos e sem esperança, como se já não acreditassem que poderiam encontrar Argon e menos ainda sobreviver.

“O que vocês acham?” Gwen perguntou, voltando-se para os outros.

“Não temos escolha,” Disse Alistair. “Ou nós o escalamos, ou então voltamos.”

Gwen sabia que ela estava certa. Mas suas pernas tremiam de tão exaustas. Todos eles ficaram parados ali e olhavam para o monte.

Finalmente, Alistair deu o primeiro passo, Gwen e os outros, cansados além do possível, seguiram-na.

Gwen respirava com dificuldade e caminhava com cautela. Era uma subida íngreme e todos eles escorregavam enquanto andavam, Gwendolyn inclinou-se para a frente e apoiou as mãos sobre o gelo, ela deslizava e tentava se firmar. Lentamente, passo a passo, eles abriram o caminho para o topo. Quando chegaram ali, todos caíram de quatro no chão.

“Eu já não posso mais seguir.” Aberthol disse com voz trêmula.

Enquanto Gwen estava ali, ofegante, ela tentava reunir energia suficiente para levantar a cabeça e olhar para o outro lado do monte. Seus olhos se arregalaram em choque.

Gwen estendeu a mão e cutucou os outros, empurrando-os, forçando-os a olhar também.

“Vejam!” Insistiu ela.

Os outros lentamente levantaram suas cabeças e viram o que ela havia visto. A visão tirou-lhes o fôlego. Lá, diante deles, se estendia outro enorme vale. Mas aquele era diferente dos outros; aquele estava cheio com o que pareciam ser cápsulas de gelo. Havia milhares e milhares delas, distribuídas até onde os olhos podiam ver, cada uma tinha cerca de dois metros de altura, cerca de um metro de largura e cada uma continha algo.

Quando Gwen estreitou os olhos, ela percebeu que cada cápsula continha um corpo. Dentro de cada uma havia uma pessoa congelada. Havia milhares de pessoas, distribuídas a cada dez metros ou mais, era como um enorme cemitério, projetando-se verticalmente a partir do gelo.

“O Vale das Almas Aprisionadas.” Aberthol disse com surpresa em sua voz.

Todos se entreolharam, ninguém precisava dizer nenhuma palavra para saber o que estava em suas mentes. Ali embaixo havia pessoas aprisionadas. Gwen sabia que em algum lugar, lá embaixo, aprisionado em meio a todas aquelas pessoas, se encontrava a pessoa que ela tinha vindo buscar.

Ela respirou e disse o que estava na mente de todos:

“Argon.”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Andronicus se encontrava ao lado de Thornicus, os dois estavam ali sozinhos na encosta, contra o ocaso dos dois sóis, inspecionando os danos causados durante sua batalha contra Romulus. Andronicus estava ao lado de Thor e não poderia estar mais orgulhoso. Pela primeira vez na vida, Andronicus sentia algo que não era raiva, não sentia desejos de vingança. Pela primeira vez, ele não estava queimando por dentro com o desejo de destruir, matar e torturar tudo o que cruzasse seu caminho. Em vez disso, ele estava experimentando uma emoção que não compreendia muito bem. Ao pensar em tudo o que Thor tinha feito, em como Thor tinha salvado sua vida duas vezes, Andronicus sentia algo mais do que orgulho. Ele sentia um interesse sincero pelo rapaz. Ele sentia algo que poderia até mesmo ser amor.

A emoção o aterrorizava e Andronicus a borrou imediatamente, ele empurrou-a para algum recôndito de sua alma, incapaz de lidar com ela. Era uma emoção a qual ele não estava acostumado, ela era muito poderosa e avassaladora.

Em vez disso, ele simplesmente olhou para Thor com uma emoção muito mais controlada, uma que ele podia entender: o orgulho pela vitória. Thor tinha resultado ser algo impressionante, superior a qualquer conquista que ele poderia ter imaginado.

Andronicus apertou o ombro de Thor com suas longas unhas.

“Você salvou minha vida no campo de batalha hoje.” Disse Andronicus.

Thornicus permanecia ao lado dele, com os olhos vidrados, olhando para a carnificina. Andronicus se perguntava se Thor continuaria a servi-lo caso Rafi lhe tirasse o feitiço. No fundo, ele esperava que sim, ele esperava que Thor também chegasse a amá-lo pelo que ele era, assim como qualquer filho amaria seu pai. Ele esperava secretamente que com passar do tempo, Rafi dissipasse a magia e Thor pudesse tornar-se leal a ele naturalmente. Andronicus esperava que Thor pudesse vê-lo como o verdadeiro pai que ele era.

Andronicus avaliou os danos, ele viu todos os seus homens mortos, viu todos os soldados rebeldes do Império mortos e sabia que ele devia sua vida a Thornicus. Isso era algo que ele jamais tinha esperado que acontecesse.

Em torno deles ouviam-se gritos, os homens de Andronicus estavam torturando os soldados do Império sobreviventes, os quais o haviam traído. Andronicus respirou profundamente, deleitado com o som dos gritos. Era hora de fazer com que todos os traidores pagassem, e assim enviar uma mensagem a qualquer pessoa que ousasse desafiá-lo. Romulus estava em fuga e Andronicus não iria parar diante de nada, até encontrá-lo. Então, ele o eliminaria de uma vez por todas.

Primeiro, porém, Andronicus tinha assuntos mais urgentes a tratar. Ele virou-se, olhou à distância e viu Highlândia, totalmente destruída pelos rebeldes. Ele ficou ali, com as mãos nos quadris, examinando-a com desgosto. Highlândia teria sido sua se Romulus não tivesse atacado por trás e ele não tivesse sido forçado a dar a volta e persegui-lo, do contrário, eles não teriam abandonado a cidade. Andronicus fez uma careta quando ele percebeu o dano que Kendrick, Erec e os outros tinham feito, abatendo milhares de seus homens, enquanto o exército principal estava distraído. Eles tinham fugido, quem sabe para onde, provavelmente de volta para a segurança das montanhas. Andronicus examinava as montanhas, mas estava ficando escuro e seria muito difícil encontrá-los naquele momento. No entanto, na manhã seguinte, eles iriam expulsá-los como doninhas e matariam todos eles. Com Thornicus ao seu lado, agora tudo era possível.

“Amanhã de manhã, nós vamos encontrar e matar quem restar de seus antigos amigos.” Andronicus afirmou.

“Estou às suas ordens, meu pai.” Disse Thor.

Andronicus foi abrandado ao ouvir aquelas palavras. Ele virou-se e olhou para Thornicus.

“Eu tenho uma dívida enorme para com você. Ninguém jamais salvou minha vida antes. Diga-me o que eu posso lhe dar em troca. Simplesmente diga e qualquer coisa no Império será sua.”

Thor olhou fixo por um longo tempo, como se tivesse perdido em outro mundo, Andronicus duvidou que ele respondesse.

Então, finalmente, Thor falou baixinho:

“O anel de minha mãe.” Disse ele.

Andronicus olhou para Thor, surpreso.

“Ele foi roubado de mim por um de seus homens.” Disse Thor.
“Eu o quero de volta.”

Andronicus assentiu com a cabeça.

“Você o terá de volta.”

Andronicus estalou os dedos, um de seus generais veio correndo, Andronicus sussurrou algo em seu ouvido e empurrou-o para fora. O general virou-se e correu, apressando-se para executar suas ordens.

“Ele vai ser encontrado rapidamente, meu filho.” Disse Andronicus. “Ou então, o próprio general será morto pela manhã.”

Thor acenou, satisfeito.

“Eu também vou torturar e executar pessoalmente o homem que o roubou de você.” Disse Andronicus.

“Não é necessário que ninguém seja torturado ou executado.” Disse Thor. “Eu só quero o anel de volta.”

“Eles serão torturados e executados, quer você queira quer não.” Andronicus respondeu firmemente. “Essa é a minha maneira de agir. Em breve, ela será a sua também.”

Andronicus suspirou.

“Amanhã de manhã, nós vamos lutar e esmagar o restante de seu anterior povo e depois o nosso reino estará completo. Nós vamos governá-lo juntos, lado a lado, para sempre.”

Thornicus se virou e olhou para seu pai e Andronicus sentiu que ele estava totalmente de acordo.

“Não há nada que eu deseje mais, meu pai.”

*

Thornicus estava deitado no chão frio e pedregoso, na escuridão da noite, perto de Andronicus e do resto dos soldados do Império, ao lado da fogueira crepitante. Ele tinha sonhos conturbados.

Thor encontrava-se em um campo aberto, olhando para fora, preparado para a batalha. Diante dele havia milhares de homens a cavalo, quando Thor olhou mais de perto, ele percebeu que todos eles montavam de um jeito estranho, caídos para um lado. Ele olhou mais atentamente e percebeu que todos eram cadáveres. Os corvos estavam pousados sobre eles e os bicavam.

Thor caminhou entre eles com seu cavalo e viu que todos eram homens do Reino Ocidental, todos grandes guerreiros com quem ele havia treinado no passado. Seu coração se partiu.

No meio deles havia apenas uma pessoa viva, ela caminhava lentamente para cumprimentá-lo. Era uma mulher. Ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto, ela trajava vestes azuis luminescentes e caminhava lentamente pelo campo; ela estendeu a mão para ele.

“Thorgrin, meu amado.” Disse ela. “Venha comigo.”

Thor estreitou os olhos e percebeu que era Gwendolyn. Ele montou em seu cavalo e tentou cavalgar até ela, mas o cavalo não se movia. Ele olhou para baixo e viu que estava atolado na lama.

“Thorgrin.” Ela exclamou. “Eu preciso de você.”

Thor finalmente conseguiu desatolar seu cavalo e avançou galopando pelos campos para alcançá-la.

Mas quando ele chegou até ela, ela desapareceu.

Thor olhou em volta e viu que ele já não estava mais em um campo de batalha, agora ele estava em um vasto deserto. Cavalgando em sua direção, vinha um guerreiro com sua armadura adornada, dourada e brilhante; o sol irradiava por trás dela tão brilhantemente que Thor teve de entrecerrar os olhos.

Eles cavalgaram ao encontro um do outro e pararam a apenas poucos metros de distância; Thor entrecerrava os olhos contra o brilho do sol, tentando ver quem ele era.

“Quem é você?” Thor Perguntou. “Apresente-se!”

“Sou eu, pai.” O orgulhoso guerreiro disse. “Seu filho.”

O guerreiro tirou o capacete, revelando seus cabelos da cor do ouro, mas a luz que brilhava atrás dele era tão intensa que Thor não conseguia distinguir suas feições.

Thor sentiu-se avassalado com aquelas palavras, envergonhado por estar diante dele, enfrentando-o em uma batalha.

“Meu filho?” Ele perguntou, chocado. “Como é possível?”

Thor jogou sua espada no chão e se preparou para desmontar, para abraçar o filho.

Mas de repente, o garoto levantou uma longa lança, gritou e investiu contra Thor, com o objetivo de atravessar o seu peito com ela.

Thor piscou os olhos e viu-se deitado de costas, amarrado a um barco a remo, flutuando em um vasto oceano. As enormes ondas balançavam-no para cima e para baixo e ele estava exausto, desidratado, ele olhava para o céu ao passar por ele. Enquanto flutuava ele avistou um penhasco íngreme na beira do mar, havia um castelo situado em seu topo; ele viu uma passarela que conduzia até o castelo e lá no topo, olhando para baixo, ele viu sua mãe. Uma luz azul brilhante emanava dela e ela estendia-lhe a mão.

“Meu Thorgrin.” Disse ela. “Volte para mim.”

Thorgrin tentou com todas as suas forças romper suas ataduras para poder alcançá-la. Mas ele não podia.

“Eu me desviei para longe demais, mãe.” Ele disse fracamente.

“Não é tarde demais.” Disse ela. “Você tem o poder para retornar.”

“Mãe. Gritou ele. “Eu não consigo me libertar. Minhas ataduras são muito fortes!”

“Você pode Thorgrin.” Disse ela. “Você tem a força necessária. Você pode!”

Thor lutou com todas as suas forças e dessa vez foi diferente. Dessa vez, ele ouviu suas amarras de couro ranger, então finalmente, elas arrebentaram.

Thor estendeu sua mão livre para ela e ao fazer isso, sua mãe estendeu a mão para ele. Pela primeira vez ele tocou a mão dela. Ela transmitia uma força diferente de qualquer outra que Thor já havia sentido. Ali estava ela, agarrando a mão dele, puxando-o para cima. Ele sentiu uma força esmagadora invadir seu corpo. Ele sentiu que todas suas ataduras se rompiam. Ele sentiu-se sendo levantado para o céu, subindo mais e mais para o seu castelo, para sua casa.

“Mãe.” Ele falou, sentindo-se cheio de alívio.

Ela sorriu de volta.

“Você está em casa agora, meu filho. Você está em casa agora.”

Thor abriu os olhos e sentou-se com um sobressalto, ele olhou ao seu redor. Algo parecia diferente dentro dele. Alguma coisa tinha mudado. O dia estava nascendo e todos os soldados do Império, ao seu redor, estavam despertando lentamente e preparando-se para o dia, para a batalha que teriam pela frente. Thor olhou para cima e viu que Andronicus se aproximava dele. Entretanto, Thor já não via mais os soldados do Império como seus colegas; ele já não via mais Andronicus como o seu pai. Agora, ele tinha toda uma nova perspectiva das coisas; ele teve um momento de lucidez. Ele os via como seus inimigos. E ele agora via seu pai como o inimigo que ele realmente era.

Andronicus aproximou-se sorrindo, ele estendeu a palma da mão. Thor olhou para baixo e viu o anel de sua mãe.

“Eu prometi, meu filho...” Disse Andronicus. “... E eu sempre cumpro minhas promessas.”

Andronicus abaixou-se e colocou o anel na palma da mão de Thor.

Assim que Andronicus fez isso, Thor sentiu uma força esmagadora percorrer seu corpo. Ele também sentiu uma sensação de clareza. Ele era Thorgrin, do Reino Ocidental do Anel. Ele era um membro da Legião, leal a MacGil e ele estava lutando para libertar o Anel. E todos aqueles homens ao seu redor, todos eram o inimigo. Thor desembainhou sua espada e de repente, ele atacou.

Andronicus estava diante dele, e Thor estava determinado.

Era hora de matar o seu pai.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Kendrick avançava pela encosta íngreme das Highlands ao amanhecer, em meio à névoa espessa, a luz vermelha do primeiro sol banhava o vale. Erec, Bronson e Srog cavalgavam ao lado dele, seguidos por milhares de homens, enquanto todos eles investiam contra a divisão de soldados do Império que se encontrava no vale abaixo. Até aquele momento, sua estratégia de atacar e recuar tinha sido um sucesso: eles tinham atacado Highlândia, exterminado uma pequena divisão dos homens de Andronicus e tinham se refugiado nas montanhas. No entanto, eles haviam tido a sorte de que Romulus tinha atacado ao mesmo tempo em que eles. Se não fosse por isso, Kendrick não sabia se eles poderiam ter vencido, especialmente com Thor lutando ao lado de Andronicus.

A imagem de Thor cavalgando para enfrentá-lo em uma batalha havia abalado Kendrick até o âmago. Ela havia deixado um enorme vazio na boca do estômago dele. Como poderia Kendrick enfrentar seu camarada, seu irmão-de-armas em uma batalha? O que ele teria feito se Thor tivesse atacado? O que tinham feito para mudar Thor dessa forma?

Kendrick não imaginava que ele fosse capaz de prejudicar Thor. Era evidente que Thor estava sob o feitiço de Andronicus, sob o efeito de alguma força obscura, Thor não era ele mesmo. Mas, ao mesmo tempo, Thor ainda era claramente mais poderoso do que qualquer um dos seus homens, Kendrick estremeceu ao pensar que em breve ele poderia ver-se obrigado a enfrentá-lo na batalha, ou ainda correr o risco de perder seus homens.

Pelo menos por enquanto, isso não seria um problema; os homens de Kendrick tinham identificado uma divisão isolada de tropas do Império, acampada no outro lado do vale; eram alguns milhares de guerreiros, isolados do resto do acampamento do Império. Kendrick e seus milhares de homens agora cavalgavam ao nascer do sol com discrição e intenção de surpreender, todos estavam dispostos a atacar rápida e duramente, e em seguida, todos recuariam para as montanhas. Kendrick e seus homens ainda

estavam em menor número, mas eles não temiam lutar contra um número maior, sempre que as chances fossem razoáveis e contanto que eles não tivessem de lutar contra todo o exército do Império de uma só vez.

Kendrick não sabia por quanto tempo sua estratégia poderia durar. Mas se pudessem continuar escolhendo sempre uma pequena divisão de tropas do Império de cada vez, ele sentia que poderia terminar ganhando aquela guerra. Kendrick percebia que quando confrontados com um adversário superior em tamanho, força e número, às vezes, a discricão e a astúcia, junto com recuar estrategicamente eram maneiras bem mais eficazes de fazer a guerra.

Enquanto cavalgavam, o som dos cascos dos cavalos reverberava nos ouvidos de Kendrick, junto com o som metálico das armaduras; o vento fresco da manhã acariciava seu cabelo e sua mão apertava o punho da espada. A névoa da manhã finalmente levantou, revelando os seus homens e eliminando o fator surpresa. Mas pelo menos eles tinham chegado bastante longe.

Kendrick e seus homens soltaram um grande grito de guerra quando se lançaram sobre o Império, desde uma distância de cem metros. Todos os homens do Império ficaram assustados, eles se viraram e olharam para cima, aterrorizados diante da visão e do som produzido pelos homens de Kendrick enquanto vinham em disparada, montanha abaixo. O primeiro impulso dos soldados do Império foi fugir; várias dezenas de soldados da linha de frente deram a volta e fugiram, em pânico.

Mas logo eles se refizeram, os aguerridos comandantes do Império se adiantaram e reuniram os seus homens. A força de combate foi rapidamente montada e logo todos estavam prontos para enfrentar Kendrick e seus homens.

Kendrick, Erec, Bronson, Srog e os outros não lhes dariam a menor chance. Eles investiram com mais rapidez e com suas lanças prontas, eles encontraram o exército do Império em um tremendo choque de armaduras.

O som de aço chocando contra aço encheu o ar. Os gritos dos homens matando-se entre si soavam incessantemente e os corpos

caíam, principalmente do lado do Império. Os homens MacGil avançaram, descendo a encosta das Highlands como uma tempestade repentina. Seu impulso levou-os diretamente para o meio do campo do Império, cortando suas fileiras completamente, matando homens pela esquerda e pela direita, enquanto eles ainda estavam tentando colocar sua armadura, recolher suas armas e montar seus cavalos.

Em poucos instantes, várias centenas de tropas do Império estavam mortas ou feridas, e enquanto Kendrick e seus homens continuavam a avançar em seu caminho, parecia que nada poderia detê-los. Kendrick tinha certeza de que iria abater aquela divisão e voltaria para as montanhas antes que o primeiro sol da manhã raiasse no céu.

De repente, Kendrick sentiu que seu cavalo tombava debaixo dele, o cavalo caiu e Kendrick voou pelos ares, ele acabou aterrissando com força, de cara, no chão. Sua armadura retinia enquanto ele rolava continuamente.

Erec, Bronson e Srog rolavam no chão ao lado dele. Já sem fôlego, Kendrick virou-se e olhou para trás, ele se perguntava o que tinha acontecido.

Kendrick descobriu o motivo da queda: sem que ele soubesse, os homens do Império tinham estendido um longo arame farpado; eles o haviam esticado com força e o arame cortou as pernas de seus cavalos, derrubando todos no chão. Os homens do Império empregavam uma disciplina especializada. Kendrick tinha ficado muito confiante na batalha e havia subestimado seu oponente.

Uma espada veio descendo sobre a cabeça de Kendrick, ele levantou seu escudo justo a tempo quando dezenas de homens do Império o rodearam e atacaram. Ele bloqueava os golpes, rolava no chão e virava para o lado enquanto golpeava as pernas dos soldados, fazendo-os cair no chão ao lado dele.

Kendrick ficou de pé rapidamente, ele esquivava os golpes usando seu escudo, enquanto se defendia de vários soldados do Império.

Eles estavam se aproximando rapidamente, ao seu redor, Erec, Bronson, Srog e outros estavam lutando corpo a corpo também.

Kendrick apunhalou um soldado e quando ele caiu, Kendrick arrebatou um mangual de sua cintura. Ele ergueu o mangual bem alto empunhou-o e girou-o sobre sua cabeça, formando um grande círculo e golpeando violentamente muitos soldados do Império no peito e no rosto e ao mesmo tempo repelindo-os, criando um grande perímetro em volta dele e dos outros homens. Eles ganharam algum espaço para respirar.

Kendrick lutava arduamente, ele se virou e procurou por seus homens, em busca de reforços, querendo saber por que eles estavam demorando. Mas quando ele olhou, viu que seus homens também tinham as mãos cheias: a divisão do Império estava recebendo reforços e as tropas estavam inundando o vale por todos os lados. Seus homens estavam bloqueados e impossibilitados de alcançá-lo. A dinâmica da batalha havia mudado, a maré que até aquele momento lhe havia sido favorável, agora estava começando a virar contra Kendrick.

Kendrick lutava com ambas as mãos, já esgotado, suas chances só pioravam. Quando a névoa subiu e ele olhou para o horizonte, ele viu mais tropas do Império, milhares mais estavam agrupando-se para reforçar as outras. Ele percebeu que sua desvantagem numérica era enorme, muito maior do que ele pensava. Aquela não era uma divisão isolada do Império, depois de tudo, ela era, de fato, parte de um batalhão muito maior.

Ali, de pé, mantendo-se firmes, Kendrick, Erec, Bronson e Srog lutavam com entrega total, matando seus atacantes, lutando um pelo outro, protegendo um ao outro. Mas Kendrick já sabia em seu coração que ele tinha cometido um grave erro ao ir ali. Eles estavam em número bem menor e as chances eram cada vez menores. Seria apenas uma questão de tempo, em breve o seu exército sofreria sua derrota final.

*

Godfrey cavalgava diante de seus milhares de homens, Akorth e Fulton iam ao lado dele, seguidos por seu general silesiano; logo atrás deles vinham os milhares de MacGils. Godfrey não tinha ideia

de por que aqueles homens o estavam seguindo, ou ainda porque Gwendolyn, sua irmã, tinha lhe confiado àquela missão. Ele não era um soldado. Ele não era um bravo guerreiro como os outros. Ele usava sua sagacidade para sobreviver e isso era tudo que ele tinha.

A tática de Godfrey tinha funcionado lá atrás, eles tinham se salvado do ataque inicial do Império. Aquele tinha sido o melhor ouro que ele já tinha gastado. Mas sua sorte tinha chegado ao fim e conseqüentemente, ele sabia que deveria enfrentar a batalha. Ele já não poderia seguir evadindo-a por tanto tempo. Ele sabia que no campo de batalha, de uma batalha *real*, a sagacidade apenas o levaria mais longe. Ele também precisava de habilidades de combate. E tais habilidades, tristemente, eram o que mais lhe faltava.

Godfrey pelo menos tinha bravura. Ele seguia em frente. Apesar de seus medos, ele conduzia aqueles homens, determinado a encontrar Kendrick, Erec e os outros e fazer o que pudesse para ajudá-los. Ele sabia que ele provavelmente morreria por aquela causa. Mas ele não se importava mais. Ele sentia que já era hora de que ele fizesse alguma coisa por sua vida, algo que não girasse apenas em torno dele mesmo. Era hora de lutar da mesma forma que os outros lutavam, mesmo que isso significasse perder.

Enquanto cavalgava, Godfrey se admirava ao ver que todos os outros soldados pareciam bastante confiantes. Ele tinha de admitir que ele próprio estava dominado pelo medo. Mas pelo menos ele prosseguia, de alguma maneira, cavalgando através dele.

Godfrey subiu uma colina e reconheceu o local descrito por seu informante. Seus espiões pagaram aos homens do exército de Tirus e eles lhe haviam informado que os homens de Kendrick haviam sido postos em liberdade. Godfrey pagava informantes em cada etapa do caminho, para que eles lhe indicassem para onde Kendrick e Erec tinham ido. Ele estava seguindo sua trilha desde então. Godfrey esperava profundamente que seus informantes estivessem certos.

Godfrey seguia as pegadas de um vasto exército colina acima, ele se perguntava aonde eles estariam indo, e por quê. Todo aquele trabalho era extenuante. Ele daria qualquer coisa por um copo de cerveja naquele momento, e um fogo quente para aquecer seus pés.

Godfrey subiu até o topo da colina ao raiar do sol, ele já estava sem fôlego. Ele tinha cavalgado toda a noite para alcançar Kendrick e Erec, e agora, finalmente, ele havia chegado ao pico, ele parou e olhou para o vale que se estendia abaixo dele. Seu estômago se apertou ao ver o que estava diante de seus olhos.

Lá embaixo estavam Kendrick, Erec, Bronson e Srog, junto com milhares de homens do Exército Prata, MacGils, silesianos e McClouds, todos estavam rodeados pelo Império e lutavam por suas vidas. Eles haviam sido completamente engolidos pelos homens do Império e outros milhares deles continuavam chegando como em uma enxurrada.

Godfrey ficou lá, montado em seu cavalo, respirando com dificuldade, paralisado de medo. Ele estava apavorado. Todos os homens que ele amava estavam prestes a morrer diante de seus olhos, junto com o que restava de seu exército destruído.

“O que faremos agora meu senhor?” O general perguntou. “Não podemos atacar. Estamos imensamente em desvantagem. Seria suicídio.”

“Vamos recuar.” Disse Akorth.

Fulton assentiu com a cabeça vigorosamente.

“Eu estou de acordo. Vamos salvar nossas vidas. De todas as maneiras, nós não podemos ajudá-los.”

Mas Godfrey não se deixou influenciar; o velho Godfrey poderia ter se acovardado e escapulado. Mas já não mais. Agora ele estava determinado.

Godfrey olhou em volta ansiosamente, desesperado para descobrir uma maneira de ajudar. Ele não podia deixar que seu irmão morresse lá fora; mas ele também não queria avançar para o que seria uma morte certa. Ele estava desesperado para encontrar outra solução.

Vamos.

Godfrey convocou sua sagacidade, cada grama de sua inteligência. Ele sempre tinha tido um talento especial para encontrar uma saída quando os demais não podiam; o talento para dar um passo para trás e obter uma visão geral de uma situação, e depois surgir com uma solução na qual ninguém havia pensado

antes. Quando ele estudou os picos das montanhas de cima a baixo, de repente, ele viu algo.

Seu coração acelerou quando de repente, ele teve uma ideia.

Godfrey apontou.

“Ali!” Ele gritou.

Akorth e Fulton olharam perplexos para o dedo que apontava.

“Ali, o quê?” Perguntou Akorth.

“Para que você está apontando?” Perguntou Fulton. “Para uma rocha?”

Godfrey balançou a cabeça, irritado.

“A/!” Ele disse mais firmemente, apontando. “Naquele cume!”

Akorth e Fulton entrecerraram os olhos.

“Tudo o que vejo é um vaqueiro, meu senhor.” Seu general disse. “... E uma manada de touros.”

Godfrey sorriu.

“Exatamente.” Ele respondeu.

Godfrey olhou para baixo da colina, para o campo de batalha, então olhou de volta para trás, para os touros no pico.

“Você não está pensando o que eu acho que está pensando, está?” Akorth perguntou para Godfrey.

“Deve haver pelo menos mil touros lá.” Disse Godfrey. “Alguns parecem bastante infelizes. Eles estão ansiosos para serem libertados. E eu pretendo ajudá-los.”

Godfrey olhou de volta para o campo de batalha, para a encosta íngreme, ele percebeu que se ele pudesse soltar aqueles touros, se ele pudesse fazer com que eles avançassem furiosos, colina abaixo, no meio do caos, não haveria limite para os danos e a confusão que eles causariam. Seria uma enorme distração. Isso era exatamente o que Kendrick e seus homens precisavam naquele momento.

“Isso é uma loucura!” Disse o general. “Um plano maluco. Um plano de garotos sonhadores— Não é o plano de um comandante militar!”

Godfrey virou-se para o general.

“Eu gostaria de ter um garoto sonhador, em lugar de um comandante militar agora. ATAQUEM!” Gritou ele para seus homens.

Godfrey desembainhou a espada e gritou enquanto avançava correndo para a manada de touros com a espada erguida, preparado para enviá-los como seus emissários para o campo de batalha.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Reece, O'Connor, Elden, Indra, Conven, Serna e Krog seguiam Centra enquanto ele os guiava rapidamente pelo seu caminho, através da base do Canyon; seus pés afundavam no chão enlameado enquanto eles caminhavam pela trilha sinuosa entre as árvores exóticas de folhas cor-de-laranja e turquesa, as quais cintilavam sob a luz fraca do sol. Os pés de Reece ficavam presos na lama enquanto ele andava, fazendo com que cada passo fosse um grande esforço. De vez em quando jatos de água quente jorravam perto deles em uma erupção, expelindo vapor e lama no ar, os salpicos de lama choviam e se aderiam a ele. O rosto e a pele de Reece já estavam cobertos de lama e de um resíduo salgado que se aderiu a tudo. Reece estava coberto de camadas de barro endurecido, ele sentia a necessidade enorme de tomar um banho, parecia que ele estava se tornando parte daquela paisagem lamacenta e nunca mais voltaria ao normal.

Barulhos estranhos enchiam o ar, deixando Reece continuamente nervoso. Ele lembrou-se de seu encontro com o monstro e se perguntava o que mais poderia haver ali. Se não fosse por Centra, certamente eles estariam mortos. Quem na vida tinha ouvido falar de um monstro com um coração em seu pé? Reece olhava em volta cautelosamente, sua visibilidade estava limitada pelas árvores e pela névoa e ele não podia evitar perguntar-se que outros perigos espreitavam por ali.

Reece voltou a pensar na espada e olhou para o chão do Canyon, seguindo a trilha sinistra deixada pelos Faws. Quanto mais eles a seguiam, mais ele indagava a si mesmo sobre aquelas pessoas, aqueles catadores que tinham levado a espada. Ele pensava em sua força, em como haviam sido capazes de arrastar a espada e se perguntava o que poderiam querer com ela. Ele se perguntava sobre o mais preocupante de tudo: que tão poderosos eles seriam, já que tinham sobrevivido ali, em meio a todas as outras criaturas.

“Talvez esses Faws possam ouvir a voz da razão e nos deem a espada de volta.” O’Connor pensou em voz alta. “Afinal, eles sabem que ela não lhes pertence.”

Centra fungou, balançando a cabeça.

“Os Faws não são precisamente do tipo que escuta a voz da razão.”

“Talvez nós possamos trocá-la por alguma coisa.” Disse O’Connor.

“A única coisa pela qual eles iriam querer trocá-la, seria sua cabeça enfiada em uma estaca.” Disse Centra.

O’Connor calou-se.

“Estamos entrando do outro lado do Canyon.” Disse Centra. “Você já percebeu que há mais gêiseres? Os terremotos ocorrem com mais frequência aqui também. Você já percebeu as rachaduras nas paredes do Canyon? Nós temos pequenos terremotos...”

Reece tentou desviar sua atenção de Centra. Centra não tinha parado de falar desde que eles se conheceram; aquele homem era claramente um solitário e estava desesperado por companhia.

Ele os havia atordoado ao longo do caminho com cada detalhe sobre o fundo do Canyon, desde o clima à geografia, passando pelas estações do ano, por todos os animais e insetos e pelos povos que viviam ali.

Reece estava ficando impaciente. O que ele realmente queria era saber mais sobre a tribo que tinha tomado a espada.

“Fale-me mais sobre os Faws.” Reece disse, interrompendo Centra.

Centra voltou-se para ele como se estivesse surpreso por ser interrompido.

“O que você quer saber?”

“Tudo.”

Centra suspirou e balançou a cabeça, enquanto continuava andando rapidamente, seguindo pistas que Reece não conseguia decifrar. Reece esperava que Centra soubesse para onde estava indo. Ele sentia a urgência do tempo; eles tinham de recuperar Espada e voltar o mais rápido que pudessem. A vida de seu melhor

amigo dependia disso. Descer ali tinha sido muito mais desafiador do que Reece jamais poderia ter imaginado.

“Os Faws são as mais perversas de todas as criaturas aqui embaixo. Até mesmo o monstro contra quem você lutou ficava longe deles. Eles são muito temidos e ninguém entra em seu território. Eu sempre me mantenho em meu lado do Canyon e nunca entro em seu território, quando estou caçando.”

“Eles são tão ferozes assim?” Elden perguntou.

“Não individualmente...” Disse Centra. “Mas coletivamente, sim. Veja bem, eles se unem como abelhas e lutam como se fossem um só. Essa é a sua grande força. Eles agem como se tivessem uma só mente. E há muitos deles. Quando eles caem sobre alguma coisa juntos, é o fim. Ela já está acabada.”

“Então eles não são grandes, nem fortes?” Perguntou O’Connor. Centra riu.

“Não. Muito pelo contrário. Eu diria que eles são bastante pequenos. Mas nunca subestime seu adversário por causa de sua aparência. Não é essa a primeira lei da batalha?”

Ouviram-se um gemido, então Reece virou-se e viu Krog, ele estava sendo carregado por Elden e O’Connor e gritava de dor. Ele derrubou-se no chão e eles o deitaram na lama. Ele parecia delirar.

“Deixem-me.” Disse ele. “Eu não posso continuar.”

Reece se aproximou, ajoelhou-se ao seu lado e o examinou. Ele estava suando em bicas e muito pálido. Reece se inclinou e colocou a mão sobre a cabeça dele, sua pele estava queimando.

“Nós não deixamos ninguém para trás.” Disse Reece. “Eu já lhe disse isso.”

Krog franziu o cenho.

“Se eu estivesse no seu lugar, eu o deixaria.” Krog respondeu.

“Eu não sou como você.” Reece replicou.

Indra veio e ficou de pé por cima dele.

“Deixe-o aqui, se é isso o que ele quer.” Disse ela friamente. “Eu da minha parte, posso muito bem prosseguir sem ele.”

“Ninguém fica para trás.” Reece repetiu.

“Você esqueceu como ele tem agido? Ele tem nos desafiado a cada passo.” Disse ela. “Sem falar que ele vai nos atrasar e ficar no

nosso caminho.”

“Ninguém fica.” Reece repetiu enfaticamente. “Eu não me importo com quem são ou com o que fizeram. Não se trata dele; trata-se de nós, do nosso código de honra. Se perdermos isso, perderemos tudo.”

Indra cedeu e logo o grupo ficou em silêncio, todos olhavam para baixo, para Krog.

“Bem, eu não vou seguir.” Krog disse, contorcendo-se. “Eu não posso.”

“É uma ferida bem feia, não é?” Centra perguntou enquanto aproximava-se.

Ele empurrou Reece para o lado e ajoelhou-se diante de Krog. Ele puxou o pano que cobria o joelho de Krog, revelando uma ferida purulenta, preta e profunda, causada pelo impacto com a árvore.

“É mesmo uma ferida muito feia.” Disse Centra. “Ele vai estar morto em um dia a esse ritmo. Você deveria ter me dito. Tudo o que ele precisa é de lama de enxofre. Ela não vai curá-lo completamente, mas vai tirar a dor e ele se sentirá muito melhor. Levantem-no e sigam-me.”

“Vamos nos desviar do caminho?” Perguntou Indra.

“Não muito.” Centra disse, olhando alternadamente para Reece e Indra, inseguro.

“Leve-nos até o lugar.” Reece ordenou.

Eles seguiram Centra enquanto ele mudava de direção, caminhando entre as árvores, subindo e descendo colinas, até que finalmente chegaram a um grande monte de lama borbulhante. Ele produzia um ruído sibilante e uma névoa pairava sobre ele.

Centra se aproximou, estendeu a mão, pegou uma bola de lama e aplicou-a como um bálsamo, na perna de Krog.

Krog sentiu imediatamente os efeitos positivos da lama. Seus olhos se arregalaram de surpresa e em poucos instantes, ele deixou de ser alguém caído aos pés dos outros, para levantar-se sem ajuda. Ele até deu um passo sozinho, e em seguida deu outro. Ele estava mancando, mas estava andando. E a julgar pelo sorriso no seu rosto, ele já não sentia dor.

“Como você fez isso?” Perguntou Krog.

“O efeito da lama não durará muito.” Disse Centra. “Mas durará o tempo suficiente para que você saia daqui. Quando o efeito passar, Você vai estar pior do que antes. Esperemos que possamos encontrar a espada e tirá-lo daqui rapidamente.”

Todos eles se viraram e seguiram Centra enquanto ele traçava seu caminho de volta entre os montes de lama, retomando a sua antiga trilha.

Enquanto Reece caminhava, Krog veio para o lado dele, mancando.

“Você me ajudou.” Disse Krog. “Por quê?”

“Por quê?” Perguntou Reece. “Por que eu não deveria ajudá-lo?”

“Você é muito estranho.” Disse Krog. “Eu não sei se gosto de você ou não. Eu queria que você tivesse me deixado lá atrás. Então teria sido bem mais fácil odiá-lo.”

Reece franziu a testa, confuso.

“Você está tentando me agradecer?” Perguntou Reece.

“Eu creio que estou, do meu jeito.” Disse Krog. “Mas isso não significa que eu gosto de você.”

Reece balançou a cabeça, totalmente incapaz de entender a maneira de pensar de Krog.

“Bem, nesse caso, de nada.” Reece disse, colocando um fim naquela conversa estranha.

Reece viu o céu escuro ao redor deles e começou a se preocupar. O que aconteceria se eles tivessem de armar um acampamento ali embaixo? Será que eles poderiam rastrear os Faws no escuro?

“É logo depois daquela colina!” Centra exclamou ansioso.

Todos se viraram e olharam.

“Você pode ouvir o zumbido deles daqui.” Centra continuou. “Aquele é o acampamento principal dos Faws. Foi para lá que eles levaram a espada. Está vendo a trilha?”

Todos eles se aglomeraram ao redor e Reece, de fato, viu a trilha subindo pela colina de lama. Ele ouvia o zumbido também. O ruído soava como um enxame de abelhas sem fim.

“Mas eu lhes digo, não faz sentido tentar violar seu território.” Continuou Centra. “Eles têm muitos truques. Eles não lutam de

forma justa. Vocês não poderão vencê-los.”

“Nós vamos lutar contra qualquer inimigo que estiver no nosso caminho.” Disse Reece confiante. “Se você estiver preocupado, pode nos deixar agora. Nós agradecemos muito sua ajuda.”

Centra balançou a cabeça.

“Temerários até o fim.” Disse ele. Ele sorriu. “É isso que eu gosto de ouvir. Finalmente, alguém aqui é tão louco quanto eu. Siga-me.”

Todos seguiram Centra-se até a grande colina, cada um deles escorregava e deslizava enquanto avançavam, as palmas das mãos de Reece estavam cobertas de lama. Justo quando eles estavam ficando sem ar e o estômago de Reece doía devido ao esforço e à fome, eles chegaram ao topo.

Reece ficou ali com os outros, ele olhava para a visão diante de si, totalmente admirado. Abaixo, num amplo vale de lama, estava o acampamento dos Faws. Havia milhares deles, todos eram criaturas baixas e magras de pele cor-de-laranja e tinham menos de um metro de altura; seus três dedos eram magros e longos; seus olhos eram verdes e brilhantes. Seus rostos formavam sorrisos largos, exibindo seus dentes irregulares. Eles andavam rapidamente, todos estavam muito ocupados, transportando coisas com as próprias mãos, como uma fábrica de formigas operárias.

Sua aldeia estava cheia de pequenas choças feitas com as folhas das estranhas árvores laranja e turquesa. No centro da aldeia havia um buraco na terra, seu diâmetro era de aproximadamente dez metros, dentro dele a lava incandescente borbulhava. O buraco produzia um som sibilante e borbulhava ameaçadoramente, iluminando toda a aldeia.

A vida da vila inteira girava claramente em torno daquele estranho buraco de lava incandescente.

“O que é isso?” Perguntou Reece.

“Eles adoram isso.” Disse Centra. “Eles são o povo da lava. Eles acreditam que é por isso que sua pele é laranja. Elas rezam para a lava como se ela fosse um deus. Todos os dias eles sacrificam uma pessoa nela. Essa é a sua maneira favorita de matar seus inimigos.”

Reece olhou atentamente, ali, em cima de um grande monte, perto da lava, se encontrava a rocha. Dezenas de Faws estavam ajoelhados em torno dela, eles cantarolavam e oravam, curvando-se diante da rocha, como se ela fosse um deus. E lá estava a espada, alojada nela, brilhando.

O coração do Reece acelerou a batida quando ele a viu.

“A nossa espada.” Disse ele com a voz sufocada.

“Você desperdiça sua energia a olhar para ela.” Disse Centra. “Ela já não pertence a você, é como se ela agora estivesse em outro mundo. Você nunca vai recuperá-la. Uma vez que os Faws põem suas mãos em algo, ninguém tira isso deles.”

Centra virou-se para Reece e agarrou seu pulso, sua expressão era séria.

“Eu digo que você deve voltar atrás agora.”

De repente, ouviu-se o ruído metálico de uma espada sendo desembainhada, Reece virou-se e viu Conven, ali de pé, de espada na mão, olhando para a aldeia desafiadoramente.

Reece virou-se e olhou para Centra.

“Nós não recuamos diante de ninguém, meu amigo.”

Reece desembainhou a espada também e assim que ele fez isso, de repente, tudo mudou...

Chegou até eles o som da água jorrando, Reece sentiu seus pés cambaleando, então ele olhou para baixo.

“UM DESLIZAMENTO DE TERRA!” Centra gritou, ele foi primeiro a reagir e tentar saltar para fora do caminho.

Mas ele não foi rápido o suficiente.

Reece sentiu suas pernas derrubando-se, ele gritou, o mesmo fizeram todos os outros. Todos foram subitamente apanhados por uma enorme enxurrada de lama; eles foram arrastados por ela e saíram descendo a colina, diretamente para dentro da aldeia, todos iam rápido demais para que pudessem reagir, eles estavam indo diretamente em direção aos Faws.

Quando Reece olhou a sua frente, ele viu dezenas de Faws aparecendo, eles carregavam uma enorme rede. Foi então que Reece percebeu que os Faws haviam iniciado o deslizamento de terra, eles haviam estado observando-os o tempo todo. Reece e seus

homens tinham caminhado direto para uma armadilha. Reece percebeu que ele havia subestimado o inimigo. Ele deveria ter escutado Centra o tempo todo.

Agora era tarde demais. Ele foi deslizando a toda velocidade junto com os outros, diretamente para o centro do acampamento. Reece preparou-se quando a grande rede engoliu todos eles.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Thor lançou-se para Andronicus com a espada desembainhada, com o objetivo de matá-lo.

Os olhos de Andronicus se arregalaram de surpresa; era evidente que ele não esperava isso de seu filho. No entanto, seus reflexos se ativaram, quando Thor avançou, Andronicus o esquivou e conseguiu sair do caminho justo antes de ser atravessado pela espada.

Thorgrin continuou atacando, diretamente no meio de uma multidão de desavisados soldados do Império, ele matava homens a torto e à direita, com um grande grito de guerra. Ele brandia a espada e desferia golpes mortais, um após outro, logo, os corpos começaram a empilhar-se e os soldados corriam para sair do seu caminho.

O caos apoderou-se do acampamento. Os soldados do Império, confusos, corriam para pegar as armas, vestir a armadura e partir para o contra-ataque. Mas eles não eram páreo para Thor. Thor era algo belo de se ver, ele sozinho, em ação, era uma verdadeira máquina de destruição.

“MATE-O!” Rafi gritou para Andronicus. “Por que fica simplesmente parado aí?”

Mas Andronicus ficou ali, paralisado, relutante em matar seu filho. Pela primeira vez em sua vida, ele não sabia o que fazer.

Rafi grunhia de frustração, ele deu um passo à frente e tomou a dianteira.

Ele jogou o capuz para trás, estendeu a mão e apontou ambas as palmas para Thorgrin.

Um raio de luz escarlate saiu de sua mão e rodopiou em volta de Thor, envolvendo-o. Rafi gritava e sacudia as mãos violentamente e a luz ficou mais cada vez mais intensa.

Finalmente, Thor estava completamente imerso no círculo de luz, ele abrandou sua matança, depois parou e caiu de joelhos. Thor segurava a cabeça com as mãos e gritava, logo depois ele caiu e ficou ali, inconsciente.

Andronicus veio e ficou de pé por cima dele, Rafi estava ao seu lado. Apesar de tudo, a Andronicus lhe doía ver seu filho ali, deitado.

“Você o manterá vivo?” Andronicus perguntou. Foi mais um aviso do que uma pergunta.

“Relutantemente.” Rafi respondeu.

“Ele voltará a estar de nosso lado?” Andronicus perguntou esperançado.

“Por enquanto.” Disse Rafi. “Houve um lapso na sua vontade. Ele tem uma vontade muito forte, a mais forte que eu já encontrei. Eu não sei por quanto tempo eu posso controlá-lo. É perigoso mantê-lo vivo. Eu já lhe disse isso antes. Você deve matá-lo agora.”

Andronicus balançou a cabeça.

“Ele está de volta, do nosso lado.” Ele disse. “Ele não vacilará novamente.”

Rafi ficou carrancudo.

“Seu fraco por seu filho vai fazer com que todos nós sejamos mortos. Eu estou advertindo: se você mesmo não matá-lo, um dia quem o matará serei eu.

Andronicus virou-se para Rafi e ficou vermelho de raiva.

“Eu não me importo com os poderes que você tem.” Disse ele. “Fale-me desse jeito de novo e eu mesmo o lançarei no nível mais baixo dos infernos.”

Rafi virou-se e saiu pisando com força.

Andronicus, irritado, se deteve perto de seu filho, olhou para ele e perguntou-se. O amor de Thor por ele seria real? Ou era apenas devido ao feitiço de Rafi?

“Nós vamos algemá-lo, meu senhor?” Perguntou um general do Império enquanto se aproximava, segurando umas algemas.

Andronicus empurrou o peito do general, derrubando-o de costas no chão.

“Mate-o.” Andronicus ordenou, apontando para o general.

Vários soldados do Império vieram correndo e arrastaram o general, ele olhava para Andronicus, confuso.

Andronicus ajoelhou-se, pegou seu filho e delicadamente o carregou em seus braços.

“Está tudo bem Thornicus.” Disse ele baixinho, enquanto carregava Thor. “Agora você está com seu pai novamente.”

Andronicus o levaria para a melhor barraca e lhe daria as melhores comodidades. Ele estava certo de que dessa vez o feitiço de Rafi iria durar. No dia seguinte, eles teriam a batalha final contra o povo de Thor e Andronicus precisava dele. Uma vez que Thor tivesse matado seu próprio povo, Andronicus tinha certeza, de que não haveria volta atrás.

Thor seria seu para sempre.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Kendrick levantou o escudo e caiu de joelhos enquanto a chuva de golpes caía sobre ele. Ele estava no meio da batalha, completamente cercado pelos homens do Império, três deles, grandes e brutos, o atacavam: eles golpeavam o escudo com seus machados de guerra e seus martelos. O ruído estridente do choque dos metais reverberava nos ouvidos de Kendrick, seus pulsos se machucavam cada vez que ele aparava golpe após golpe e seus braços tremiam. Seus adversários eram realmente ferozes.

Kendrick havia derrotado muitos combatentes naquele dia, entretanto seus homens também estavam superados em número pelos reforços recebidos recentemente pelo Império. Até aquele ponto, ele estava apenas defendendo sua preciosa vida; ele mal tinha forças para desviar o ataque. Ele sabia que não seria capaz de resistir por muito mais tempo.

Não muito longe dele se encontravam Erec, Bronson e Srog, eles também lutavam corajosamente, porém estavam na mesma situação: todos estavam ficando cada vez mais cansados. Era cada vez maior o número de homens do Império que os cercavam e eles eram incapazes de ganhar impulso e lutar contra eles. Por enquanto tudo o que eles faziam era defender-se e lutar por sua sobrevivência.

Todos os homens ao redor de Kendrick estavam começando a cair, seus gritos ecoavam no ar. Os MacGils, os homens do Exército Prata, os silesianos e os McClouds. A maré da batalha havia virado contra eles, Kendrick fechou os olhos momentaneamente, o suor escorria por seu rosto, ele sentia que seus momentos estavam contados. Ele sabia que deveria estar agradecido: pelo menos ele tinha realizado o seu desejo: ele iria morrer lutando, de pé, como um verdadeiro guerreiro, defendendo sua terra natal. Seria uma morte nobre, uma morte que qualquer guerreiro desejaria.

Enquanto Kendrick tratava de deter os golpes, ele pensou ter ouvido um ruído distante. A princípio, ele pensou que estava

imaginando coisas. Soava como um estrondo distante, como se fosse uma manada de cavalos debandando.

Em poucos instantes o ruído ficou mais intenso. O chão começou a vibrar e logo a tremer. Logo em seguida, ouviram-se os gritos dos homens. Mas não eram os seus homens — eram os homens do Império. Os soldados do Império, ao redor dele, começaram a dar a volta e a fugir e em pouco tempo os golpes pararam de chover sobre Kendrick.

Kendrick estava confuso. Ele se virou para ver que comoção era aquela, ao olhar para o lado da montanha, ele viu uma cena que jamais esqueceria enquanto vivesse. Ele piscou várias vezes, tentando compreendê-la.

Ali, avançando pela encosta da montanha íngreme, havia pelo menos mil touros; eram animais enormes e vermelhos, que vinham correndo para baixo, lívidos de raiva, eles vinham direto para o grosso dos soldados do Império. Eles chifravam os homens pela esquerda e pela direita e logo o campo de batalha ficou vermelho de sangue. Todos os soldados do Império que estavam na periferia do campo de batalha, para sua própria desgraça, foram mortos pelos animais.

No entanto, mais animais continuavam atacando em um fluxo interminável, eles atropelavam os homens, enquanto corriam mais e mais pelo campo de batalha atropelando tantos soldados quanto podiam. Alguns de seus próprios homens caíram também, mas como estavam em desvantagem numérica, a maioria dos caídos pertencia aos soldados do Império.

Kendrick mal podia acreditar: de todas as coisas loucas que ele tinha visto em uma batalha, aquela devia ser a mais louca de todas. Todos haviam recebido uma segunda chance.

Kendrick olhou para o segundo sol nascente e então viu outra visão que lhe surpreendeu mais ainda: ali, levando a carga de milhares de soldados, estava ninguém menos que seu irmão mais novo, Godfrey, ladeado por Akorth e Fulton. Eles cavalgavam desajeitadamente, como guerreiros não habituados a uma batalha, mas ainda assim eles cavalgavam ladeira abaixo, seguindo os touros e trazendo milhares de homens junto com eles.

Kendrick sorriu de orelha a orelha. Seu irmão havia chegado, depois de tudo.

Aquela era a oportunidade que Kendrick estava esperando e ele estava determinado a aproveitá-la. Kendrick, junto com Erec, Bronson e Srog, deram a volta e avançaram contra o Império, soltando um grande grito de guerra, totalmente revigorados.

Seus homens se uniram a ele e o seguiram, então, a maré da batalha mudou mais uma vez. Todos eles correram para o grosso dos soldados do Império que estavam em fuga e os atacaram, matando centenas deles enquanto faziam o que podiam para evitar os touros. Os homens de Godfrey entraram na luta e todos eles batalhavam juntos, forçando os homens do Império a recuar.

Eles os perseguiram por todo o caminho através do vale, enquanto abatiam homens a torto e à direita. Em pouco tempo eles tinham conseguido equiparar suas chances, eles já não estavam mais em grande desvantagem como antes. Em pouco tempo eles eram claramente os vencedores, superando até mesmo homens do Império que ainda restavam.

O coração de Kendrick batia forte, cheio de alegria quando ele percebeu que eles iriam vencer aquela batalha, e tudo graças a Godfrey e seus touros. Ele balançou a cabeça enquanto lutava, sorrindo para si mesmo. Seu irmão mais novo havia encontrado alguma forma engenhosa de ganhar aquela guerra. Eles perseguiram os homens Império ao dobrar uma curva e liquidaram os que restavam; então uma nova cena se abriu diante de seus olhos, Kendrick parou de repente, junto com todos os outros, ao vê-la: ali no horizonte, cavalgando para enfrentá-los na batalha, vinha mais uma divisão de homens do Império. Eram milhares e milhares deles, mais homens do que os que Kendrick tinha.

No entanto, isso não foi o que o deteve. O que o fez parar no meio do caminho, foi a pessoa que liderava o ataque.

Ali, cavalgando na linha de frente, de espada erguida, estava um dos homens mais queridos por Kendrick no mundo: Thorgrin.

O maior medo de Kendrick tinha se tornado realidade: o seu tempo para enfrentar Thorgrin em uma batalha tinha chegado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Gwendolyn caminhava com incredulidade pelo Vale das Almas Aprisionadas, o lugar era um labirinto infinito de corpos congelados. Alistair, Steffen e Aberthol caminhavam ao seu lado e Krohn ia logo atrás dela, rosando. Eles estavam todos nervosos. Aquela era a paisagem mais lúgubre e desolada que Gwen havia percorrido. A cada vinte metros ou mais, outra cápsula de gelo se projetava a partir do solo, elevando-se por cerca de três metros de altura, seu espaço era apenas o suficiente para conter um corpo. As cápsulas eram translúcidas e dentro de cada uma delas Gwen via um corpo congelado, olhando com uma expressão de agonia.

“Que classe de lugar é esse?” Steffen perguntou.

“Todas elas são almas penadas.” Aberthol remarcou. “Destinadas a viver o resto de seus dias aqui.” A voz de Aberthol era trêmula devido à exaustão, ele caminhava apoiado em seu bastão, o som do mesmo estalava no chão de gelo e era a única coisa a quebrar o silêncio. “O vale é mencionado em muitos dos livros antigos. Eu nunca estive certo de que ele realmente existisse. Eu nunca pensei em pôr os olhos sobre ele na minha vida. Então, eu nunca pensei que iria fazer uma viagem como esta, na minha idade.”

“Mas quem são essas pessoas?” Steffen insistiu.

“Este lugar é uma espécie de purgatório.” Aberthol disse. “... Um lugar aonde as pessoas da raça mágica são trazidas para serem aprisionadas. Punidas. Para cumprir sua sentença.”

“Por quanto tempo?” Alistair perguntou, olhando ao redor assombrada. Ela examinou um rosto, o de uma jovem, presa atrás do gelo, o rosto dela estava pressionado contra ele em uma expressão de tristeza.

“Para alguns, poderiam chegar a ser séculos.” Aberthol replicou. “A sua percepção do tempo é diferente da nossa.”

“O que Argon fez para merecer tal sentença?” Steffen perguntou.

Gwendolyn se sentia oprimida pela culpa enquanto ela ponderava a questão. Ela estava pensando exatamente a mesma

coisa, pensando em como ela se sentia culpada, já que Argon estava ali por causa dela. E ao mesmo tempo ela estava comovida e grata ao imaginar que ele havia arriscado tudo, havia se arriscado a permanecer naquele lugar, para salvar a vida dela.

“Ele violou a lei sagrada.” Gwen disse baixinho para os outros. “Ele interferiu nos assuntos humanos para me ajudar. Ele salvou minha vida. A ver tudo isso, eu desejaria que ele não tivesse me salvo. Eu preferiria ter morrido no campo de batalha naquele dia, a ter de vê-lo sofrer assim.”

“Não se culpe.” Alistair disse colocando uma mão no ombro dela. “Lembre-se, Argon tinha seu próprio destino também. Talvez o seu destino tenha sido ajudá-la.”

Gwen nunca tinha considerado isso e as palavras de Alistair, como sempre, deram-lhe uma sensação de alívio. Ainda assim, ela sentia-se cheia de culpa e estava determinada a encontrá-lo e libertá-lo. Ela endireitaria as coisas, sem importar o que fosse necessário para isso.

“Ele não estará aqui para sempre.” Gwendolyn respondeu firmemente. “O que foi feito pode ser desfeito.”

Gwen voltou-se para Aberthol.

“Não pode?” Ela perguntou esperançosa. “Uma alma aprisionada, não pode ser libertada?”

Aberthol suspirou e olhou para baixo sombriamente.

“Eu nunca ouvi falar de alguém que tenha sido libertado do Vale das Almas.” Disse ele. “Eu não sei como isso é possível. Eu nem sei como você está indo encontrá-lo.”

Gwendolyn estava se perguntando a mesma coisa enquanto todos eles marchavam através do vale, o qual era maior do que qualquer cemitério que já tinham visto. Havia dezenas de milhares de seres congelados diante deles, eram como monumentos de algum outro mundo. Era estranho e assustador. Uma rajada de vento os golpeou, congelando-os até os ossos, Gwen apertou mais suas peles em volta do corpo.

Gwen não podia nem mesmo ver onde o vale terminava, percorrer todas aquelas terras poderia levar meses. Ela estava

começando a se sentir inútil. Ela não tinha ideia de como eles realmente iriam encontrar Argon ali.

Por favor, pai. Ela implorou silenciosamente. *Por favor, ajude-me.*

Gwen pensou em seu pai, o Rei MacGil, em quanto ele a amava e como ela sentia a falta dele. Ela nunca se sentiu mais sozinha na vida. Ela desejou que ele pudesse estar ao lado dela, que ele pudesse guiá-la de novo, que ele pudesse ajudá-la. Por que ele teve de deixá-la sozinha com tudo aquilo? Por que ele não poderia simplesmente estar ali para ajudá-la naquele momento?

Gwen ouviu um grito no alto do céu, ela olhou e ficou surpresa ao ver um pássaro solitário, voando em círculos. No início, ela não podia vê-lo bem entre as nuvens; mas então ele baixou e gritou novamente, o coração de Gwen disparou quando ela o reconheceu: era o falcão de seu pai. Estopheles.

Estopheles voou em picada, ele ficou guinchando e circulando-os, em seguida ascendeu e ficou voando em círculos, vez após vez, Gwendolyn sentia que ele estava tentando dar-lhes uma mensagem. O falcão voava para um lado, descia e logo subia, estendendo suas asas, Gwendolyn tinha cada vez mais certeza de que ele estava tentando dizer-lhes algo. Estopheles estava tentando levá-los para algum lugar.

Gwen sentiu uma forte emoção quando ela se deu conta: talvez suas preces tivessem sido atendidas. Talvez o falcão os estivesse levando até Argon.

“Ele está nos dizendo algo.” Gwendolyn disse para os outros. “Nós devemos segui-lo.”

Gwendolyn virou-se e dirigiu-se em outra direção, ela começou a seguir Estopheles.

Gwen marchou rapidamente através do vale e os outros foram atrás dela. Ela olhava para o céu e seguia traçando seu caminho entre as cápsulas de gelo, entre todas as almas presas. Gwen olhava para os rostos, para os corpos, enquanto ela prosseguia; cada cápsula continha uma criatura mais exótica do que a outra. Nem todos eram humanos. Alguns eram de raças que ela nunca tinha visto. Havia homens e mulheres, jovens e velhos, em capas e

túnicas. Ela se perguntava o que eles teriam feito para serem condenados e presos ali. Era como um vasto exército de mortos vivos. Em alguns aspectos, porém, era pior do que morrer. Ali, todos pareciam estar presos em um terrível estado: ninguém estava vivo, mas tampouco estava morto.

Gwendolyn andava sem parar, o era frio tão intenso que a estava congelando até os ossos. Ela estava sentindo-se definhando, estava doente de fome e de exaustão. Estopheles voava constantemente e às vezes ficava fora da vista. Gwen começou a se perguntar se ela estaria imaginando tudo aquilo, se ela estaria sendo conduzida para o lugar certo.

Ela se perguntava se aquilo nunca iria acabar. Ela sentia uma dor intensa na barriga, ela sentia seu bebê, o bebê de Thor, dando voltas vez após vez e se perguntava o que seria deles. Ela viu a si mesma colapsando, congelando no gelo e sem poder levantar-se nunca mais, sem nunca ser encontrada.

Estopheles subitamente gritou, tirando Gwen de seus devaneios, ele mergulhou diretamente para um pedaço de gelo ao redor da curva, talvez ele estivesse a uns cem metros de distância. Estopheles pousou em cima de uma única cápsula de gelo, voltou-se para Gwen e guinchou.

Gwendolyn convocou sua última gota de energia e caminhou em direção a ele o mais rápido que pôde, mas de repente ela caiu de joelhos com uma forte dor, ela sentiu uma pontada terrível no ventre e gritou em agonia, quase incapaz de recuperar o fôlego. Gwen inalou e exalou e sentiu vontade de chorar, mais por seu bebê do que por si mesma. Ela rezou para ele estivesse bem.

Gwen sentiu uma mão reconfortante debaixo de cada um de seus braços: ela olhou e viu Alistair ajudando-a de um lado e Steffen do outro. Aberthol estava ofegante e tentava alcançá-los, ele estava vários metros mais atrás. Krohn aproximou-se de Gwen e lambeu o rosto dela enquanto choramingava.

Claramente, aquela caminhada tinha cobrado seu tributo sobre Gwen, sobre todos eles. Todos pareciam estar mais mortos do que vivos. E Gwendolyn sentia uma dor enorme, ela quase desejou que estivesse morta.

“Se encontra bem, Majestade?” Alistair perguntou.

Gwendolyn segurou-a com força, esperando a dor passar para poder respirar de novo. Por fim, a dor foi passando lentamente.

Alistair passou o braço ao redor dos ombros de Gwendolyn e as duas começaram a caminhar novamente.

Gwendolyn dava um passo após o outro, fazendo o seu caminho através dos campos, lentamente, sua dor diminuiu. Ela olhou para cima e viu Estopheles no horizonte, ela estava determinada a chegar ao lugar que ele indicava.

Finalmente, depois de traçar seu caminho entre as cápsulas, todos chegaram até a cápsula onde Estopheles estava empoleirado. Ele estava ali orgulhoso, estendendo suas asas, guinchando para eles.

Gwendolyn pousou os olhos sobre a cápsula, seu coração palpitava com a expectativa, ele disparou quando ela viu quem estava preso dentro dela.

De pé, com os braços pendendo ao lado do corpo e com os olhos fechados, se encontrava Argon.

Gwen mal conseguia respirar. Ela o havia encontrado.

Gwen chegou mais perto, até ficar a trinta centímetros de distância; ela aproximou-se lentamente, apoiou a palma da mão e tocou o gelo. Ela sentiu o fluxo de energia gelada percorrer seu corpo.

Uma lágrima rolou pelo seu rosto quando ela ergueu os olhos e olhou para olhos fechados de Argon e para seu corpo congelado. Argon, uma das pessoas mais poderosas que ela já tinha visto; alguém que havia sido assessor de reis durante séculos, se encontrava agora, relegado a isso. Gwen se sentia terrível ao vê-lo assim, como um animal preso — e tudo por causa dela.

“Argon. Exclamou ela. “Responda-me.”

A voz de Gwen se encheu de tristeza. Enquanto chorava, ela não sabia mais se fazia isso por Argon; por seu filho que iria nascer; por seu pai; por Thorgrin, ou por ela mesma. O pesar havia se apoderado dela e ela já não podia pensar com clareza.

Argon não respondeu. Ele nem sequer se moveu. Ele parecia estar congelado para sempre.

“Você deve regressar a nós.” Disse ela.

Mesmo assim, ele ainda não respondia. Ele permanecia parado, congelado, como se estivesse perdido em outro mundo.

“Argon, eu preciso de você!” Ela exclamou ainda mais desesperada. “O Anel precisa de você. Thorgrin precisa de você. Por favor. Fale comigo.”

Gwendolyn apertou o rosto contra o gelo, agarrou-o com as duas mãos e ao fazer isso, ela sentiu seu bebê dar voltas uma e outra vez.

Ainda assim, nada aconteceu. Parecia que Argon estava perdido para ela para sempre. Será que ela tinha cometido um erro ao ir ali?

Gwen deu um passo para trás e puxou a espada de seu cinto. Ela ergueu-a bem alto e golpeou o gelo com todas as suas forças, determinada a libertar Argon.

Mas a espada simplesmente rebotou no gelo, sem causar danos, nem produzir nenhuma lasca.

Steffen, obedecendo a um sinal de Gwen, deu um passo adiante e disparou flechas contra a cápsula. Mas todas elas também ricochetearam inofensivamente.

Gwendolyn voltou-se para Alistair, desesperada.

“Faça alguma coisa.” Ela implorou. “Você é uma druidesa. Você tem poderes. Eu tenho *visto* seu poder.”

“O que você quer que eu faça?” Perguntou ela.

“Quebre a cápsula. Derreta o gelo. Faça alguma coisa!”

Alistair se aproximou, fechou os olhos e estendeu a mão. Ela murmurou algo em um idioma que Gwendolyn não entendia e apontou para o gelo, produzindo um zumbido baixo.

Uma luz amarela irradiou da palma da mão dela e projetou-se para a cápsula de gelo.

Mas para surpresa de Gwen, a luz foi repelida e logo desapareceu.

Alistair puxou a mão para trás, como se ela a espetasse.

“Eu sinto muito.” Disse Alistair. “Essas são forças muito mais poderosas do que as que eu já vi. Elas são muito superiores a mim.”

Gwen ficou ali, olhando, destroçada. Ela tinha ido até ali por nada. Não havia mais nada que ela pudesse fazer. Argon estava

preso para sempre. Ela nunca seria capaz de libertar Thor.

Estopheles guinchou, bateu suas asas e elevou-se para o céu. Em breve, ele desapareceu também.

Gwen sentiu toda a sua vida fugir dela

Gwen, fraca, exausta e já no limite, caiu de joelhos diante da cápsula de gelo. Ela fechou os olhos e orou.

Deus, se tu me ouves eu te dirijo esta oração. Não a dirijo a Argon. Nem à Terra. Nem aos céus. Nem a nenhum outro deus. Mas apenas a ti, o único Deus verdadeiro. Existe apenas um Deus verdadeiro e eu recorro a ti neste momento de necessidade. Eu oro a ti, eu te imploro, libera Argon. Tu podes tomar-me no lugar dele. Simplesmente libera Argon. E salva Thorgrin.

Gwendolyn ficou ajoelhada ali, com os olhos fechados, muito calma; ela ainda tremia. A terra estava muito quieta e silenciosa, não havia nada, além do uivo do vento que soprava.

Então, lentamente, ela começou a ouvir uma voz fraca em sua cabeça.

Gwendolyn, Deus a ouviu.

Era a voz de Argon.

Gwen abriu os olhos e olhou para Argon. Ele permanecia ali, congelado, imóvel, com os olhos fechados.

“Você ouviu isso?” Gwen perguntou para Alistair.

“Ouvir o quê” Disse Alistair.

Gwen percebeu que ninguém mais havia ouvido. A voz era ouvida apenas por ela. Ela estaria perdendo a cabeça? Ou a voz seria real?

Gwen inclinou o rosto e as mãos contra o gelo, fechou os olhos e escutou.

Agora estou perdido em outro mundo. Argon disse-lhe. Eu posso ser livre, mas apenas por um alto preço. Não é a sua vida que será o preço. Mas a vida de alguém muito querido por você. A vida de seu futuro marido ou a vida de seu filho. A vida de quem você escolhe?

Gwendolyn começou a soluçar, cheia de tristeza.

“Como posso fazer tal escolha?” Ela respondeu.

Todas as coisas vêm com um sacrifício.

Gwen fechou os olhos, ela estava chorando. Lentamente ela foi ficando mais tranquila. Ela tinha de escolher. Ela *devia* escolher.

No seu íntimo, ela fez sua escolha. Por mais agonizante que fosse. Então ela deu a resposta silenciosamente, em sua própria mente.

Então se ouviu repentinamente, o barulho de algo que se quebrava, Gwen abriu os olhos e olhou para cima em estado de choque.

Ela se levantou e deu um passo para trás, quando o gelo em que tinha estado apoiada começou a rachar em suas mãos. A cápsula de gelo começou a rachar em uma centena de lugares, ao redor de Argon. Em poucos segundos ela partiu-se e caiu no chão.

Gwen ficou ali, sem palavras, enquanto observava. Todos eles deram um passo para trás admirados quando o ruído do gelo partindo foi ficando mais alto.

Logo o gelo desapareceu. Nada ficou entre ela e Argon, quem permaneceu ali, com as mãos ao lado do corpo, perfeitamente imóvel.

Seus olhos se abriram. Ele olhou fixamente para Gwen, seus olhos tinham uma luz mais intensa do que qualquer outra que ela já tinha visto. Era como olhar para o sol.

Argon tinha retornado. Ela não podia acreditar.

Argon estava vivo.

CAPÍTULO TRINTA

Godfrey entrou na batalha com um grande grito de guerra, Akorth e Fulton estavam ao lado dele e os milhares de seus homens vinham logo atrás. Ele cavalgava de forma imprudente direto para o coração do perigo, seguindo os touros, para chegar até Kendrick, Erec, Bronson e Srog. Godfrey estava determinado a ajudá-los. O coração de Godfrey palpitava de medo, mas ele estava orgulhoso de si mesmo por não voltar atrás. Ele nunca tinha sentido tanto medo em sua vida; tudo em torno dele era um borrão, ele podia sentir seu próprio suor escorrendo pelo seu rosto.

Se era assim que alguém se sentia ao batalhar, então ele odiava a batalha. Ele nunca mais queria participar dela novamente. Para ele, tudo parecia ser como um estado controlado de pânico. Sua mão tremia quando ele levantou uma espada e avançou para o inimigo gritando, mais que nada para encobrir seu próprio medo. Por que os homens se colocavam nessa situação? Ele se perguntou. Ele estaria muito melhor de volta, em casa, bebendo cerveja, perseguindo mulheres e burlando-se de outros guerreiros que desperdiçavam os seus dias no campo de batalha.

No entanto, apesar de tudo isso, lá estava ele. Ele andava ao lado de todos eles, metido de cabeça em um turbilhão, em um caos, esperando que em qualquer momento o derrubassem de seu cavalo e o matassem. Pela primeira vez em sua vida, ele não se importava. Pela primeira vez na sua vida, ele sentia que era parte de algo maior do que ele, algo maior do que os seus medos. Pela primeira vez, ele realmente deixou-se levar. Ele estava sendo invadido por um sentimento de entrega e foi deixando-se levar por ele.

Godfrey esquivou os touros e dobrou uma curva, ao fazer isso, seu medo se intensificou, uma enorme divisão dos homens do Império apareceu diante dele, investindo com uma velocidade estonteante. Ele engoliu em seco. Godfrey tinha feito bem o seu trabalho em liberar os touros e estava surpreso ao constatar que seu plano maluco tinha realmente funcionado. Mas agora, ao ver aquela nova divisão do Império se aproximando, ele sentia que seu plano

não havia servido de nada. De alguma maneira, eles estavam prestes a morrer nas mãos daquela força vastamente superior, isso era mais do que evidente.

O que o assustou mais do que tudo, foi a visão da pessoa que liderava o ataque. Ela fez seus joelhos fraquejarem. Ali, bem à sua frente, estava o homem que ele tinha considerado como um irmão: Thorgrin. Godfrey não podia acreditar: Thor estava investindo direto contra eles. Ele parecia possuído, estava maior e mais forte do que nunca e avançava contra eles com uma força assombrosa, com uma espada que Godfrey não reconhecia. Ela tinha as marcas do Império e Thor a empunhava como se ela estivesse viva. Ele andava como se estivesse transportado pelas asas de um relâmpago.

Godfrey preparou-se quando ele percebeu que estava justo no caminho de Thor. Por que ele, de todas as pessoas no mundo, tinha de estar justo ali?

“Thor!” Godfrey gritou quando eles chegaram mais perto, esperando que talvez Thor os reconhecesse, baixasse os braços e desse a volta para seguir em outra direção.

Mas não funcionou. Os olhos de Thor pareciam possuídos, ele avançava direto para Godfrey.

Godfrey levantou seu escudo com ambas as mãos, preparando-se para um terrível golpe.

Thor se abateu sobre ele carrancudo e levantou sua espada para o alto, Godfrey sabia que estava acabado.

Godfrey ficou tão nervoso que se encolheu antecipadamente, ele acidentalmente torceu seu corpo e deslizou para o lado, começando a cair desajeitadamente de seu cavalo.

Essa torção acidental o salvou. Quando Thor brandiu sua espada, ele errou Godfrey por pouco, a espada impactou o escudo de Godfrey, em vez de sua cabeça. Ela impactou com um grande estrondo e derrubou Godfrey de seu cavalo de uma vez por todas.

Godfrey saiu voando de seu cavalo e caiu no chão com um baque forte, ele ficou sem fôlego, e seguiu rolando pelo chão, ofegante, sua cabeça zumbia. Ele rolou várias vezes até que finalmente, parou e levantou a cabeça.

Ao seu redor havia mil cavalos em debandada, cavalgando em todas as direções, quando Godfrey levantou a cabeça, a última coisa que ele viu foi o casco de um cavalo, vindo direto para sua testa, nocauteando-o de uma vez por todas.

*

Andronicus estava deleitado ao observar que Thornicus havia voltado a ser ele mesmo e agora lutava com entrega total, levando a carga e cortando seu caminho através do campo de seus compatriotas. Na linha de frente daqueles que cavalgavam ao seu encontro havia centenas de McClouds, todos eram tolos o suficiente para pensar que poderiam derrotar seu filho.

Thor empunhou sua arma como a personificação da fúria, matando meia dúzia de homens em um único golpe. O campo ficou vermelho com o sangue dos homens do Anel, os McClouds caíam aos pés de Thor.

Andronicus sorriu, satisfeito — e então ele mesmo avançou para a batalha.

Andronicus empunhava um mangual de três cabeças, ele balançava sua longa corrente e encontrava um alvo após outro enquanto ia esmagando o inimigo, derrubando cabeças pela esquerda e pela direita. Ele era muito alto, muito forte, rápido demais para todos eles, ele traçava o caminho para uma morte certa. Ele sorria de orelha a orelha enquanto absorvia tudo ao seu redor. Ele não sabia quanto tempo fazia que não se divertia tanto. Andronicus lutava com entrega total, ele derivava prazer ao saber que estava enfrentando o remanescente das forças do anel; após aquela batalha, o Anel finalmente seria seu.

Andronicus avistou um de seus líderes — Kendrick — avançando em sua direção, sem medo. Aquele guerreiro era realmente imprudente se ele pensava que poderia enfrentar o Grande Andronicus. Andronicus gritou e esporou seu cavalo e os homens se separaram quando os dois grandes guerreiros investiram um contra o outro em uma clareira aberta.

Andronicus balançou seu mangual para a cabeça de Kendrick, esperando acabar com ele. Mas ele ficou surpreso ao descobrir que Kendrick não era como os outros contra quem ele tinha lutado: ele era mais rápido, mais ágil. Kendrick esquivou o golpe de Andronicus e defendeu-se com sua espada tão rápido que ele ainda conseguiu cortar o antebraço de Andronicus.

Andronicus gritou, mais de surpresa do que de dor. Ele não havia sido derrotado em uma batalha há um longo tempo.

Mas a dor só o fez concentrar-se mais. Andronicus tinha sido excessivamente confiante e agora percebia que Kendrick era diferente dos outros.

Andronicus empunhou seu mangual e balançou-o ao redor, apontando baixo, dessa vez para o cavalo de Kendrick.

A bola de metal cravejada impactou na cabeça do cavalo de Kendrick, fazendo com que ele tropeçasse.

Kendrick foi pego de surpresa, ele não esperava que isso acontecesse, quando ele se inclinou para a frente, tentando controlar seu cavalo, Andronicus pulou para a frente com um punhal que havia escondido na ponta de sua luva e feriu Kendrick no peito.

Kendrick gritou, mas logo virou-se e usou seu escudo para golpear a cara de Andronicus, isso foi algo que Andronicus não tinha antecipado.

Andronicus cambaleou para trás e com o mesmo movimento, ele estendeu a mão, pegou uma lança curta que tinha escondido na sela, girou e arremessou-a na direção de Kendrick.

A lança alojou-se no ombro de Kendrick e ele gritou enquanto a agarrava.

Andronicus se inclinou para frente e golpeou Kendrick com seu escudo, com toda sua força, ele golpeou o seu queixo e derrubou-o do cavalo, Kendrick caiu com a lança ainda metida em seu ombro.

Kendrick caiu no chão, imóvel. Seu cavalo caiu com ele. Andronicus sentiu uma satisfação superior a que ele tinha tido durante décadas.

Andronicus circulou ao redor de Kendrick, preparando-se para acabar com ele. Mas quando ele levantou sua lança bem alto, ele foi atacado por vários homens de Kendrick e logo foi distraído ao

combatê-los. Com o canto do olho, ele viu Kendrick rolar e dirigir-se para outra batalha.

Em outro momento, Andronicus disse para si mesmo. Kendrick morreria, mais cedo ou mais tarde, pelas suas mãos.

*

Bronson lutava com todas as forças, optando por renunciar a seu escudo e em vez disso, empunhar uma espada com sua única mão. Ele lutava como podia, com a única mão que tinha; ele havia encontrado uma maneira de empunhar um mangual ao atar o cabo dele ao coto da sua mão amputada. Ele lutava como um homem possuído, fazendo o seu melhor para defender o Anel. Ele avançava cavalgando, lutando bravamente ao lado de Srog, os dois lutavam um de costas para o outro, cobrindo-se mutuamente, enquanto derrubavam dezenas de homens do Império em cada direção.

“BRONSON!” Gritou uma voz.

Bronson reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Ele sentiu um calafrio percorrer sua espinha.

Ele se virou e viu, em meio a um grupo de soldados do Império, seu inimigo. Seu pai. McCloud. O monstro. O homem que tinha decepado a mão dele. O homem que ele odiava mais do que tudo na vida.

Bronson gritou, esporou seu cavalo e avançou para seu pai. McCloud também avançou para ele como se estivesse possuído por demônios; sem um olho, com o rosto desfigurado e o emblema do Império marcado em sua pele, ele tinha se tornado uma criatura horrorosa, ainda mais medonha do que tinha sido.

Ali estavam eles, Bronson pensou; pai e filho, finalmente enfrentando-se, finalmente encarando o inevitável. Aquele era o dia que Bronson estava esperando há muito tempo. Ele iria varrer o nome do seu pai, se pudesse. E senão, pelo menos, ele enviaria seu pai para o inferno. Era a vingança que ele tinha contemplado todos os dias, cada vez que ele olhava para baixo e via o coto no lugar de sua mão.

“PAI!” Bronson respondeu.

Bronson atacou com sede de vingança, erguendo a espada para o alto, quando seu pai soltou um grito para igualar-se ao dele. Os dois se encontraram no meio de uma clareira aberta, os soldados do Império se afastaram e McCloud balançou seu machado de batalha, com ambas as mãos, gritando, com o objetivo de decepar a cabeça do filho. Bronson abaixou-se no último segundo, deu a volta com o seu mangual e conseguiu golpear fortemente a parte de trás da cabeça de seu pai.

McCloud tropeçou e caiu de seu cavalo.

Bronson não perdeu tempo: ele circulou em volta e saltou para o chão, ficando de pé, na frente de seu pai, quem se levantou lentamente, trêmulo e totalmente desorientado. Bronson brandiu sua espada, McCloud levantou seu escudo e bloqueou o golpe. Mas Bronson atacou de novo, uma vez após outra e acabou arrancando o escudo da mão de McCloud. Em seguida, Bronson se inclinou para trás e o chutou.

McCloud tropeçou e caiu de costas, machucado, lento para se levantar.

Bronson se pôs sobre ele, respirando com dificuldade, ele aproximou-se e colocou um pé sobre a garganta de seu pai.

McCloud ofegou em busca de ar, e Bronson levantou a ponta da espada e apertou com ela o pulso de seu pai.

“Você cortou minha mão, pai.” Disse Bronson. “Eu deveria cortar a sua. Na verdade, eu deveria matá-lo.” Bronson suspirou. “Mas eu não vou cair tão baixo. Eu tenho mais honra do que você. Em vez disso, eu vou tomá-lo ileso, como meu prisioneiro. Você se rende?”

McCloud tentava recuperar o fôlego, finalmente ele balançou a cabeça afirmativamente.

Bronson removeu lentamente a ponta da espada do pulso de McCloud.

“Vire-se e coloque as mãos atrás das costas.” Bronson ordenou.

McCloud virou-se e quando ele fez isso, Bronson estendeu a mão para agarrar seu pai, depois de tirar o par extra de algemas da cintura.

Mas quando Bronson se abaixou, McCloud girou de repente, pegou um punhado de terra e jogou-o nos olhos de Bronson.

Bronson gritou, levou a mão aos olhos e soltou suas algemas. McCloud se virou e deu-lhe uma cotovelada na virilha com todas as suas forças.

Bronson caiu no chão em agonia.

McCloud ficou de pé por cima dele e agarrou-o pelos cabelos.

“É bom te ver de novo, filho.” Disse McCloud.

McCloud levantou o joelho e baixou-o diretamente sobre o rosto de Bronson, um estalo cortou o ar quando ele quebrou o nariz de seu filho.

Bronson sentiu o gosto de sangue e a última coisa que ele viu foi o solo chegando rápido, muito rápido, ao seu encontro.

*

Thor avançava imparável através do campo de batalha, matando dezenas de McClouds que cavalgavam para atacar seu pai. Ele se metia entre as fileiras de soldados, mais rápido do que qualquer um deles pudesse reagir, determinado a proteger o pai. Isso era tudo o que importava agora: defender Andronicus e esmagar todos aqueles adversários do Anel.

Thor não conseguia parar. Ele se sentia possuído, sob o controle de um poder maior do que ele. Sua espada praticamente desferia golpes sozinha.

Thor olhou e viu seu pai, não muito longe, derrubando Kendrick de seu cavalo, e pela primeira vez Thor piscou. Por um breve momento, alguma parte há muito tempo perdida dele se agitou no seu íntimo; por um breve lapso, uma parte dele reconheceu Kendrick. Ele não conseguia se lembrar de onde. Por apenas um momento, uma parte dele esteve confusa sobre contra quem ele estava lutando.

Mas em seguida, Thor sentiu um raio de energia, ele se virou e viu Rafi, cavalgando logo atrás dele e levantando os dedos em sua direção. Thor sentiu uma intensa onda de energia absorvê-lo ela fazia com que fosse impossível pensar. Ele sentia que uma luta titânica pelo controle e pelo livre arbítrio, estava sendo travada dentro dele. E então ele se sentiu absorvido por uma névoa.

Quando Thor olhou novamente para Kendrick, já não o reconheceu. Ele era apenas mais um dos adversários intermináveis de seu pai, mais um daqueles rebeldes que não cederia o Anel.

Ouviu-se um grito de batalha feroz, um grito bastante diferente dos outros, Thor se virou e viu que um guerreiro vinha investindo contra ele. Os outros soldados se separaram, criando uma área livre para eles; o cavaleiro parou diante de Thor e encarou-o. Houve uma pausa momentânea na batalha, quando os outros se viraram para assistir. Claramente, aquele cavaleiro, quem quer que ele fosse, era uma pessoa importante no lado dos MacGil.

“Thorgrin! Sou eu, Erec!” exclamou o cavaleiro com voz forte, montado orgulhoso em seu cavalo. “Você não está pensando com clareza. Eu não desejo lutar contra você. Eu peço-lhe que baixe suas armas. Baixe suas armas e una-se à nossa causa!”

Thor sentiu que corava de raiva. Quem era esse estranho para lhe dizer o que fazer?

“Eu não baixarei as armas por nada, nem por ninguém!” Thor respondeu desafiante.

Thor não perdeu tempo: ele avançou, levantou a espada para o alto e houve um choque de espadas, quando ele e Erec se travaram furiosamente em uma luta, avançando e recuando, golpe a golpe, nenhum dos dois avançava uma polegada. Finalmente, Thor esquivou um dos golpes de Erec, então ele pulou de seu cavalo e jogou-se sobre Erec, prendendo-o ao chão.

Os dois rolavam no chão, lutando, nenhum dos dois ganhava vantagem. Finalmente, Thor saiu de debaixo de Kendrick e conseguiu ficar de pé outra vez.

Eles se enfrentaram e uma grande área foi aberta em torno deles, todos os outros guerreiros pararam para assistir.

“Thorgrin, eu lhe imploro!” Erec exclamou, respirando ofegante, havia sangue em seus lábios. “Sou eu, Erec!”

Thor gritou e atacou com sua espada erguida. Suas espadas se chocaram enquanto lutavam golpe a golpe, ambos os escudos aparavam os golpes de espada com perfeita precisão, eles avançavam e recuavam em perfeita igualdade de condições. Nenhum deles prevalecia contra o outro.

Thor estava surpreso com a força e agilidade daquele cavaleiro; ele nunca tinha encontrado ninguém como ele. "Sou eu, Erec!" Disse ele, chegando perto, gemendo enquanto as espadas se batiam e bloqueavam golpes. "Você me conhece, Thorgrin."

Thor grunhiu, carrancudo.

"Meu nome é Thornicus!" Thor gritou, desbloqueando sua espada.

Eles espetavam, cortavam e aparavam golpes, indo para a frente e para trás, sem que nenhum tivesse uma polegada de vantagem sobre o outro, até que os braços de Thor ficaram cansados. "Você foi meu escudeiro uma vez, Thorgrin." Disse Erec. "Eu ajudei a treiná-lo. Eu faria qualquer coisa por você. Qualquer coisa. Thorgrin, sou eu, Erec."

Thor pausou momentaneamente, algo em suas palavras tocou o seu íntimo. Por um breve momento, ele ficou confuso, as vozes em sua cabeça lutavam entre si, Thor tentava entender, saber onde ele estava; saber quem ele era. Quem era aquele homem contra quem ele estava lutando?

"Erec?" Thor perguntou.

De repente, Rafi apareceu ao lado Thor, ele emitiu um ruído terrível com sua garganta, parecia um gargarejo, logo depois ele levantou as mãos e apontou-as para Thor. Thor sentiu-se envolvido em uma energia horrível e uma raiva desesperada o invadiu; ele se virou e voltou sua atenção para Erec. Dessa vez, ele não reconheceu Erec, de maneira alguma, Erec era um inimigo, e nada mais.

Thor levantou a espada e atacou, havia desejo de sangue em seus olhos, dessa vez ele estava determinado, ele varreria aquele homem da face da terra.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Romulus galopava através do campo, rumo ao Leste, enquanto se afastava de todos os soldados, de todo o exército do Império. Luanda estava montada na frente do seu cavalo, ela ainda lutava para soltar-se apesar de que Romulus envolvia apertadamente a cintura dela com seus braços musculosos. Ele estava surpreso com a força dela. Mesmo atada com cordas, mesmo presa em seus enormes braços, era difícil mantê-la quieta. Ela era como um cavalo xucro. Ela queria desesperadamente estar livre, mas ele não podia soltá-la.

Romulus cavalgava cada vez mais rápido, ele esporava o cavalo, fazendo com que ele protestasse com a dor. Romulus sabia que tinha de chegar até a Travessia Oriental, cruzar para o outro lado e levar Luanda com ele. Seu manto mágico estava pronto em sua cintura.

Romulus ainda estava sofrendo com sua derrota às mãos dos homens de Andronicus. Isso foi algo que ele nunca tinha previsto. Ele tinha certeza de que pegaria Andronicus de surpresa e tomaria o Anel. Mas no final da batalha, Romulus tinha tido a sorte de escapar com vida, embora ele tivesse de dar a volta e fugir sozinho, para a segurança do Canyon.

No entanto, ele agora tinha seu prêmio e isso era tudo o que importava. Luanda. Uma MacGil. A filha primogênita dos MacGil, nem mais, nem menos.

Romulus rezava para que a lenda do manto fosse verdade; rezava para que assim que ele cruzasse o Canyon com ela, o escudo se despedaçasse e os seus milhões de homens que o esperavam do lado de fora do Canyon pudessem vir correndo. Dessa vez, ele iria levá-los para completar a vitória total contra Andronicus e esmagar o Anel. Então Romulus seria o Comandante Supremo e já não haveria nada, nem ninguém que pudesse detê-lo.

Romulus estava tão perto agora, ele quase podia saborear tudo isso.

Eles cavalgavam sem parar entre as planícies gélidas e desertas, até que finalmente a Travessia Oriental surgiu à distância; os altos pilares de sua entrada marcavam o horizonte. O cavalo de Romulus estava à beira da exaustão, mas ele o exigiu ainda mais, cravando-lhe as esporas ansiosamente. Seu destino estava ao alcance da mão e ele pretendia agarrá-lo.

Romulus recordou que para que o manto funcionasse, ele teria de atravessar o Canyon a pé, em companhia de um MacGil. Ao chegar à base do Canyon, à entrada da ponte, ele parou abruptamente, desmontou, pegou Luanda e puxou-a para baixo, para junto dele.

De alguma forma, mesmo com as mãos atadas, Luanda conseguiu escapar dele e antes que Romulus pudesse reagir, Luanda começou a correr pela paisagem.

Num acesso de raiva, Romulus reagiu rapidamente, ele agarrou o chicote que estava em sua sela, desferiu um golpe e laçou os tornozelos de Luanda. Luanda gritou quando o chicote se enroscou em ambos os tornozelos e ela caiu de cara no chão.

Romulus puxou Luanda rispidamente em direção a ele e arrastou-a pelo chão. Ele estendeu a mão, agarrou-a, levantou-a para o alto e fez uma careta para ela.

“Se você não fosse uma MacGil, eu a mataria agora mesmo.” Disse ele fervendo de raiva.

Luanda fez uma careta e cuspiu na cara dele.

Romulus a esbofeteou, incrédulo.

O sangue brotou dos lábios de Luanda e ela finalmente parecia quebrantada; ainda assim, a raiva de Romulus não havia sido aplacada. Ele a despedaçaria, se pudesse. Talvez ele fizesse isso assim que cruzasse o Canyon. Sim, esse pensamento o apaziguou.

Romulus virou-se, encarou a ponte e colocou o manto sobre os ombros. Ele sentiu que o manto zumbia, vibrava, ele sentiu um fluxo de energia percorrê-lo, algo que ele não tinha sentido antes. Ele tinha certeza de que o manto funcionaria; ele sozinho destruiria o escudo. Seu coração batia emocionado.

Romulus estendeu a mão e com um braço agarrou Luanda pela cintura, levantando-a e levando-a pelo ar como uma criança rebelde.

Ele começou a marchar com ela sobre a ponte.

Luanda resistia e gritava, tentando soltar-se com todas as forças. Mas dessa vez, ele a segurava firmemente e ela não tinha meios de escapar.

Romulus deu o primeiro passo para a ponte, ele se sentia ótimo. Logo ele a cruzaria; por mais que Luanda de debatesse e gritasse, não havia nada no mundo que ela pudesse fazer para detê-lo.

Em breve, o Anel seria dele.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Gwendolyn cavalgava ao lado de Argon, Alistair, Aberthol e Steffen, Krohn andava aos seus pés, os cinco cavalgavam, avançando pela paisagem do Norte do Anel, em direção ao Sul, para sua terra natal, para encontrar Thor. Gwen estava entusiasmada por estar de volta a sua terra, por estar de volta àquele lado do Anel e fora do Mundo Inferior. Era como um sonho. Ela tinha estado certa de que nunca encontraria Argon, que nunca escaparia do Mundo Inferior. Agora, ali estavam eles, todos de volta para casa e tão perto de estar de volta junto a Thor.

Gwendolyn repetia constantemente em sua mente o momento em que Argon tinha aberto os olhos e tinha voltado para ela, voltado à vida. As lágrimas ainda escorriam pelo seu rosto enquanto ela pensava no sacrifício que ela tinha feito, na escolha terrível que ela teve de fazer para desafiar o destino e trazer Argon de volta. Ela sabia que um dia chegaria o momento em que ela teria de entregar o que havia prometido em troca da vida de Argon: a vida de Thorgrin, ou a vida de seu filho.

Mas pelo menos esse dia ainda não havia chegado.

O ventre de Gwen doía enquanto ela cavalgava, o bebê dava voltas continuamente em sua barriga, tal como havia estado fazendo desde que eles haviam encontrado Argon. Tudo tinha sido um borrão, desde que Argon havia sido libertado. O Argon que tinha revivido agora era mais poderoso do que nunca e ele usou seu poder para lançar uma grande bolha; Gwen e os outros se viram apanhados por ela e flutuando com Argon no ar, sobrevoando o solo a uma velocidade cada vez maior enquanto eram transportados por todo o caminho de volta, desde o Mundo Inferior até a borda do Canyon para logo depois flutuar tranquilamente através dele. Tinha sido emocionante para Gwendolyn voar pelo ar assim. Isso a fez pensar em quando ela voou com Thor, montada nas costas de Mycoples.

Gwen recordava ter olhado para baixo enquanto atravessava o Canyon, ela havia ficado maravilhada com as névoas que

serpenteavam abaixo, com as profundezas do Canyon que pareciam nunca terminar. Ela se perguntou se realmente haveria um fundo. Finalmente, Argon os fez descer daquele lado do Anel, o poder se sua bolha havia chegado ao fim, agora que eles já estavam de volta ao Anel com segurança. Eles haviam descido perto de um grupo de cavalos selvagens que se encontravam vagando pelo campo e não tinham parado de cavalgá-los desde então.

Eles correram para o Sul e depois para o Leste, em direção ao campo de batalha. Argon tinha dito a Gwen que ele pressentia que uma grande batalha estava ocorrendo naquele lugar. Ele sentia que era uma batalha épica para o coração e a alma do Anel e que o próprio futuro do Anel estava em jogo. Certamente, Gwen soube, era ali que Thor devia estar. Junto com todos aqueles que ela amava e queria bem.

Gwen sentia que estava em uma corrida contra o tempo, ela estava desesperada para chegar antes que fosse tarde demais, antes que Thor ou qualquer outra pessoa que ela amava fosse morta. Ela podia sentir em cada fibra de seu ser que todos eles estavam à beira de uma grande calamidade. Será que ela havia tardado demais em encontrar Argon? Será que todo seu esforço havia sido inútil?

Um grito estridente foi ouvido no alto do céu, Gwen olhou para cima e viu Estopheles, voando em círculos, guiando-os.

Gwen chutou seu cavalo com mais força. Ao lado dela, Krohn rosnou e correu mais rápido para alcançá-la.

Eles cavalgavam sem parar, por horas a fio, atravessando o Anel, todos eles sabiam o que estava em jogo e nenhum deles sequer parou para recuperar o fôlego. O sol já estava alto no céu e as lágrimas de Gwen nunca paravam. Ela sentia que uma tragédia horrível estava prestes a acontecer. Teria ela se sacrificado demais?

Eles cavalgavam penetrando cada vez mais em um território desconhecido, logo as Highlands apareceram no horizonte. Havia uma única cidade localizada nos picos e Gwen a reconheceu imediatamente dos livros de história: Highlândia, a fortaleza McCloud. A cidade entre dois reinos.

Gwen pôde ver o grande rastro de um exército que havia descido a ladeira íngreme da montanha de Highlândia, ela seguiu a

trilha e subiu até o cume de um monte, ao chegar ali, ela finalmente parou e olhou.

Ela ficou chocada.

Espalhados abaixo deles, em um imenso vale, havia milhares de guerreiros, lutando em ambos os lados. Era a maior batalha que ela já tinha visto. Ela reconheceu de imediato a armadura de milhares de guerreiros do Exército Prata, dos MacGils e dos silesianos.

Mas do outro lado do vale, ela viu que eles enfrentavam um exército muito maior, um grande número de homens do Império; dezenas de milhares de tropas vinham chegando, com um fluxo interminável de reforços atrás de si. Gwen podia ver até mesmo dali, a figura corpulenta de Andronicus, sua cabeça se destacava no campo de batalha, ele empunhava duas espadas e causava estragos enquanto abria seu caminho através do campo. Centenas de homens do Anel caíam, seu povo caía diante dos olhos de Gwen. Seus soldados simplesmente estavam superados em número.

Gwen ainda não tinha visto o pior de tudo, ali numa clareira, no centro do campo de batalha, uma batalha épica estava sendo travada entre dois grandes guerreiros, todos os outros guerreiros pareciam ter parado de lutar para assisti-la. Ali, sozinho no centro do campo de batalha, lutando corpo a corpo, estava o campeão de seu pai, o melhor cavaleiro do Exército Prata: Erec. Normalmente, ela não temia por ele, nem se importava contra quem ele estaria lutando.

Mas quando Gwen olhou de perto, seu coração parou e seu sangue gelou ao ver o adversário de Erec: era Thorgrin. Seu amor. Thor parecia um homem transformado, ele lutava em um borrão, muito mais rápido e forte do que ela já tinha visto. Ele estava lutando com todas as forças, o coração de Gwen foi parar na boca do estômago ao perceber que Thor pretendia matar Erec. O que havia acontecido com Thor? Como ele poderia lutar por Andronicus? Ela não conseguia compreendê-lo.

Era evidente que ele estava sob o efeito de algum tipo de magia. Gwen se sentia mais confiante do que nunca ao concluir que encontrar Argon tinha sido a coisa certa a fazer. Era óbvio que todo o anel era impotente ao lutar contra aquele tipo de magia. Para

combater magia, era necessário usar magia. Gwen apertou seu cavalo com os calcanhares e os outros a seguiram.

Ela dirigiu-se diretamente para o meio da batalha, para a clareira onde Thor estava. Ela tinha de chegar até Thor a tempo. Ela tinha de salvá-lo. Ela tinha de salvar Erec.

“Minha senhora, não é seguro!” Aberthol exclamou ao lado dela, enquanto eles cavalgavam. “A senhora avança para o meio da batalha! Esses são homens de verdade, com armas reais! A senhora deve parar aqui! Não vá até Thor! A senhora vai ser morta!”

Mas Gwendolyn o ignorou. Ela não temia por sua própria segurança. Ela temia unicamente por Thor e pelo Anel.

“Eu vou onde Thor está.” Ela respondeu. “Eu não temo a espada de ninguém. Se vocês não quiserem seguir, não venham.”

“Majestade, eu a seguirei!” Disse Steffen.

“Eu também!” Alistair exclamou.

“Eu vou lutar por Vossa Majestade e abrir-lhe o caminho através desses homens.” Steffen exclamou. “Vossa Majestade chegará até Thorgrin!”

Argon cavalgava em silêncio ao lado de Gwen; ele não disse nada, mas ela sabia, ela via pela expressão em seus olhos, que ele estava preparado para a batalha.

O coração de Gwen martelou e sua garganta ficou seca, seu bebê dava voltas dentro dela como um louco enquanto ela se aproximava do impacto da batalha. Seus ouvidos se encheram com o barulho do metal e os gritos de morte dos homens; ela já podia sentir a poeira penetrando em suas narinas. Ela se preparou enquanto galopava, sem desacelerar seu cavalo.

Gwen avançou para o meio da batalha, Steffen liderava o caminho, ele abateu vários homens com suas flechas. Enquanto Gwen cavalgava, os MacGils os homens do Exército Prata e os silesianos a reconheciam e gritavam com entusiasmo, eles corriam para juntar-se a ela e abrir-lhe caminho no meio da multidão. Afinal de contas, ela era a sua amada rainha e agora ela era uma heroína que estava de volta com o seu querido Argon, quem cavalgava livre ao seu lado.

Gwendolyn penetrava cada vez mais no campo de batalha, levantando seu escudo com as mãos trêmulas, para repelir um golpe. Mas ela nunca parou de avançar. Os soldados do Império se amontoavam por todos os lados, percebendo que alguém importante tinha chegado; eles tentavam atacá-la. Um deles atacou Gwendolyn com sua espada erguida, ele conseguiu passar pela comitiva e investiu contra ela; Gwen esperou e em seguida se agachou; o soldado passou voando por cima dela.

Outro veio para ela, esgueirando-se através das fileiras, dessa vez Steffen avançou e disparou uma flecha na garganta dele. Ele tombou para o lado de seu cavalo, morto.

No entanto, outro soldado conseguiu chegar até Gwen e ela mesma o matou, ela levantou seu punhal e cortou sua garganta antes que ele pudesse descer o seu machado sobre a cabeça dela. Ele deixou cair o machado sobre sua própria cabeça e caiu de seu cavalo.

Mas a multidão ficava cada vez mais densa à medida que ela se aproximava de Thor, mais e mais homens do Império se lançavam contra Gwen. Seus homens e Steffen faziam o melhor que podiam, matando vários soldados. Mas Gwen logo se sentiu barrada por todos os lados; de repente, ela foi golpeada no ombro por um escudo e logo foi derrubada de seu cavalo.

Gwen caiu pesadamente e rolou. Ela caiu de joelhos, sentindo dores terríveis no ventre, havia sujeira no seu rosto e no seu nariz. Gwen se virou ofegante, ela olhou para cima e viu um soldado do Império, com uma expressão carrancuda, aproximar-se dela com um martelo de guerra.

Incapaz de se defender, Gwen levantou suas mãos e preparou-se para o golpe.

O martelo parou no ar, seu portador tinha uma expressão confusa.

Gwen olhou e viu Alistair por perto estendendo a mão, uma luz azul se projetava entre ela e a arma. Então Alistair levantou a mão e dirigiu a luz para o soldado.

O soldado saiu voando para trás repentinamente, por dezenas de metros no ar, seu martelo caiu para o lado sem causar danos.

Alistair estendeu a mão e ajudou Gwen a ficar de pé. Gwen se virou e viu que mais soldados avançavam para atacá-la, com suas espadas levantadas; ela levantou seu escudo e preparou-se para defender a si mesma e Alistair dos golpes. Logo se ouviu um rosnado, Krohn passou correndo por Gwen, deu um grande salto no ar e afundou suas presas na garganta de um dos soldados. Logo ele fez o mesmo com outro soldado. Ao sujeitar cada um dos soldados, Krohn balançava ferozmente a cabeça dele, ele não ficou satisfeito antes de ver que ambos estavam mortos.

Krohn permaneceu diante de Gwen e de Alistair, ele rosnava continuamente, assustando qualquer soldado que ousasse aproximar-se; ele proporcionou uma abertura para Gwendolyn e ela aproveitou a chance. Ela sabia que era naquele momento ou nunca. Gwen correu entre o grosso dos homens, mantendo a vista fixa em Thorgrin enquanto esquivava os soldados que lutavam.

Ela esbarrava e colidia com força com os soldados que vinham de todas as direções, mais de uma vez ela teve de esquivar algum golpe, mas sua velocidade trabalhou por ela. Ela era rápida, seus movimentos não estavam limitados por uma armadura e assim ela conseguiu traçar o seu caminho com mais facilidade.

Gwen invadiu a clareira aberta, Krohn ia abrindo o caminho; Steffen e Alistair estavam bem atrás dela, ajudando a desviar os golpes. Ali estava ele, a quase seis metros de distância dela.

Thorgrin.

Gwen mal conseguia respirar, ela estava tão afetada pela alegria de vê-lo; por estar tão perto dele. Ela queria sair correndo e dar-lhe um abraço. Ela sentia vontade de rir e chorar ao mesmo tempo.

No entanto, ela também tinha terror dele. Thor lutava contra Erec como um homem possuído. Observá-los lutar, dois dos maiores guerreiros de todos os tempos, era como observar uma obra de arte, seus movimentos recuando e avançando, suas espadas tinindo e refletindo a luz, sua velocidade, agilidade, força e técnica eram perfeitas. Ambos eram dois mestres em sua arte, suas espadas cintilavam, elas eram como extensões deles, pareciam estar vivas.

Dezenas de soldados pararam de lutar e ficaram ali assistindo, hipnotizados.

Argon colocou-se ao lado de Gwendolyn e proferiu uma palavra: "Rafi."

Gwendolyn seguiu seu olhar e viu um feiticeiro com vestes vermelhas, do outro lado da clareira, assistindo ao espetáculo, de pé ao lado de Andronicus e de McCloud. Rafi era a criatura de aspecto mais maligno que ela já tinha visto. As mãos dele estavam estendidas na direção de Thor e uma luz escarlate emanava delas e envolvia Thor completamente. De repente, tudo fez sentido. Thor estava sob o controle daquele feiticeiro obscuro.

Argon deu passo à frente sem medo, ele entrou na clareira e estendeu a palma da mão em direção a Rafi.

Uma luz azul voou através da clareira. Rafi se virou e olhou para Argon com o rosto contorcido de medo. Rafi parecia chocado e confuso.

"Argon." Rafi disse sombriamente. "Não pode ser."

Rafi e Argon avançaram para a clareira e caminharam ao encontro um do outro, cada um avançava com a mão estendida e apontava para o outro enquanto se aproximavam.

Era uma visão para assistir, dois feiticeiros, dois titãs, enfrentando-se, eram como duas montanhas colidindo. Era uma luta monumental, as mãos de Argon tremiam e o mesmo acontecia com Rafi. Ambos tinham expressões carrancudas e estavam ofegantes. Os dois caíram de joelhos, cada um projetava sobre o outro uma luz de cor diferente.

Finalmente, Argon soltou um grande grito de guerra e ergueu as mãos para o alto, quando ele fez isso, Rafi repentinamente foi levantado bem alto no ar. Argon balançou seus braços e Rafi foi arremessado no ar, ele saiu voando por centenas de metros até desaparecer em algum lugar no horizonte.

Argon desmoronou com o todo o esforço.

Por um breve instante, Thor fez uma pausa em sua luta contra Erec. Ele ficou parado ali, como se estivesse confuso, como se um feitiço tivesse sido roto sobre ele. Thor olhava para Erec com os olhos vidrados. Erec, ao perceber o que tinha acontecido, também fez uma pausa. Ele ficou ali, respirando com dificuldade, segurando a espada cautelosamente.

“Thorgrin, sou eu, Erec.” Disse ele. “Largue as armas. Ainda não é tarde demais.”

“THORNICUS!” Andronicus gritou e deu um passo à frente. “Você é meu filho! VOCÊ É MEU FILHO!” Gritou ele.

Os olhos de Thor vidraram de novo e de repente, ele se jogou de volta para a batalha, lutando contra Erec com o dobro da potência, o dobro da velocidade.

Eles trocavam golpe após golpe e logo Erec tropeçou para trás, caindo de joelhos, dominado.

Thor continuou a brandir a espada contra Erec, desferindo golpes com tanta fúria, que acabou cortando a espada dele pela metade. Logo depois, Thor derrubou o escudo das mãos de Erec.

Thor estava sobre Erec, havia um olhar demoníaco em seu rosto. Ele respirou fundo, limpou o sangue de sua boca e levantou sua espada para atravessar Erec.

Gwendolyn já não poderia presenciar mais nada.

Ela correu para a frente, para a clareira, e colocou-se entre Thor e Erec.

“Thorgrin!” Ela gritou com lágrimas no rosto e voz trêmula. “Sou eu. Gwendolyn!”

Gwen ficou ali, a menos de meio metro de distância dele, chorando, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela sentia-se oprimida por um milhão de emoções.

Todo o campo de batalha parou para assistir.

Thor ficou ali parado e com a espada levantada, ele olhou para ela. Seus olhos não eram os olhos que Gwen conhecia e amava. Ele parecia estar perdido para ela, perdido em outro mundo, em outro lugar, outra dimensão. Enquanto Gwen estava parada ali, pela primeira vez em sua vida, ela sentiu medo dele.

“Thorgrin?” Ela chamou insegura.

Thor fez uma careta e levantou ainda mais sua espada.

Krohn de repente correu para a frente rosnando, ele posicionou-se entre Thor e Gwen. Ele rosnava para Thor como se ele fosse um estranho. Gwen mal podia acreditar: ela nunca tinha visto Krohn rosnar para Thor. O mau pressentimento de Gwen se intensificou.

“Thor, sou *eu*.” Ela implorou chorosa. “Gwendolyn. Seu amor.”

Thor piscou várias vezes, Ainda assim seus olhos tinham o mesmo olhar confuso, em branco.

Gwen orou para que Thor voltasse para ela, para que ele baixasse sua espada. Parecia que ele faria isso. Mas de repente, ele franziu o cenho e levantou a espada novamente, então Gwen soube naquele exato momento, que ela iria morrer às mãos dele.

Seu último pensamento, antes que o golpe lhe sobreviesse, foi que ela não desejaria morrer de nenhuma outra maneira, no mundo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Mycoples balançava e era sacudida por todos os lados no navio enquanto as ondas enormes caíam sobre todo o convés; ela deslizava por ele de uma ponta a outra e esbarrava na varanda. O som das ondas quebrando era ensurdecedor. Ela tentava fazer o possível para atravessar a rede com suas garras, mas o material Akron permanecia indestrutível.

Pelo menos o barco estava fora de controle. As ondas enormes o arremessavam e ele avançava no mar agitado. A tempestade que ela havia convocado era potente, muito além de seus sonhos. O barco era puxado pelas fortes correntes e percorria o seu caminho chegando cada vez mais perto da Ilha da Névoa. Mycoples observava a ilha aproximando-se no horizonte.

Os soldados do Império gritavam enquanto eles tentavam recuperar o controle. Mas eles não podiam. Mais de um escorregou direto para fora do deck, gritando enquanto mergulhava para a morte nas espumantes águas vermelhas do mar de sangue. Mais de um monstro vinha à tona e engolia os homens inteiros.

O barco entrou nas ondas esmagadoras ao aproximar-se da costa da Ilha da Névoa, uma costa formada por rochas irregulares e uma estreita faixa de areia. Os homens do Império tentavam freneticamente dirigir o navio e evitar as rochas. De alguma forma, eles conseguiram dirigir o navio para a direita e subiram a crista de uma enorme e última onda que os levou à praia arenosa.

Havia sido má sorte para Mycoples. Ela queria que eles chocassem contra as rochas, ela queria que o barco fosse destruído. Agora, o barco, apesar de estar tombado para o lado, na praia, ainda estava intacto e a metade dos soldados do Império estava nele.

Quando o barco encalhou, Mycoples, ainda estava emaranhada em sua rede, ela saiu voando para fora do barco e caiu sobre a areia. Foi uma grande queda, o impacto foi muito doloroso, Mycoples lutou desesperadamente para libertar-se. Contudo, sem importar o que ela fizesse, a rede Akron a mantinha presa ali.

Os soldados do Império entraram em ação e pularam para fora do barco, para a costa. Eles pareciam ter a intenção não apenas de salvar suas vidas, mas também desejavam torturá-la. Mais de um saltou com uma longa lança na mão e correu para ela. Eles começaram a espetá-la através da rede e a machucá-la. Mesmo com a tempestade uivante, mesmo sendo arrastados pelas ondas na praia, os soldados ainda não deixavam de agredi-la. Seu plano tinha funcionado apenas parcialmente: ela ainda era prisioneira deles. Ela via mais e mais lanças vindo para atacá-la e sabia que eles a culpavam pelo naufrágio. Mycoples sabia que em breve, ela estaria morta.

Houve um súbito rugido no alto dos céus, um ruído alto o suficiente para abalar toda a ilha. Os homens do Império ficaram paralisados e olharam para o céu, apavorados.

Porém Mycoples não estava apavorada. Ela reconhecia aquele som. Ela o reconheceria em qualquer lugar. Era o rugido de um dragão. Era o rugido de um dos seus.

Ralibar.

O coração de Mycoples disparou. Ralibar devia ter farejado o cheiro dos homens e ele estava vindo para ver quem tinha chegado.

Mycoples não sabia em que situação isso a deixava. Ralibar era um eremita, um dragão solitário, amargurado e territorial, além disso, ele odiava todos os outros dragões. Diziam que ele havia matado mais de um dragão que tinha ousado invadir seu território. Ele podia matar aqueles homens do Império, mas ele poderia matá-la, também.

De qualquer maneira, Mycoples estava indefesa. De qualquer maneira, ela parecia estar destinada a morrer ali. Pelo menos os homens do Império também morreriam. Pelo menos ela obteria sua vingança. E pelo menos, ela iria morrer às mãos de outro dragão, em vez de morrer às mãos de um ser humano.

O coração de Mycoples se emocionou ao ouvir outro estrondo, ela olhou para cima e viu Ralibar aparecendo, rompendo as nuvens, descendo furioso. Ele era grande, muito maior do que ela havia imaginado, e ele parecia velho, suas escamas vermelhas estavam desbotadas e rachadas devido à idade; ele tinha olhos verdes

enormes e brilhantes, os quais ela jamais esqueceria. Seu rosto estava franzido em uma carranca enquanto ele se concentrava nos homens do Império.

Os soldados do Império se viraram, gritaram e tentaram fugir, eles correram de volta para o navio. Mas já era tarde demais para eles. Aqueles que tinham tido a sorte de chegar até a costa estavam a ponto de encontrar-se com outro destino muito mais horrível. Ralibar desceu, abriu suas grandes mandíbulas, e soprou fogo.

As chamas se espalharam pelo céu, engolindo os homens e queimando o navio. Os homens gritavam enquanto eram queimados vivos. Aqueles que Ralibar não havia atingido com o fogo, foram alcançados por suas garras enormes, elas eram tão grossas como o tronco de uma árvore; as garras varreram o lugar onde os soldados estavam. Logo, a praia ficou vermelha de sangue.

A raiva de Ralibar ainda não havia sido aplacada, ele não estava satisfeito: ele mergulhou para a praia, agarrou o resto do navio em chamas com suas garras enormes, voou em alta velocidade, levantou-o pelos ares, e esmagou-o contra a parede do penhasco.

O navio se estilhaçou com um grande estrondo, mil pedaços em chamas choveram sobre Mycoples.

Ela estava emocionada. Mycoples ficou ali na praia, presa dentro da rede Akron, as ondas quebravam ao redor dela, ela era o último ser vivo. Ela olhou para Ralibar e viu quando ele se virou e pôs seus olhos sobre ela. Ele fez uma pausa e ficou pairando ali, respirando, uma fuligem preta saía de suas narinas. Ele parecia estar meditando sobre o que fazer.

Em seguida, ele soltou um grito e mergulhou direto para ela.

Mycoples fechou os olhos e se preparou para o que estava por vir. Pelo menos ela deveria estar feliz ao ver que os homens do Império estavam mortos; ao ver que ela tinha chegado tão longe. Pelo menos agora, ela poderia morrer com dignidade.

Mycoples ouviu um barulho sibilante e sentiu o ar soprar quando Ralibar mergulhou para ela. Ela abriu os olhos e o viu parado na praia, pairando sobre dela, batendo suas asas. Ele gritou, arqueou as costas e ela se preparou.

Mas nenhum golpe jamais chegou. Ela abriu os olhos com surpresa ao vê-lo chegar com sua garra e em vez de golpeá-la, ele cortou sua rede.

Mycoples olhou para ele perplexa. Sua rede estava aberta.

Mycoples inclinou-se para trás, bateu as asas e arqueou as costas. Ela estava emocionada por estar livre; ela tinha quase esquecido o que se sentia. Ela ficou ainda mais surpresa ao perceber que Ralibar a libertara e que depois de tudo, ele não a mataria. Ralibar aterrissou na praia, a poucos metros de distância e olhou para ela. Mycoples olhou em seus antigos olhos verdes e viu uma expressão que nunca esperava ver. Era uma expressão de curiosidade. Mas também era mais do que isso, havia algo mais. Algo similar à compaixão.

Eles se comunicavam um com o outro, silenciosamente. Mycoples agradeceu-lhe, ela arqueou o pescoço e gritou, deixando saber quais eram suas intenções. Ela estava indo lutar contra o Império. Ela voaria imediatamente sobre o oceano e voltaria para o Anel. Ela iria encontrar um caminho de volta através do escudo, encontraria uma maneira de voltar para seu amo, para Thorgrin. Ele precisava dela. E isso era tudo o que importava para ela.

Ralibar arqueou seu pescoço novamente e gritou também.

Mycoples decolou, suas grandes asas batiam no ar, assim que ela fez isso, ela ouviu um grande grito atrás de si. Ela virou-se e viu Ralibar decolando e aproximando-se dela. Ela ficou surpresa: ele queria se juntar a ela. Queria ajudá-la. Ralibar. O solitário. Por alguma razão, ele tinha se afeiçoado a ela.

Mycoples apreciava sua companhia. Ela bateu as grandes asas, voando cada vez mais alto, dirigindo-se para o Leste, para o Anel, ao encontro de Thorgrin. Ela sentia que ele estava em um perigo mortal. E ela faria tudo o que pudesse para salvar sua vida.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Selese e Illepra avançavam, ambas cavalgavam com toda sua energia, elas estavam à beira da exaustão, não haviam parado nem mesmo para descansar seus cavalos. Eles prosseguiram pela reta final da paisagem árida até que finalmente as altas colunas que marcavam a Travessia Oriental apareceram à vista.

A viagem tinha exigido muito de Selese, mais do que ela poderia ter imaginado; se não fosse por seu pensamento em Reece, por seu medo de perdê-lo, ela não sabia se teria sido capaz de insistir. Selese tinha se tornado mais forte e mais resistente do que jamais havia imaginado e agora que ela via a Travessia Oriental, via que ela era real, estava determinada a encontrar Reece a qualquer custo. Ela apenas rezava para que ele ainda estivesse ali.

Quando se aproximaram da travessia, Selese ficou boquiaberta: a magnífica Travessia Oriental, da qual ela tinha ouvido falar desde que era uma criança; dos quatro cruzamentos que ponteavam o Canyon, a Travessia Oriental era a mais longa. Ela se situava no lado McCloud do Anel. Selese nunca tinha estado ali, e por ser de uma cidade pequena, ela nunca tinha visto nada tão grande e intimidante em sua vida. A ponte atravessava o Canyon e parecia se estender para sempre, para outro mundo.

O próprio Canyon a deixava sem palavras. Ela nunca tinha visto nada na natureza que fosse remotamente parecido. Um grande abismo na terra, cheio de névoas que circulavam tingidas de todas as cores. Selese sentiu uma energia mágica saindo dele. Ela ficou maravilhada ao ver que algo tão grande e bonito poderia existir no mundo.

Selese e Illepra chegaram até a margem da ponte, elas apearam seus respectivos cavalos e desmontaram. As duas ficaram ali, respirando com dificuldade ao lado de seus cavalos.

Selese olhava para a vista e refletia. Ela não tinha visto nenhum sinal imediato de Reece e seu coração estava apertado.

“Será que ele já cruzou?” Perguntou Illepra.

Selese deu de ombros. Ela não tinha ideia.

Selese examinou o piso da ponte e viu algo que ela reconheceu com seu olhar de especialista: sangue. Ela seguiu a trilha nervosamente, Illepra ia ao lado dela. Era evidente que uma grande luta tinha ocorrido ali. Ela só rezava para que Reece não tivesse estado envolvido.

Elas avançaram pela ponte e Selese avistou vários cadáveres no chão, seu coração deu um salto. Ela rezava para que nenhum deles fosse o cadáver de Reece.

Selese correu para a frente quase chorando enquanto se ajoelhava e virava cada corpo. Ela respirou fundo aliviada ao ver que nenhum dos rostos pertencia a Reece. Nenhuma daquelas faces era familiar.

“Eles portam as divisas do Império, observou Illepra. “São soldados do Império, todos eles.” Disse ela enquanto dava volta aos cadáveres com a ponta de sua bota. “Alguém os matou.”

“Reece os matou.” Selese disse esperançosa. “Eu tenho certeza de que ele os matou. Estes homens eram provavelmente os que levavam a espada. E ele os deteve, tal como um bom cavaleiro deve fazer.”

“Então onde ele está?” Illepra perguntou.

Selese ficou parada ali, ela olhava em volta, imaginando. Será que Reece teria dado a volta e regressado para casa com a espada? Teria sido muito trágico se ela tivesse cavalgado todo aquele caminho para nada.

Selese foi até a grade da ponte, colocou as mãos sobre ela e ficou ali, olhando em volta. Ela suspirou, olhou para baixo em meio à névoa e se perguntou se Reece estaria lá fora, em algum lugar.

Quando Selese passou as mãos ao longo do corrimão liso, de pedra, da ponte, ela percebeu algo que a fez parar e olhar para baixo. Ela havia notado que havia uma marca irregular e serrilhada na grade. Ela também notou que havia sangue e que um pedaço da grade havia sido arrancado.

Selese virou-se e olhou para os soldados mortos, em seguida olhou para as marcas na grade, de repente, ela deduziu tudo.

“O rochedo.” Disse ela. “Houve uma luta. Ele foi lançado sobre a ponte. Veja.”

Illepra veio até ela apressadamente, Selese se inclinou e apontou para as marcas que o rochedo havia deixado.

“Então eles devem ter abandonado a missão.” Disse Illepra. “Ele deve ter voltado. Talvez ele esteja de volta, no acampamento neste exato momento.”

Selese olhou para baixo por um longo tempo e finalmente, alguma coisa lhe ocorreu.

“Não.” Disse ela. “Reece nunca abandonaria a missão. Não é assim que ele age. Ele não regressaria para o conforto e a segurança. Ele está lá embaixo.”

Illepra fez um pausa, ela estava confusa.

“Lá embaixo?” Perguntou ela.

“Lá embaixo!” Selese disse enquanto apontava. “Ele desceu ao fundo do Canyon. Ele foi procurar a espada.”

“Isso é uma loucura!” Illepra disse. “Quem seria capaz de uma loucura como essa?”

Selese sorriu, ela estava orgulhosa de Reece.

“Reece é um homem honrado. Ele faria qualquer coisa pelo bem do Anel.”

Ela pensava, sua mente trabalhava rapidamente e logo outra ideia lhe ocorreu.

“Ele provavelmente desceu às pressas, induzido por sua honra, mas sem nenhum plano para subir de volta. Ele está preso. Nós temos de ir lá para baixo. Devemos ajudá-lo!”

Illepra balançou sua cabeça.

“Isso seria impossível. Não há nenhuma descida, exceto aquelas paredes e eu mesma não sei como escalar.”

“Há outra maneira.” Disse uma voz.

Elas se viraram e depararam com um homem idoso que estava na entrada da ponte, apoiado em uma bengala. Ele era grisalho, curvado, com uma longa barba branca e cabelos desgrenhados. Ele usava um manto esfarrapado e parecia já ter visto todas as desgraças do mundo.

“Vocês são jovens corajosas. Eu não posso negar isso. Então eu vou lhes dizer. Há outro caminho para baixo, para salvar as pessoas que você ama.”

Selese virou-se e caminhou até ele e perguntou intrigada: "Que outro caminho?"

"Eu sou um observador do Canyon. Eu vejo tudo o que se passa aqui. Eu os vi descer."

"Você os viu?" Selese perguntou, com os olhos arregalados.

Ele assentiu com a cabeça.

"Eles desceram, sem nenhuma corda. Você está certa. Eles não têm como subir. Não sem a corda de Linden."

"A corda de Linden?" Perguntou ela.

O velho acenou a cabeça lentamente.

"A maneira de descer para o fundo do Canyon e poder voltar a subir. Ela não tem sido usada desde que eu era um jovem. Mas eu sei onde se encontra; eles ainda a mantêm na minha aldeia. Eu posso levá-las até ela. O resto é com vocês."

Selese examinou-o. Ele olhou de volta para ela com seus olhos translúcidos e alertas. Ele parecia ser quase cego.

"Por que você nos ajudaria?" Illepra perguntou desconfiada.

Ele sorriu, revelando um sorriso quase banguela.

"Eu admiro a coragem." Disse ele. "Seja em um homem ou em uma mulher. Eu já estou velho demais para isso, mas eu darei a vocês qualquer ferramenta que precisem para fazer isso. Além disso, eu odeio o Império."

Selese olhou para Illepra como se estivesse perguntando-lhe se elas podiam confiar nele, Illepra acenou de volta.

Mas o homem idoso já estava andando, ele prosseguia apoiado em sua bengala, de cabeça baixa, como se esperasse que elas o seguissem.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Reece lutava com todas as suas forças enquanto permanecia ali, atado ao poste, com os pulsos e tornozelos amarrados atrás dele, incapaz de se libertar. Ele lutava desesperadamente; quando olhou em volta, ele viu que todos os seus irmãos da Legião estavam na mesma situação, todos lutavam sem ter sucesso. Eles estavam todos alinhados, cada um estava atado a um poste de madeira bem alto, a cerca de três metros de distância um do outro e dispostos em semicírculo, para que pudessem ver-se. Diante deles, a quase seis metros de distância, estava o enorme poço de lava derretida e brilhante.

Salpicos de lava de diferentes tamanhos eram expelidos intermitentemente pelo poço e mesmo à distância, Reece podia sentir o calor que emanava dele e fazia arder seu rosto. Enquanto ele observava, uma pequena faísca de lava saiu voando descrevendo um arco alto, logo ela caiu sobre seu antebraço, queimando-o. Ele se contorceu e gritou enquanto a lava queimava sua pele e deixava um pequeno buraco nela.

Reece estava suando, ele sabia que tinha de fazer algo rapidamente. Os Faws tinham sido mais espertos e agora Reece e seus homens eram seus prisioneiros e encaravam uma morte certa. Centra estava no cativeiro também, mas eles deviam tê-lo reconhecido como pertencente a outro lugar, por isso o mantinham afastado dos demais. Dois Faws seguravam seus braços, os quais estavam atados, enquanto um terceiro pressionava um pequeno punhal contra sua garganta.

Enquanto Reece estava ali, ele examinava seus arredores, procurando a Espada do Destino. Ela ainda estava alojada no rochedo, o qual se encontrava atado a uma corda comprida e ainda estava sendo içado pelos Faws; eles davam-lhe um puxão de cada vez, fazendo-o subir pelo outro lado do Canyon. Dezenas de Faws puxavam o rochedo e com cada movimento ele subia mais alto pelo Canyon. Ele estava subindo pelo lado errado do Canyon, pelo lado oriental. Reece sabia que se o rochedo chegasse ao topo, a espada

cruzaria o Canyon. Consequentemente, o escudo seria desativado e o Anel estaria acabado.

Ele não tinha tempo. Ele tinha de detê-los. Mas Reece tinha problemas maiores: pelo que parecia, eles não iriam nem mesmo conseguir sair dali vivos. Os Faws falaram com Centra de forma rápida, em uma linguagem que Reece não entendia e assim que eles terminaram de falar, gesticularam freneticamente na direção de Reece.

“Eles estão me dizendo para dar-lhe uma mensagem.” Disse a Centra. “Eles querem que você saiba com alegria e prazer que você está prestes a ser morto. Você será o sacrifício do dia. Eles querem que você saiba disso antes de morrer, de modo que você possa derivar satisfação em saber que será o alimento para o seu deus. E eles querem que você sofra por sua morte, mesmo antes que a experimente.”

Reece esboçou um leve sorriso em meio a sua dor.

“É muito gentil da parte deles.” Respondeu ele.

“O que eles estão dizendo?” O’Connor perguntou em voz alta. “Que tipo de sacrifício?”

Centra falou novamente com os Faws em sua língua nativa e eles imediatamente lhe responderam. Centra hesitou, então olhou para o poço com apreensão.

“Eles pretendem jogá-lo dentro do poço de lava —”

Centra fez uma pausa, claramente não querendo traduzir o resto, mas os Faws, insatisfeitos, espetaram-lhe com o punhal. Ele continuou:

“— e assistir enquanto a pele de seus corpos queima lentamente.”

O grupo de Faws soltou um coro de risadas alegres, obviamente deleitados com o espetáculo que estava por vir. Seu riso era como o chilrear dos passarinhos e irritava os nervos de Reece.

Uma dúzia daquelas pequenas criaturas laranja correu e ficou de frente para seu líder, o qual era maior do que todos os outros; ele estava sentado em cima de um poste de madeira. O líder disse algo em uma língua que Reece não entendia, então os outros se viraram e olharam para Krog.

“Eles decidiram matar Krog primeiro.” Disse Centra. “Eles dizem que o mais fraco sempre deve ser sacrificado primeiro.”

Krog engoliu em seco e se retorceu, tentando se libertar.

“Ainda acha que foi uma boa ideia vir até aqui?”

Krog perguntou a Reece.

Reece não podia permitir que isso ocorresse; ele sabia que tinha de fazer algo rápido.

“Leve-me primeiro!” Reece exclamou.

Os Faws ficaram quietos enquanto Centra traduzia.

“Por que eles devem levá-lo?” Centra traduziu de volta.

“Diga-lhes que seus deuses estão errados.” Reece exclamou.

Centra traduziu as palavras de Reece, logo se ouviu um suspiro indignado.

Um dos Faws adiantou-se e apertou o punhal contra o estômago de Reece, com força suficiente para causar-lhe dor. Mas Reece não se intimidou.

“Diga-lhes que os grandes deuses exigem o sacrifício do mais forte!” Reece gritou desesperado. “Não do mais fraco! Vocês estão desonrando grandemente o seu deus ao dar-lhe os mais fracos. Eu sou o mais forte aqui. Leve-me primeiro!”

Centra traduzia furiosamente.

Houve uma longa pausa, enquanto o líder olhava friamente para Reece. Finalmente, ele acenou para Reece com um olhar de respeito.

“Talvez você tenha razão nisso.” Centra traduziu. “Sim, você vai servir muito bem.”

Os Faws soltaram Krog e se voltaram para Reece.

“Deixe-o!” Krog exclamou.

Mas os Faws o ignoraram e marcharam até Reece.

“Psssiu!”

Reece ouviu um assobio, ele se virou e viu Indra a aproximadamente três metros de distância. Ela movia os pulsos por trás de suas costas, ainda que levemente, ele olhou atentamente e notou que ela tinha um pequeno punhal escondido na palma da mão. Enquanto Indra esfregava os pulsos para cima e para baixo, ela cortava seu barbante, um fio de cada vez. Eles não tinham atado

os tornozelos dela, como tinham feito com os outros, provavelmente porque ela era uma mulher.

Indra olhou astutamente para Reece e ele lhe devolveu o olhar. *Quando for a hora certa*, ele sussurrou para ela. Ela assentiu com a cabeça, entendendo tudo.

Os Faws vieram por trás de Reece e levantaram o poste do chão com Reece ainda atado a ele e o levaram pendurado.

Eles marchavam com Reece e o poste sobre seus ombros, aproximando-se cada vez mais do poço de lava derretida. Quando eles se encontravam a menos de um metro de distância, Reece sentiu o calor ficar tão forte que ele teve de virar o rosto.

Reece foi levado para ainda mais perto da borda do precipício e logo foi erguido bem alto, ele sentiu que estava prestes a ser içado sobre a borda.

“Foi bom tê-lo como nosso convidado!” Centra traduziu.

O coro de risos irritantes, similar ao chilrear dos pássaros, começou de novo.

De repente, ouviu-se um grito, Reece ficou surpreso ao perceber que não era o dele.

Reece viu um punhal metido na têmpora de um dos Faws ao lado dele, a criatura havia desmoronado aos pés de Reece.

Reece olhou e viu que Indra havia se libertado, havia sido ela quem tinha atirado habilmente o punhal que matou o Faw.

Agora era a vez dele. Reece girou sobre si mesmo, ele ainda se encontrava atado ao poste, ao girar, ele bateu com força nas costelas dos Faws, enviando-os para trás e derrubando-os na lava incandescente, enquanto eles gritavam.

Reece caiu de joelhos e se inclinou para pegar o punhal que estava metido na cabeça do Faw. Ele puxou-o para fora com as pontas dos dedos e rapidamente cortou as cordas que atavam seus pulsos e tornozelos e assim conseguiu ver-se livre do poste.

Vários Faws correram para agarrá-lo, mas eles ficaram surpresos quando Reece levantou-se livre e com um punhal na mão. Ele se levantou e os atacou, cortando a garganta de alguns e apunhalando outros no coração.

Indra entrou em ação. Ela correu e libertou todos os outros, cortando suas cordas, uma de cada vez, com um punhal extra. Os outros membros da Legião não perderam tempo: eles pegaram suas armas e lutaram furiosamente.

Os Faws, embora fossem grandes em número, tinham a metade do tamanho e não eram combatentes ferozes. Sua grande força estava em sua quantidade, não em suas técnicas de combate. Eles se espalhavam em todas as direções possíveis, saindo de suas tocas como formigas raivosas; eles pulavam nas costas dos soldados do Anel com suas garras e dentes afiados, dando-lhes arranhões e mordidas.

Mas Reece e seus homens eram implacáveis, eram bravos guerreiros que tinham enfrentado o pior; cada um conseguia lutar e repelir o ataque dos Faws.

Dezenas de Faws caíam ao seu redor.

No entanto, os Faws ainda continuavam chegando, milhares deles, procedendo de todos os lados das falésias e das cavernas.

Havia um fluxo interminável deles e Reece percebeu que não seria fácil. Apesar de sua força, o número de seus soldados era bem menor. Ele tinha de agir rápido. Ele tinha de recuperar a espada e levar todos para fora daquele lugar, ele devia tirar todos dali o mais rápido possível.

Reece se virou procurando a Espada, ele viu que a pedra estava precisamente sobre o lado do Canyon e ainda estava sendo içada. Ele tinha de deter o processo. Ele não podia deixar que a espada chegasse até ao topo.

“Cubram-me!” Gritou Reece.

Elden, O’Connor, Indra, Serna e Conven correram para a frente, eles circularam em torno de Reece e abriram caminho para ele com suas espadas enquanto ele avançava para a parede do desfiladeiro. Reece soltou um grande grito de guerra e brandia furiosamente sua espada enquanto abria caminho através de dezenas de Faws, a multidão ficava mais espessa a cada momento.

Reece finalmente alcançou a parede do Canyon, ao chegar ali ele pulou sobre uma base na rocha escorregadia e escalou a parede do Canyon até uma altura suficiente para estar fora do alcance dos

Faws. A pedra com a espada talvez estivesse seis metros acima dele, Reece percebeu que precisava cortar a corda. Ele puxou a espada, inclinou-se para trás, e preparou-se para derrubá-la.

De repente, um Faw escalou a parede, agarrou o tornozelo de Reece e puxou-o para trás. Reece escorregou; ele foi caindo pelo ar e desabou no chão, de costas, sem fôlego.

Reece olhou por cima e viu que o rochedo agora estava muito longe do seu alcance, as cordas estavam elevadas demais para que ele pudesse cortá-las. Além disso, a parede agora estava cheia de Faws. Ele havia perdido sua chance.

Ele teve uma ideia.

“O’Connor, seu arco!” Reece gritava enquanto repelia seus atacantes.

O’Connor chutou dois Faws para fora do seu caminho, logo ele seguiu o olhar de Reece e viu o que Reece queria dizer. O’Connor agarrou o seu arco e mirou. Ele disparou uma flecha, apontando para a corda, tal como Reece queria que ele fizesse.

O’Connor falhou por trinta centímetros. Ele foi atacado por mais Faws, eles o derrubaram no chão, então Reece e Elden correram para a frente e mataram seus atacantes.

“Socorro!” Krog gritou.

Reece se virou para ver Krog fazendo seu melhor para combatê-los, mas ele mancava pesadamente de uma perna. Dois Faws estavam em suas costas, tentando morder seu pescoço.

Reece e Indra correram para a frente e cada um deles derrubou um Faw das costas de Krog, Reece usou o punho de sua adaga e Indra esfaqueou um deles nas costas.

Krog olhou para Reece com gratidão.

Reece correu de volta para o lado de O’Connor, ajudando a combater os Faws e ajudando-o a ficar de pé novamente.

O’Connor pegou seu arco, mirou mais uma vez com as mãos trêmulas e disparou mais três tiros com suas últimas três flechas.

Depois que ele disparou pela terceira e última vez, ouviu-se o estalo da corda partindo-se ao ser atingida pela terceira flecha; foi um tiro perfeito e quase impossível.

Logo foi ouvido um grande barulho sibilante e de repente, o rochedo veio caindo do céu como um meteoro e impactou o chão do Canyon produzindo um estrondo reverberante.

Reece estava exultante. Eles haviam evitado que o rochedo subisse para o lado errado da parede do Canyon. Agora eles tinham de ir buscar a espada e ir embora.

“A Espada, rápido!” Reece exclamou.

Ele e seus homens abriram caminho em direção a ela, no meio dos Faws, atacando pela esquerda e direita, até que finalmente, todos chegaram até o rochedo. Elden e O’Connor se mantinham na linha de frente, lutando contra os Faws, enquanto Reece e os outros se agachavam e tentavam erguer o rochedo. Mas ele era muito pesado e nem sequer se movia.

Mais e mais Faws estavam se aproximando deles

“Esses postes!” Disse O’Connor. “Eu os vi levantar o rochedo com eles, mais cedo. O peso da Espada é grande, mas apenas se ela for tocada diretamente. Se usarmos uma barreira, como os postes, o seu peso diminui.”

Reece se juntou a Conven, Indra, Serna e Krog enquanto eles metiam os postes por debaixo do rochedo.

Como se fossem um só, todos começaram a movê-lo. Reece ficou perplexo; O’Connor estava certo. A espada não havia sido feita para ser tocada pela mão humana. Mas, se eles usassem algum material que a isolasse, como aqueles postes de madeira, eles poderiam erguer o rochedo, tal como fariam com qualquer outra rocha.

Eles ergueram o rochedo sobre seus ombros com a ajuda dos postes e começaram a marchar para longe com ele.

Reece viu que eles estavam em apuros. Apesar de todas as adversidades, eles tinham conseguido o impossível; mas agora, não havia saída possível. Havia milhares de Faws diante deles e cada vez mais estavam chegando, além disso, ele tinha uma longa caminhada até o outro lado do Canyon, uma caminhada ainda mais difícil para subir; se é que eles conseguiriam levar a espada para cima. Eles não poderiam fazer isso no meio de um combate. Na verdade, eles

seriam sortudos se pudessem lutar e de alguma maneira, sair dali com vida.

Não havia nenhuma maneira de levar a espada. No entanto, Reece sabia que não podia simplesmente deixá-la ali, ele não podia voltar de mãos vazias. Mas ao mesmo tempo, Reece tampouco podia deixá-la nas mãos dos Faws, já que eles a subiriam para o outro lado do Canyon e desativariam o escudo.

Reece examinava freneticamente seu entorno, desesperado por uma solução.

E então, ele encontrou uma repentinamente.

Reece viu o poço de lava incandescente no centro do campo de batalha e por mais que lhe doesse, ele sabia que não tinha escolha. Se ele não pudesse levar a espada de volta, ele teria de destruí-la.

Mas ao destruir a espada para sempre ele não destruiria o Anel, também? Não destruiria o escudo? Ele não sabia. Mas ele não tinha outra escolha. Era uma situação desesperadora e tudo o que ela sabia era que, se ele não fizesse alguma coisa, a espada permaneceria para sempre nas mãos erradas, o escudo seria definitivamente desativado e o Anel seria definitivamente destruído.

Ele teve de arriscar-se mesmo diante da incerteza.

“PARA O POÇO DE LAVA!” Reece ordenou.

Com um último impulso desesperado, Reece e os outros carregaram o rochedo em seus ombros e marcharam em direção ao poço, Elden e O’Connor lutavam contra os Faws que os rodeavam. Cada passo sobre o chão lamacento do Canyon era uma luta. Eles percorriam o caminho devagar, pé ante pé; logo o rosto de Reece ficou quente com o calor da lava.

Eles ficaram ali, à beira do precipício, seus braços tremiam devido ao esforço, enquanto Reece olhava para a lava incandescente.

Os outros perceberam, horrorizados, o que ele estava prestes a fazer.

“Você tem certeza de que deseja fazer isso?” O’Connor gritou.

Reece não tinha certeza. Mas não havia outra saída.

“PARA DENTRO DO POÇO DE LAVA!” Reece ordenou.

Todos eles seguiram as ordens e como se fossem um só, todos começaram a preparar-se para lançar o rochedo pela borda do poço. Reece sentia o peso enorme sobre os seus ombros e braços enquanto todos erguiam o rochedo e a espada nele alojada, para finalmente atirá-lo pela borda do poço de lava incandescente.

Quando o rochedo afundou, toda a terra tremeu sob os pés deles, foi o maior terremoto que Reece já tinha sentido, um abalo forte o suficiente para derrubar todos no chão.

Enquanto Reece olhava para as chamas e observava a espada derretendo, tudo o que ele podia pensar era: *o que foi que eu fiz?*

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Thor estava ali, de espada na mão, de frente para Gwendolyn, quem estava ajoelhada diante dele, com os olhos inchados de lágrimas. Ele tentava se lembrar. Ele via o rosto dela e em alguma parte oculta de si mesmo, ele sabia que ela significava algo para ele. Mas ele não conseguia lembrar exatamente o que. Será que ele a conhecia?

Todos os soldados que se encontravam ao redor, ali na ampla clareira, pararam a luta, todos olhavam a cena, a guerra ficou paralisada enquanto Thor enfrentava Gwen, a Rainha dos MacGils. Thor olhou nos olhos dela, eram olhos bonitos, ele examinou seu rosto e tentou recordá-lo.

Algo voltou a sua mente... em flashes... Ele não tinha certeza do que era. Ele não podia discernir.

"Thorgrin, sou eu." Gwen disse chorando. "Volte para mim. Sou eu, Gwendolyn. Eu amo você. Eu sinto muito por tudo o que eu disse. Você não se parece em nada com seu pai. Eu amo você. Eu *amo* você."

Thor estava ali, o suor rolava pelo seu rosto e suas mãos tremiam enquanto ele segurava a espada sobre Gwen. Uma parte dele a compreendia; mas outra parte dele não a reconhecia.

"THORNICUS, MEU FILHO!" Andronicus gritou. "Não acredite nela! Ela é o inimigo. O inimigo de seu pai. Ela está cheia de mentiras. Ela veio aqui para trair você. Se você for meu único filho, você deverá responder a mim agora. Mate esta mulher. Mate-a por mim. Mate-a e demonstre sua lealdade a mim de uma vez por todas, e para sempre."

Thor ouviu as palavras de seu pai, elas ressoaram dentro dele, como um comando que controlava seus membros, um comando que ele não poderia ignorar. Era como se ele próprio tivesse falado as palavras. As palavras eram mais do que um comando. Elas eram como a sua própria vontade, expressa em voz alta.

Thor ficou ali, com os braços tremendo, finalmente, ele sabia o que tinha de fazer. Seu pai tinha falado. E isso era tudo o que

importava agora.

De repente, Krohn rosnou e pulou sobre Thor.

Thor girou e reagiu com suas habilidades de batalha; ele golpeou Krohn com sua luva de combate. Krohn ganiu e saiu voando pelos ares. Gwendolyn gritou quando Krohn caiu de lado, a vários metros de distância, choramingando.

Thor levantou a espada novamente, dessa vez para dar o golpe final. Por seu pai. Era hora de demonstrar que ele era seu único e verdadeiro filho, para sempre. Sem importar o que fosse preciso. Gwen chorava, mas já nada importava. Thor faria o que ele tinha de fazer.

“THORGRIN!”

Uma voz cortou o ar, forçando Thor a parar. Era uma voz feminina, uma que ele não conhecia. Uma voz que ele nunca tinha ouvido antes, mas que ao mesmo tempo parecia profundamente familiar.

Thor se virou e viu uma mulher sair da multidão. Ela se aproximou dele lentamente, seus grandes olhos azuis estavam fixos nos dele enquanto ela percorria todo o caminho através da clareira, sem vacilar, olhando para ele.

Ela ficou ao lado de Gwendolyn. Ela colocou suavemente a palma da mão no ombro de Gwendolyn e continuou olhando para Thor com intensidade, os olhos dela brilhavam através dele.

“Você não deve causar-lhe dano.” Disse a mulher calmamente, confiante e autoritária. “Você não deve causar-lhe dano, porque eu lhe proíbo. Eu, Alistair, o proíbo de fazer isso.”

Thor olhou nos olhos da mulher, o som da voz dela ressoou através do corpo dele, lutando dentro dele, contrariando a voz de Andronicus. Era o som mais intenso que ele já tinha ouvido em sua vida; sua vibração tocou algo dentro de Thor e ele não conseguia entender. De alguma forma, aquela voz estava anulando o poder sobre ele, rompendo o feitiço de seu pai. Pela primeira vez, ele estava começando a recobrar a clareza de seus pensamentos. Para Thor, era como se uma névoa estivesse levantando, como se muitas camadas dela estivessem lentamente dissipando-se.

Thor queria que ela falasse mais — ele *desejava intensamente* que ela falasse mais.

“Alistair.” Ele repetiu o nome dela.

De alguma forma, o nome soava na cabeça dele. Ele não sabia por que.

“Thorgrin.” Alistair disse. “Você não vai prejudicá-la, porque isso não é parte de quem você é. Isso é o que Andronicus quer que você seja. Mas você não é o seu pai. Você é Thorgrin, do Reino Ocidental. Você não é seu pai e você não é sua mãe. Você é você mesmo. Eu sei disso, porque eu conheço você.”

Thor piscou, o suor fazia com que seus olhos ardessem enquanto uma batalha era travada dentro dele. Quanto mais Alistair falava, mais ele sentia a influência de Andronicus diminuir. Thor estava ali, hesitante, com a espada em suas mãos, elas tremiam violentamente.

“Thorgrin.” Disse Alistair enquanto dava um passo à frente e colocava a palma da mão suavemente sobre o pulso dele. Quando ela fez isso, Thor não pôde resistir. Lentamente, ele encontrou-se baixando a espada e relaxando sua pressão sobre o punho dela.

De alguma forma, ela era única: a única pessoa que poderia chegar até ele. Ela tinha um tipo de energia, algo que ele não conseguia entender. Com cada palavra que ela falava, ela fazia com que ele voltasse a ser ele mesmo e pudesse ver a realidade diante de si.

Thor olhou em volta e pela primeira vez, ele foi invadido pela clareza. Ele viu Gwendolyn, o único e verdadeiro amor de sua vida, de joelhos diante dele, chorando. Ele viu a si mesmo, com horror, segurando uma espada e apontando-a para ela. Ele viu Krohn, ganindo, deitado de lado. Ele se viu enfrentando seu próprio povo.

Era mais do que ele poderia suportar. Thor desprezava a si mesmo. Ele queria meter a espada em seu próprio coração; ele preferia se matar a apontar uma espada para Gwendolyn. Ele sentiu uma lágrima correr pelo seu rosto, sentia uma culpa terrível brotando dentro dele. Ele sentiu que havia traído todos, traído todo o seu povo, todos os que o mais o amavam.

Acima de tudo, ele havia traído Gwendolyn: a mulher que ele amava mais do que tudo. Ele queria cair de joelhos e implorar seu perdão, implorar o perdão de todos.

Thor virou-se e olhou para Alistair e quando seus olhos se encontraram com os dela, ele sentiu-se inundado com novas camadas de clareza. Por fim, o véu havia sido levantado. Finalmente, Thor estava voltando a ser ele mesmo. Quem era essa mulher?

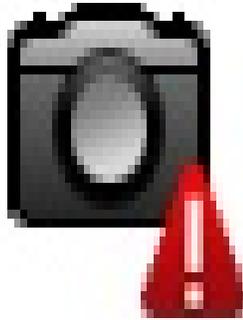
“Thorgrin, você não causará dano a ninguém.” Disse ela. “Porque você não é um deles. Você é um de nós. Eu sei disso porque eu sei quem você é. Eu sei disso, porque você e eu, nós compartilhamos o mesmo pai. E a mesma mãe.”

Ela olhou no fundo dos olhos dele e Thor sentiu-se em transe. Ele sentia que estava à beira de uma grande revelação, uma que iria mudar toda a sua vida para sempre. Enquanto olhava para a terra, para todo o Anel, de repente o chão tremeu violentamente, inexplicavelmente, como se algum evento cósmico tivesse acabado de acontecer, era como se o Anel estivesse prestes a dividir-se em dois.

Mas não antes que Alistair pudesse dizer uma coisa:

“Eu sei tudo isso Thorgrin, porque eu sou sua irmã.”

JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!



UM CÉU DE FEITIÇOS

Livro #9 da série O Anel do Feiticeiro

Em UM CÉU DE FEITIÇOS (LIVRO #9 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO), Thorgrin finalmente volta a ser ele mesmo e deve enfrentar seu pai de uma vez por todas. Uma batalha épica ocorre, quando dois titãs se enfrentam e Rafi usa seu poder para convocar um exército de mortos vivos. Com a espada Destino destruída e o destino do Anel em risco, Argon e Alistair terão de convocar seus poderes mágicos para ajudar os bravos guerreiros de Gwendolyn. No entanto, mesmo com a ajuda deles, tudo poderia estar perdido se não fosse pelo retorno de Mycoples e seu novo companheiro, Ralibar.

Luanda luta para prevalecer contra seu captor, Romulus, enquanto o destino do escudo está ameaçado. Enquanto isso, Reece se esforça para levar seus homens de volta até as paredes do Canyon, com a ajuda de Selese. Seu amor por Selese se aprofunda; mas com a chegada de um antigo amor de Reece, sua prima, um triângulo amoroso trágico e muitos mal-entendidos se geram.

Quando as forças do Império são finalmente expulsas do Anel e Gwendolyn tem a chance de obter sua vingança pessoal contra McCloud, há grandes motivos para comemorar. Como a nova Rainha

do Anel, Gwen usa seu poder para unir os MacGils e McClouds pela primeira vez na história e começa a reconstrução épica de sua terra, de seu exército e da Legião. A Corte do Rei volta lentamente à vida, mais uma vez, enquanto todos eles começam juntar suas peças. Ela está destinada a se tornar uma cidade mais gloriosa do que até mesmo o Rei MacGil havia sonhado, e no meio desse processo, a justiça finalmente encontra Gareth.

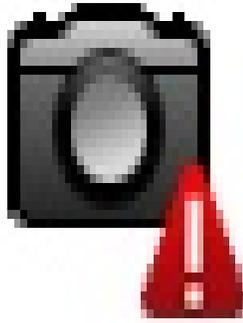
Tirus também deve ser levado à justiça e Gwen terá de decidir que tipo de líder ela será. Surge um grande conflito entre os filhos de Tirus, os quais não veem as coisas da mesma maneira e a luta pelo poder irrompe mais uma vez enquanto Gwen decide se aceitará um convite para visitar as Ilhas superiores, tornando assim o clã MacGil completo novamente. Erec é convocado para retornar ao seu povo nas Ilhas Austrais e visitar seu pai moribundo, Alistair se junta a ele, ambos se preparam para o seu casamento. Futuramente, Thorgrin e Gwendolyn poderão realizar os preparativos do seu casamento também.

Thor se torna mais achegado a sua irmã e quando tudo se acalma no interior do Anel, ele é convocado para embarcar em sua missão, a maior de todas: procurar sua misteriosa mãe em uma terra distante e descobrir quem ele realmente é. Com vários preparativos de casamento no ar; o retorno da primavera; a reconstrução da Corte do Rei e os festivais em andamento, a paz parece resolver restabelecer-se no Anel. Mas o perigo espreita nos lugares mais inusitados e grandes tribulações ainda podem sobrevir a todos esses personagens.

Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de época, UM CÉU DE FEITIÇOS é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioria, corações partidos, decepção, ambição e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma

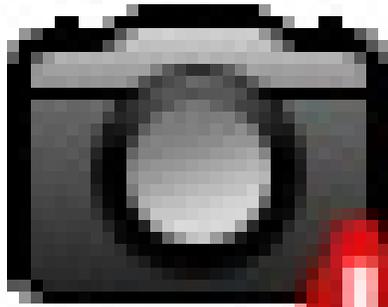
fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que vai interessar a todas as idades e gêneros.

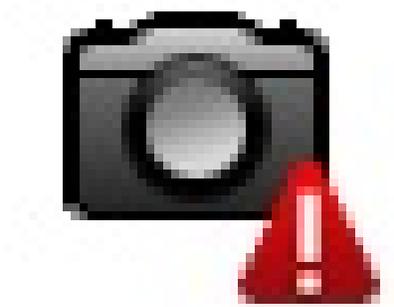
Os livros #10 a #14 da série já estão disponíveis!



UM CÉU DE FEITIÇOS

Livro #9 da série O Anel do Feiticeiro





Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!!

Agora disponível em:

Amazon

Audible

iTunes

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)
- UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série #1 e best-seller - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); da série #1 e best-seller - O ANEL DO FEITICEIRO, composta por quatorze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: Alemão, Francês, Italiano, Espanhol, Português, Japonês, Chinês, Sueco, Holandês, Turco, Húngaro, Checo e Eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com, faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter e permaneça em contato!